LUIZINHA

F. A. ARARIPE JUNIOR

LUIZINHA

ROMANCE DE COSTUMES CEARENSES

1878.

RIO DE JANEIRO

Typ.—VERA-CRUZ —Rua da Misericordia n. 37.

I / A NÁIADE

A LAGOA DE JASSANAÚ resplandecia em todo o seu brilho tropical. O inverno começava. Os cajueiros enchiam-se de flores, os ipês arriavam-se dos seus festões amarelos e as carnaubeiras, erguendo-se louçãs, faziam realçar entre as mais árvores o seu viço e a sua riqueza: dir-se-iam, as rainhas do reino vegetal. Um perfume ignoto difundia-se pela atmosfera, a frescura das águas, adormecidas em seus naturais repositórios, comunicava-se ao ar embalsamado. Convidadas por tamanhas delícias as aves começavam a percorrer o espaço povoando a solidão de um harmônico ruidar que aprazia ao coração.

Tudo ria-se no meio dessa natureza virgem e deslumbrante.

O dia ia amanhecendo.

Quando os primeiros raios do sol enfiaram pelo folhiço espesso das moitas de cajueiro, por entre os galhos mostrou-se um rosto formoso de menina, que ainda com os olhos enlanguescidos pelo sono, banhava as faces nas dulcíssimas águas da lagoa.

Era a primeira criatura que naquela mansão angélica saudava o nascer do astro rei.

Raiava um formoso domingo. Neste dia os homens do campo costumam acordar um pouco mais tarde. Justamente porém por ser assim era que ela erguia-se tão matinal.

Não há quem possa descrever o que é para uma moça essa misteriosa transição da infância para a idade adulta, quando, com a vida em botão, experimenta os primeiros estremecimentos, que vão desprender-lhe as pétalas cor-de-rosa que o tempo se encarregará de desfolhar uma a uma.

Seu coração palpitava como assustado, e os lábios, uma vez por outra, traíam um sorriso de íntima satisfação. Estas contradições não significavam talvez outra coisa senão que um grande desejo estaria em véspera de ser satisfeito, e um segredo próximo de fazer explosão.

Haviam-lhe soado aos ouvidos em um dos serões passados palavras de um encanto indizível. Falara-se por acaso em levá-la à

festa na vila. Anelos há muito tempo comprimidos pela primeira vez iam encontrar uma válvula. Para uma criaturinha como ela, criada entre arvoredos, sem nunca ter pisado em povoado, é fácil imaginar de quanto valor não deviam ser semelhantes esperanças. Estremecia de prazer imenso; e como não assim, se lhe iam desvendar um mundo desconhecido? Mil idéias extravagantes já lhe tinham perturbado o sono da inocência. Concebendo uma vaga idéia do que poderia ser — a vila — apenas sabendo que existia uma coisa por este nome conhecida pelas imperfeitas relações dos comboieiros que atravessavam a estrada, a pobre menina entregara-se durante toda a noite aos mais brilhantes sonhos.

Mal sabia, coitadinha! quanto não ia já de traiçoeiras sugestões do mau espírito nestes haustos febricitantes! Deixar a obscuridade do recinto em que nascera; preferir aos recessos da lagoa, onde vira a luz do dia, o quê?... O mal, a perversão, um louco burburinho!

Luizinha aspirava...

Seus olhos tinham-se tornado vermelhos pela reação produzida pelas águas enregeladas; as rubicundas mãozinhas afagavam as macias e morenas faces, comprimiam os lábios rosados, e, arregaçando as mangas do cabeçãozinho, mostravam os mais bem contornados braços que a exímio artista já foi dado esculpir. Na imprudência do arregaço surgia um seio túmido e perfumoso capaz de enlouquecer o mais casto José.

Mirou-se depois por mais de uma vez na linfa pura enamorando-se das próprias perfeições, e, porventura não contente de si, endireitou o talho do cabeção, tornando a olhar-se; rendida então à própria formosura, sorriu-se para o líquido espelho fazendo um gesto de quem não queria acreditar naquilo que seus olhos todos os dias ali testemunhavam.

Uma graça irresistível manifestava-se em seus meneios.

O cristal das águas estava de um brilho fascinante. Há na limpidez das fontes e dos regatos promessas de deleites, contra as quais não é possível reagir. Luizinha, erguendo-se da parcial ablução, sentiu um desejo extraordinário de atirar-se ali. Quis sair, e, do mesmo modo que uma criança, a quem mostrassem por negaça um lindo brinquedo pelo qual estivesse a arder de cobiça, murmurou consigo: Nem me tenta!

Mas não chegou a afastar-se quatro passos; voltou de súbito, em um só movimento sacou a roupa, e, mais ligeira do que o raio, sumindo o corpo nas águas, foi aparecer adiante boiando como uma náiade a desembaraçar os negros cabelos.

Rompendo o espaço que a separava do líquido elemento deixara apenas o rasto como de uma visão em noite serena. Os olhos ávidos que porventura a espreitassem mal teriam tido tempo de

abranger-lhe as formas esbeltas que se desnudavam dos incômodos adornos para envolver-se no refrigerante lençol.

Por alguns instantes esteve a feiticeira a revolutear à tona d'água, não se cansando de flagelar a onda cristalina que agora ligeiramente esfolhada osculava o gentil corpinho confiado às suas blandícias. Ora deixava-se ir levando docemente pelo vento que riçava a face da lagoa: ora mergulhava qual astuciosa precapara fugindo ao caçador; ora finalmente propulsava o braço ágil, e, em um nado ondulante e grácil, ia tomar pé a outra margem da lagoa. Seu pensamento infantil, distraído um pouco pelos aprazimentos do banho e daquela natureza tão risonha, afastara-se momentaneamente das suas anteriores preocupações.

Um incidente, porém, veio de repente avivar-lhe os anelos que tinham de animá-la por todo aquele dia. O folhiço de uma moita próxima estremecera. A menina assustada volveu-se e viu esgalhos de um pequeno cajueiro ainda com as vibrações que lhes imprimira quem quer que por ali passara.

O pudor da donzela confrangeu-se. Luizinha procurou esconder o corpo por detrás das ervas aquáticas que sobrenadavam impelidas pelo vento, e seu olhar circunvagou espantadiço. Ao mesmo tempo soou-lhe aos ouvidos uma voz chamando-a do lado oposto. Seus olhos rutilaram e o coração arfou.

— Minha mãe! murmurou ela.

E, pouco a pouco, insinuando-se por entre as ninféas, foi-se aproximando do lugar de onde saíra.

II / UM PAR DE GALHETAS

A VOZ QUE DESPERTARA a náiade tinha partido de uma casinha, que, cercada de carnaubeiras, mirava-se à beira das águas puras resplandecentes da lagoa.

Não passava de uma locanda simples, sem coisa que porventura a diferençasse à primeira vista das mais habitações existentes em roda; era contudo para ver-se a delicada estrutura e o primor com que o artista agreste soubera combinar a arquitetura da morada do pobre com as poéticas harmonias do desenho o mais cheio de ideal.

Era de palha a ridente habitação. Duas janelinhas e uma porta de frente, precedidas de um copiar por cujas colunas de aroeira se trepavam as hastes e flores roxas do maracujá: um alpendre no fundo acompanhado de um puxado: agora ao lado um impro-

visado jardinzito, onde as débeis mãos de Luizinha haviam plantado alguns pés de manjericão e resedá e duas ou três roseiras; mais adiante um cercado de ovelhas; do outro lado o das plantações de milho e mandioca, e afinal a choça do *Caitetu*: encastoe-se tudo isto na mais alegre e pitoresca das vargens e ter-se-á a cópia fiel do sítio onde se verão desenrolar as cenas mais importantes desta história.

Fora do copiar que a mãe de Luizinha gritava instantemente por ela.

Naquele dia, não sei se pela fadiga causada pelo trabalho da semana ou se por ter-se prolongado o serão até tarde, o que é certo é que o repouso da velha estendera-se muito além das horas costumeiras.

Despertando, o seu primeiro cuidado fora procurar a menina que agasalhava-se em um quarto contíguo ao seu. Também a casa nos compartimentos não era tão pródiga que pudesse oferecer grandes cômodos aos seus habitadores. Além do aposento de Luizinha, em que apenas se encontrava uma redezinha tecida do mais cândido algodão colhido por suas próprias mãos, uma caixa de pinho cheia de desenhos que lhe fizera um primo de Tapiri, um pequeno oratório pendurado ao canto da parede, cujo embuço cobria-se de flores secas, existia mais na habitação uma sala na frente com duas tipóias para os hóspedes e o quarto onde dormiam os velhos donos da casa.

Não encontrando a filha, a velha não pôde conter um gesto de enfado e passou ao alpendre, onde junto a uma trempe de pedras, entre as quais fumegava uma panela, encontrou o companheiro de sua vida, seu amigo de vinte anos, que ali estava desperto a saborear as acres emanações do petum[1]. Era um homem de seus quarenta e cinco para cinqüenta anos, mas ainda forte, robusto e sempre disposto para o trabalho.

Mal viu a mulher soltou uma gargalhada gostosa, e, chegando-se a ela todo catita, sentou-lhe uma palmada nos quadris. A amabilidade foi recebida de mau humor.

— Arre lá! exclamou ela. Nem todo o dia se está para folguedos.

— Olá! replicou o velho procurando em amplexo inequívoco relembrar as pacholices de antigos tempos. Nosso Senhor te valha, que hoje amanheceste muito arisca. Que pecados!...

— Arrede-se, Francisco, tornou a mulher, arrefestelada com a injúria que se tentava irrogar a sua decrepitude em perspectiva.

[1] Variante túpica de tabaco, fumo.

— Veja a quem faz suas gatimônias. Melhor seria que fosse correr os rosários de Frei Vidal[2] que o cansaço não dá mais para outra coisa.

— Nanja eu! Lá isto não! Os cinqüenta que tenho no cachaço não me botaram ainda mato abaixo.

— Ora Deus! chetas não lhe faltam. Com toda esta valentia qual foi a qualidade de respeito que já lhe teve sua filha? Deus me livrasse que, tendo eu calças, não fizesse tudo andar aqui num cinzeiro.

— Ai! ai! ai! já vejo onde vai bater o negócio. Mas... velha dos meus pecados, que culpa tenho eu do mau costume que dás à rapariga!

— Hem!? gritou então Germana, pondo as mãos nos quadris e investindo arrebitada para o marido. Outro dia... hem! Porque tal, sim senhor... Aqui não é casa de Gonçalo...[3] É hoje?... hem?... Ora diga lá que você o que é... é um... não sei mesmo que diga...

— Germana!

— Não tem o que responder!...

— Germana! Estás ouvindo?

— É o que lhe digo: não torço diante de ninguém.

— Mau! mau! Esta mulher está hoje de cafiroto[4] aceso. Mulher, sabes que mais?...

— Não tem mais nem menos! O que você devia tratar era de fazer-se um pouco mais duro com sua filha. O que quer dizer uma moça pôr-se fora de casa ainda com escuro?

— Está bem; isto é outro cantar. Venha por aí. Dar-se-á o caso de que a marrequinha me ande batendo a pedra a algum malandro?

— A estas horas! O que dirá o João do Camocim quando lhe meterem nos ouvidos estas artes? Pois este é o procedimento de uma moça que vai casar?

— Lá isto é verdade. E se o marreco nos vem torcer a venta? É uma dos diabos.

Nisto Francisco pôs a mão sobre a testa como para ver em que altura ia o sol e tornou:

— Mas, filha de Deus, parece-me que ainda não passam de sete horas...

---

[2] Expressão popular, relativa a cerimônias católicas em torno das famosas missões de Frei Vidal, missionário que, por longo tempo, peregrinou pelo alto sertão nordestino, sobretudo no Ceará.

[3] Expressão do domínio doméstico popular, correspondente à atual "casa de Noca".

[4] A palavra, que não encontramos a não ser no novo Dicionário Aurélio, aparece, tal como está no texto de Araripe, ou seja: de *cafiroto às avessas.*

— Sete horas! hem? retrucou Germana enfurecida. Olhe que sempre há de estar este homem pronto para opor-se às minhas razões! Que me importa que o dia já esteja alto? Porventura não terei ouvidos? Não a senti abrir a porta ainda quando escuro?

— E por que então não te levantaste para impedir que ela saísse?

Apanhada em flagrante contradição, a velha chegou ao auge do enfurecimento. Procurou esmagar o seu contraditor com um olhar de cascavel prenhe de terríveis ameaças, e, não encontrando outra válvula ao seu desapontamento, resmungou meia dúzia de pragas, que o pobre homem contentou-se em escutar sorvendo as fumaças do cachimbo.

— Isto não é coisa que se ature! Eu sei como se hão de acabar as caraminholas que estão lhe pondo nos miolos...

Rematando por estas terríveis expressões a sua perlenga, Germana avançou para o copiar com voz de estentor, gritou para a lagoa, que três vezes ecoou ao nome de Luizinha.

III / SUSTOS

ATEMORIZADA pela entonação da voz materna, em cujas ondulações se acostumara desde pequena a perceber o mais recôndito pensamento, a menina escondeu-se por detrás de uma moita de carnaubeiras novas para tomar as roupas imprudentemente abandonadas, e pôs-se a escutar. O semblante há pouco tão rubicundo tinha-se-lhe tornado de uma palidez cadavérica; o corpo a tiritar de frio ainda mais aumentava-lhe a angústia.

— Para que fui me banhar! — murmurava ela desembaraçando os cabelos com um desgarro e rapidez indescritíveis e envolvendo-se na rendada camisinha de madapolão.

Ao mesmo tempo ouvia-se a detonação de uma arma de fogo seguida logo dos guinchos doridos como se um animalzinho que houvesse sido ferido. Passado o primeiro sobressalto produzido pelo tiro, ela olhou e notou que uns flocos de fumo se desprendiam de uma das moitas. Imediatamente um sagüi, saltando de carnaubeira em carnaubeira, e, soltando gritos dilacerantes, veio abrigar-se a seu lado.

O coração agitou-se-lhe, e, divisando o vulto do amigo e companheiro de suas horas de tristeza, não pôde conter um gemido.

— Mico! Mico! Meu micozinho!

O sagüi, percebendo a voz conhecida que o animava, saltara da última palha, onde se acoitara, para cair sobre o ombro da sua senhora, que o recebeu em lágrimas e encheu-o de mil carícias.

— O que foi isto? dizia ela apinhando os lábios e ameigando a voz como se o bruto a compreendesse.

— Quem foi, meu amor?... quem foi que te atirou?... Ai! coitado do miquinho... coitadinho...

E, ao passo que o cobria de beijos, examinava-lhe a ferida. Felizmente o chumbo não atingira senão uma das orelhas, deixando assim de interessar algum órgão de onde pudesse originar-se a morte. Verificando isto, seus olhos recobraram o primitivo fulgor, e, despindo-se do pranto, por entre as pérolas líquidas, que ainda rolavam-lhe pelas faces, a feiticeira fez despontar um sorriso de primavera.

Era uma criança Luizinha, uma alma infantil em um esbelto corpo de mulher!

Entretanto não pôde ela conhecer o perverso que assim vinha causar-lhe uma tão dolorosa impressão. Talvez fosse algum coração maligno e ocioso que se aprazia na destruição das inofensivas criaturinhas do bom Deus.

Ainda um tanto abalada pelo desastre de que quase ia sendo vítima o seu feitiço, deixou a moita, e, acalentando o sagüi que se acoitara no encontro dos seus seios palpitantes, promoveu o passo para a casinha de palha.

Um estrupido produzido pelo galopar de um cavalo fez-se então ouvir pelo prado. A menina volveu o rosto e viu afastar-se pela longa estrada de Maranguape um elegante cavaleiro que levava uma clavina ao ombro. Não fora outro o autor do ferimento do mico.

Um esconjuro expressivo saía-lhe dos lábios rubicundos, quando assomou perto dela o vulto azoinado de Germana. A decepção transformada em raiva, concentrada por todo o tempo durante o qual a travessa hesitara em acudir ao chamado, afinal fez explosão, e a velha, cuja maior virtude não era por certo a prudência, prorrompeu em um esbravejar, que nunca mais se acabaria se o bom do Francisco não aparecesse no terreiro.

— Olhem a sonsa! Isto tem jeito! Onde já se viu tamanho desaforo! Era só o que eu queria que me dissessem... Chega... anda... anda para aqui, arrenegada; que não sei onde estou que não... Ah! se eu fosse homem!... Pensa então que por estar para casar já não tem mãe em casa! Está muito enganada... Enquanto o tal do João não tirá-la daqui há de me andar muito direita

e caladinha. Eu quando digo que este meu homem não passa de um panema?[5]

E de um lado para outro, ora batendo com o punho sobre a palma da mão, ora nas coxias e nos portais, fazia um barulho de tremer terra e céus.

Francisco, que bem sabia o que eram raparigas, passado o primeiro pasmo, cedendo ao feitiço dos olhos da menina, não pôde conter um gesto de impaciência, e por um triz não se traiu rindo dos destemperos da mulher...

— Mamãe! disse afinal a menina toda trêmula. O que foi que fiz para vossa mercê estar assim a me xingar?[6]

— Xingar! rugiu a velha; xingar? Ora vocês não estão vendo?! Ainda a santinha me pergunta o que foi que fez! E o João quando souber disto o que há de pensar? Responda... ande se me faz favor...

— Mas eu não estava fazendo nada de mais; tinha ido me lavar...

— Ai! gentes! quem visse esse bioco de sonsa pensaria que era uma Nossa Senhora! Ah! se chego a descobrir tafularia!...

— Não eram horas, não, mamãe; mas eu lhe conto. Perdi o sono e por isso foi que me levantei logo para ver se assim refrescava o rosto, que me ardia como fogo vivo.

— Pieguices não lhe faltam! repetiu Francisco que já não se podia mais conter diante de tão burlesca cena. Vai batendo por aí, filhinha de minha vida.

— Ora suma-se, retorquiu-lhe Germana. Está porque esta tola não me tem respeito algum. Mas... passa para aqui endiabrada — continuou dirigindo-se à filha, e fazendo menção de puxar-lhe as orelhas — passa para dentro já. Agora quero ver se me aparecem moços bonitos caçando de manhã pela lagoa. E se és gente, Zinha, põe o pé fora daqui sem minha licença! Parece que já se lhe arredaram os miolos do lugar só com a idéia da festa, como se não bastasse pensar nos amarradilhos! Isto é coisa que se ature? Pois olha, põe-te com muitos dengues que o castigo é não ires à vila. Hem! Resmungas. Ai! ai! ai! já sei o que tu queres.

— Eu não, mamãe, soluçou a menina disparando em choro. — Quem foi que disse que eu estava resmungando?

— Chore como quiser; e dê no que der, hei de pôr-lhe sizo. Não há domingo para quem anda com o juízo à mostra.

---

[5] Do tupi. Significa infeliz na caça, sem iniciativa.

[6] A palavra é oriunda do quimbundo *kuxinga*, que significa agravar outro com descomposturas.

Luizinha sabia bem de que natureza eram os castigos que lhe costumava impor a mãe. Com o coração constrangido, para não deixar de obedecer-lhe, enfiou os mimosos pés nos tamanquinhos de marroquim, e, banhada em lágrimas, entrou para o quarto em busca da almofada de rendas.[7]

IV / CISMAS

As GROSSEIRAS EXPRESSÕES da velha haviam produzido na menina uma impressão quase impossível de traduzir-se. As lágrimas rompiam-lhe em borbotões, e faziam transluzir nos seus olhos mimosos as angústias de um coração ainda hóspede às verdadeiras misérias deste mundo. As agruras do gênio atrabiliário da mãe, que aliás a adorava, mas com a rusticidade de certos bonzos que dilaceram as próprias carnes julgando ir nisto a maior soma imaginável de felicidade; as asperezas daquela índole malcontida, daquela natureza selvagem, traziam freqüentemente à Luizinha decepções que a prostravam por instantes. Seu peito confrangia-se dolorosamente, e, na ausência de um critério que a idade não lhe podia ainda dar, chegava a ter momentos em que se lhe tornava impossível conter movimentos de repulsão pela autora de seus dias. Um cruel anseio a devorava, mostrando-se-lhe a furto mundos desconhecidos, onde se lhe deparavam felicidades inexprimíveis.

Se ela pudesse ser livre! Voar! Voar!

Nestas sugestões do espírito maléfico se embaía sua alma, e sua imaginação dilatava-se pelas regiões da fantasia.

Deve-se acrescentar que no meio destes fugitivos quadros se destacava um vulto que a fascinava. Por toda a parte sua alma impressionada buscava reunir as feições de uma entidade misteriosa que em sonhos se lhe afigurava dominando sua mente enfraquecida. Era a recordação de uma criança simpática que atravessara um dia os plainos da lagoa transformado em gentil cavaleiro.

A melancólica expressão de um rosto de mancebo, onde apenas despontava um buço sedutor, entretecia-se a cada passo com as ilusões que lhe inspirava o anjo dos tristes.

Isto tudo porém sugeria-se em seu espírito de um modo tão confuso, tão vago, que a si mesmo ela não saberia definir o que no cérebro e no seu coração se passava.

---

[7] Trata-se, no caso, da tradicional almofada sobre a qual as mulheres nordestinas, em especial as do Ceará, através do jogo hábil dos bilros, tecem, sobre desenho em papelão, utilizando espinhos de mandacaru, lindas rendas.

O que significavam afinal essas sensações e anseios reduplicantes?! Dislates de uma imaginação infantil comprimida em horizontes acanhados; elances de um espírito ao alvorecer; — pruridos de um organismo que se antecipava ao natural desenvolvimento da causa que o rege![8]

Luizinha era moça e não o era ao mesmo tempo. A harmonia entre a matéria e a substância imaterial ainda não se tinha completado.

Estes deslumbramentos, contudo, não eram duradouros; faziam-se intermitentes. Passavam como o raio, e a inocência repousava de novo nas alfombras esplêndidas do mundo brilhante dos amores. Sua cabeça declinava para o seio e as lágrimas rolavam-lhe pelas faces mimosas. Vinham-lhe então uns estremecimentos espasmódicos que logo depois mudavam-se em manifestações de hilaridade. Ria-se, ria-se: transposta a crise, consolava-se, acabando por pedir a Deus perdão dos maus pensamentos que a afastavam da mãe.

Quase sempre estas sobreexcitações apareciam-lhe quando o aspérrimo gênio de Germana a torturava pelo modo que vimos.

Entrando para o quarto, vítima de um destes acessos, mal teve ânimo para pensar o ferimento do mico e envolvê-lo na redezinha que pendia amarrada aos pés de um banco, onde o animal acostumara-se a conservar-se com uma paciência admirável durante todo o tempo que sua senhora queria. Confidente único de suas penas, em sua ingenuidade, a menina na ausência de uma amiga de igual idade, em quem derramasse o pranto, aprazia-se confiando ao irracional, incapaz de retribuir afagos, os segredos do coração. Ao menos ia-lhe nisto um conforto; levando horas e horas a entreter-se com o brutozinho, o que era verdade é que assim os pesares a pouco e pouco iam-se dissipando, e o espírito remontava-se para as regiões da infantil e dourada fantasia.

Acomodado o sagüi na pequena tipóia, sentou-se ela na rede e com a cabeça entre as mãos entregou-se a um destes arrastramentos[9] descritos.

Parecia-lhe, no vacilar da razão atropelada pela lembrança fresca dos maus-tratos por que passara, que só havia uma coisa de real: era que sua mãe não a estimava.

— Mas não dizem todos que eu sou tão boa, tão branda, tão dócil, tão obediente?! Por que razão não lhe mereço uma carícia, um afago, uma palavra de ternura ao menos?

---

8 Malgrado a atmosfera romântica, a última parte deste lanço revela o cientificismo naturalista.

9 Preciosismo arcaizante. Substantivação do verbo *arrastrar* (de rastro, com o prefixo *a* e a terminação *ar*, segundo Frei Domingos Vieira em seu *Grande dicionário português*, Porto, 1871.

Mil queixumes tumultuaram-lhe no peito; e, no meio da confusão que a atordoava, via que todos a aplaudiam, todos a louvavam e só sua mãe não a animava, só Germana calcava-lhe o espinho do desprezo.

Infeliz Luizinha!

Como adivinharias o que se passava nas entranhas daquela que te dera o ser, se uma crosta horrível ocultava à tua candura a realidade.

Alguns minutos assim decorreram sem que ela notasse que novos motivos de tempestade já se estavam formando no ânimo da velha.

Germana gostava de ser obedecida incontinenti; passeando inquieta no terreiro de um lado para outro, já um pé de couve, um algodoeiro e um mísero quiabeiro tinham sido vítimas de seu mau humor, e, como não pudesse descarregá-lo no objeto que a irritava, vingava-se nas inofensivas plantas, quebrando, machucando e levando tudo a pés. Tossiu, gritou com os porcos que fossavam em umas beldroegas, mandou amarrar as cabras que berravam no cercado, pregou uma descompostura no Francisco que empenhado em distrações domingueiras aparava uns palitos de coqueiro, e, afinal, vendo que o dia não amanhecera bom para brigas, bradou para dentro com voz aflautada:

— Zinha!

A menina imediatamente apareceu na porta.

V / O BRUXO

OS OLHOS ARRASADOS DE LÁGRIMAS da Luizinha e a sua resignação evangélica foram bastantes para aplacar as iras da velha, que de todo dissiparam-se apenas a pequena foi assentar-se no fundo do copiar para dar começo à tarefa.

Passando por defronte do pai Luizinha parou, e dirigiu-lhe uns olhos tão cheios de piedade, que o velho quase se levantou para opor-se àquele ato de revoltante injustiça; mas, coitado, faltou-lhe a coragem: o mais que fez foi espirrar, coçar-se e suspender o cós da calçola. Disfarçando o pensamento fingiu não ter entendido; a filha, porém, não trepidou em despertá-lo da cavilosa preocupação. Inútil experiência! Pai e filha, tanto um como outro impotentes ante as exacerbações da virago,[10] ficaram a olhar-se por

---

[10] Tratando-se de palavra dia a dia menos empregada, explique-se: *virago*, ao tempo, era chamada a mulher masculinizada: *machão*.

algum tempo, como se assim conseguissem conjurar as tormentas que freqüentemente desabavam sobre ambos. O velho, portanto, não se moveu. Bastavam os afagos que seu gênio completamente diverso da mulher dispensava à menina.

Tão débil quanto trabalhador, tão disposto quanto submisso, o pobre homem teria sido um seguro protetor, se um bem fundado receio não o contivesse em respeitosa distância, logo que se tratava de um capricho de sua Eva. Não era isto sem razão. Diziam as más línguas dos vizinhos que não raras vezes sentia ele a opinião da mulher positivar-se, como diria o nunca assaz chorado Gregório de Matos, em

...sola de fá bordão
Pelo compasso da mão,

rigores estes a que o maricas, a avaliar pelas glosas mais correntes, com irrepreensível prudência se submetia, escondendo assim às vistas profanas sua vergonha e não deixando que essas pequenas misérias viessem a ser o pratinho dos maldizentes. Isto, porém, não era razão para que o nosso João de boa alma deixasse de encarecer as excelências da companheira, o que ainda mais dava realce às virtudes domésticas que adornavam sua pessoa. Facilmente compreendera os altos e baixos do caráter da mulher, e convencera-se que com pachorra e couro grosso tudo se consegue na santa paz do Senhor.

Oxalá que este exemplo fosse mais freqüentemente imitado!

— Papai! exclamou Luizinha. Não vê a filhinha?

— Deus te abençoe, menina, respondeu ele erguendo a cabeça e encolhendo os ombros. Que te hei de fazer, se tua mãe amanheceu hoje com o sangue queimado? Não a inquiziles mais que é melhor; aquilo é pior do que porco queixada! quando se lhe deu de virar a cabeça para um lado, acabou-se.

— Ai! Jesus! Bem triste é viver deste modo!

— Consola-te, tola.

De enternecido Francisco quase dá um golpe de estado. O coração cresceu, mas o temor voltando evitou o ruge-ruge, do qual por certo não seria ele quem sairia cantando vitória.

Com tal padeira de Aljubarrota não havia o que fiar. A meia voz, porém, foi tomando o seu desabafo costumeiro.

— Não é coisa que se ature! Um dia é um dia!... Boto-me a perder ainda uma vez! Ora Deus... o homem nasceu para a desgraça. E vira daqui e vira dacolá, o que é certo é que isto já me vai cheirando a casa de Gonçalo. Um dia é um dia!...

Inania verba!

Triste do Papara se a metade das suas bazófias tivessem chegado aos ouvidos da cara consorte.

Reparando da porta que pai e filha murmuravam, e naturalmente adivinhando que ali contra a sua prepotência conspirava-se, Germana soltou um grito esganiçado, que fez a menina estremecer até a medula e obrigou-a a tomar caminho. Com o coração esmagado, a pobrezinha sentou-se e começou a tarefa. Um véu de tristeza desceu sobre sua alma e as lágrimas de novo inundaram-lhe o rosto formoso.

Foi então que a assaltaram com maior intensidade as saudades de certos tempos passados entre os folgares da infância. Lembrou-se de uma época feliz em que o velho Papara e Germana eram lavradores nas terras de um laborioso proprietário que morava nas vizinhanças da lagoa. A família desse homem tinha-lhe durante a infância dispensado carícias que nunca mais se renovaram, e, não era sem pena que ela se recordava dessas excelentes criaturas, que se tinham ausentado, levando para sempre em sua companhia uma linda criança travessa e inteligente, que era o encanto e constante assunto dos seus folguedos. Malfadadas recordações!

Quão diferente se mostrava para aquela alma, só criada para as blandícias, um dia que amanhecera tão alegre e cheio de seduções?! Olhava então para as árvores e palmeiras que bordavam o caminho e essa natureza há pouco tão garrida e louçã, longe de comunicar-lhe gratas sensações, transformava-se em uma repercussão do profundo desconsolo que lavrava-lhe o coração.

Mistérios insondáveis da criação! Há por aí aprazimentos indizíveis a traduzirem sempre o que existe de multiforme nesse cenário imenso do universo. Reflexo da existência íntima, símbolo da grandeza por excelência que repousa na imensidade, a natureza não é o que é, senão o que desperta nesse sublime sacrário que se oculta sob a crosta das imperfeições humanas.

Um murmurejar melancólico feriu-lhe os ouvidos. De uma moita partiam os gemidos de uma rola que, talvez isolada em seu ninho, acordava os ecos, avisando o fiel companheiro que buscava o cibo[11] para a prole implume. Doeram-lhe n'alma essas notas como punhais cravados sem piedade nas entranhas.

Aprazia-lhe comparar os sofrimentos da avezinha aflita com as próprias mágoas. Esta lamentava o afastamento do esposo: ela pranteava o desamparo de um coração que palpitava por doçuras que ninguém senão uma criança, cuja reminiscência se lhe avivava agora, soubera despertar.

---

[11] A palavra *cibo* está hoje completamente em desuso. É de origem latina e significa pouca quantidade de alimentos, especialmente de aves.

Por uma estranha associação de idéias lembrou-se naquele momento do seu próximo casamento e uma inspiração súbita como o raio penetrou-lhe no espírito.

Ela, que sempre encarara esse ato com o maior indiferentismo, que ao noivo ligara tanta importância como ao cabeção de labirinto que lhe haviam prometido, ou à miçanga que o *carcamano* lhe vendera, sentiu vibrarem as mais recônditas cordas do peito, e pela primeira vez estremeceu ante a idéia de uma união. Apareceu-lhe a oculta aresta do abismo!

O que lhe pretendia aquele homem grosseiro, a quem sua mãe dava o nome de seu noivo?

Desfiando aljôfares sobre a almofada, curvou a cabeça sobre o papelão, e, trocando automaticamente os bilros, foi acentuando com o alfinete a renda aqui e ali nos pontos que seus mimosos dedos iam formando.

A vivenda tornara-se silenciosa. Francisco, tendo tomado os melhores trajos, saíra a dar o seu giro domingueiro, e a velha infatigável por outro lado embarafustava de casa em casa dando à taramela, indagando quem era o pimpão, que em um dia como aquele vinha incomodar com tiros os moradores de Jassanaú.

Achando-se só, Luizinha suspirou como se de cima lhe tirassem um peso enorme.

Não tardou que o mato fronteiro se abrisse, e assomasse o vulto sombrio de um velho de raça indígena, que, desferindo dos lábios um soído particular, aproximou-se sorrateiramente.

Luizinha sobressaltou-se; mas logo tranqüilizando-se como se a aparição lhe fosse familiar, olhou em torno de si, ergueu-se depois, e fez-lhe um sinal de inteligência.

— Toma; disse o velho, revestindo-se de uns ares de mistério. Bota isto ao pescoço, reza todas as noites o *Padre-Nosso* às avessas e tem fé, que nunca mais te hás de queixar dos males que te perseguem. Germana se esquecerá de ti por uma vez, e os sonhos maus irão para a tapera do diabo.

E, ato contínuo, tirando de sob a baeta esfarrapada, que lhe cobria os membros, umas tiras de pano bolorento, das quais pendiam uns patuás de cor problemática, pôs-lhos aos ombros à guisa de um tosão, murmurando orações.

A menina crente e tímida aceitou a oferenda com riso mal disfarçado.

— O que for teu, continuou o bruxo com voz rouquenha, a tuas mãos há de vir. A visão se tornará para ti em felicidade; contanto que tenhas confiança no poder do Tatu...

Proferindo estas palavras, o homem da baeta calou-se, não concluindo o que ia dizer, o que lançou Luizinha em profundo cismar.

Um ruído de passos se fez ouvir sobre as folhas secas, e, pelo mesmo lugar por onde surgira o bruxo, mostrou-se a figura de um desses tipos agrestes de espadachins, que a cada passo e por dá cá aquela palha, estão a coser a barriga do próximo com uma dúzia de tacadas.

A mesma, descobrindo-o, deu um grito e retraiu-se. O recém-chegado mediu de alto a baixo o feiticeiro, e, depois, dando de garra ao resto de bruxarias que este ainda conservava nas mãos, com um movimento brusco arrancou-as e atirou-as no mato.

— Desgraçado! olha para ti e para as tuas feitiçarias, exclamou ele, espalmando uma grande faca de Pasmado.[12] Continua a enganar a pobrezinha, como tens feito a mim, e verás que comprimento tem esta companheira infalível.

Em um salto o velho tinha alcançado os cajueiros.

Luizinha soltou um gemido e caiu desfalecida nos braços do espadachim.

VI / O NOIVO

POR POUCOS INSTANTES durou o delíquio de Luizinha. Copioso suor lhe banhava as fontes; entre as sístoles e diástoles que lhe sublevavam o peito,[12a] abriam-se seus delgados lábios e davam passagem a um suspiro, em que parecia arrancar-se-lhe a alma toda. De repente seus olhos descerraram-se, voltando-lhe as cores naturais. Um gesto de aflição povoou-lhe o cândido semblante. O terror, o asco, um misto de receios e repugnâncias atrozes debuxou-se de um modo enérgico em sua eloqüente fisionomia.

Experimentando a pressão causada pelos braços felpudos, que a tinham anteparado na queda, e o hálito ardente do espadachim, que juntava o rosto ao seu, a menina tentou desvencilhar-se e empurrou para longe aquele peito hirsuto. De um salto então ganhou a relva, e como a caça esquiva, correndo, foi esconder-se dentro de casa.

O noivo, pois não era outro, assim repelido, conservou-se imóvel como uma estátua. A fixidez de seu olhar mal traía a vitalidade de quem naquele corpo possante respirava. A avaliar-se o íntimo de sua alma pelas rugas que sulcavam-lhe o rosto, uma grande

---

[12] Levavam tal nome famoso, no passado século, longas facas-punhais, de cabos ornamentados e de forte lâmina, especialidade de artesãos da cidade interiorana de Pernambuco — Pasmado. Hoje, é em Juazeiro do Norte, CE, que a indústria ganha foros de celebridade.

[12a] A expressão é tipicamente de prosa naturalista...

tempestade se desencadeava ali. Os lábios tremiam e a grosseira face, riçada pela dilatação das narinas, provavelmente habituados como as do tigre às acres emanações do sangue, cobria-se de cadavérica lividez.

Não era sem razão que a menina sentira por ele tão pronunciada repulsão. Com efeito a catadura do novo personagem era de tão difícil acesso, que ninguém ao vê-lo pela primeira vez se eximiria a um involuntário estremecimento.

Cabeça enorme eriçada de cabelos encarapinhados, rosto chato e de um trigueiro carregado, onde sem equívoco se denunciava o cruzamento de três raças diversas; nariz deprimido; fossas temporais intumescidas; lábios arroxeados; olhos fulvos e quase encobertos pela carne que lhe caía das arcadas superciliares, como a fronte do jaguar: junte-se mais a isto uns toques satânicos, e ter-se-á a cópia mais exata da figura sinistra de João do Camocim.

Agora una-se a esse terrível aspecto o trajo de algodão tinto de coco que mal encobria-lhe o peito e o lado hercúleo, do qual pendia a façanhuda faca de ponta, ou antes a *língua de tatu*, como chamam em linguagem do mato o *fidus Achates* de que não prescinde nenhum destes assassinos, e estou certo que não haverá quem lance sobre a heroína desta inocente história a tacha de cavilosa.

Um rumor cavernoso rompera daquele peito enorme; seus passos vacilaram; o pé raivoso verberou o chão, e da boca borbotaram palavras desconexas.

— Sangue! sangue! sangue! bradou o curiboca. — Ai! Deus! que a idéia não se desprende da memória... Foge-me Luíza!... Foge-me... Luiz... Lui...

A voz sumiu-se-lhe na garganta como se um fluxo de sangue lhe houvesse inundado a cabeça; as pernas cambalearam e afinal as entranahs se convulsionaram para vomitar uma imprecação.

— Malditos! desgraçados dos que aqui vivem... se a Luiza me despreza! Infeliz de mim se o que a voz de dentro me diz vem um dia a suceder!...

Bem estranhos e contraditórios deveriam ser os sentimentos que se aninhavam naquela alma.

A ameaça chegara aos ouvidos da menina, e um grito partiu do interior da casa. A obsessão continuava; o amplexo feroz, em que fora envolvida como nos anéis repugnantes da jibóia, o calor do corpo nojento do curiboca[13] o palpitar daquele coração de tigre haviam produzido na pobrezinha uma sensação de enojo impossível de descrever-se.

---

[13] A palavra caiu em desuso. Correspondia ao tempo, à palavra hodierna — *caboclo*.

Entretanto tratava-se do seu noivo! Esse homem medonho muito em breve estaria a ela ligado por laços, que, segundo todos lhe afirmavam, só com a morte se dissolveriam.

Infeliz menina! Em tal momento a presença do escolhido de sua mãe tinha sido uma súbita revelação.

O colosso, que dantes atravessava por diante de seus olhos como uma figura sem importância, por encanto finalmente transformava-se em um monstro ascoroso que ameaçava devorar-lhe a existência e a felicidade. Pela primeira vez olhara Luizinha para João do Camocim com olhos do coração.

Este ato de repulsa lançara o curiboca em completo desespero. Um pensamento oculto ainda mais aumentava-lhe a tormenta do espírito. No cenho rudemente contraído traduzia-se uma mortificante preocupação; seus olhos giraram incertos nas órbitas arroxeadas e a cabeça descaiu para o peito. Sentindo que as forças lhe faltavam, buscou uma pedra que jazia ao lado do caminho e aí deixou-se assentar quase sem sentidos.

O que a febre lhe representou aos olhos d'alma é coisa que não tentaremos descrever. Nessa posição permaneceu por muito tempo, completamente insensível ao que se volvia em torno. Quando ergueu-se, as pernas guiaram-no instintivamente pela vereda por onde fugira o velho bruxo.

Não encontrando logo o feiticeiro, o futuro genro do Papara pôs-se a divagar em torno da lagoa, sem achar coisa que o conseguisse distrair. Nem a caça que corria, nem as aves que chilreavam pelo topo das árvores, nem o vento que lhe refrigerava as faces, nada era capaz de desviar-lhe o curso das idéias.

Súbito ecoou por entre a ramagem o tropel de um cavalo. Despertando de seu atordoamento, João do Camocim pôs o ouvido atento; e, suspendendo o passo, procurou descobrir quem vinha para seu lado. Por um movimento que lhe era habitual, levou a mão ao cabo da faca.

O rumor aproximava-se, as pisadas do animal cada vez mais se amiudavam, e um vulto por fim passou com a rapidez do relampago.

— Ah! Luíza! pérfida! bradou ele lançando-se sobre os rastos da cavalgadura.

Nisto seus olhos rutilaram com um fogo sinistro. Através dos cajueiros vira do outro lado Luizinha acompanhar com a vista e cheia de curiosidade o cavaleiro. Seus pés então reduplicaram de velocidade; a boca espumava e a faca brilhava-lhe no punho erguido.

Um grito pungente estrondou; era a menina que presenciava tudo. O faquista atordoou-se com o brado e o cavaleiro teve tempo de ganhar a estrada a todo o galope.

VII / ONDE SE VÊ QUE A CURIOSIDADE NA MULHER É UM BICHO ROEDOR

HAVIA DIAS que uma coisa dava que pensar à filha do Papara: era um casebre, que, olhando-se pela vereda que da lagoa seguia para o lado da Aratanha, descortinava-se a umas duzentas braças de distância.

Quem quer que aí habitava tinha-se mudado há pouco tempo, e ela, atropelada pelas constantes exigências da mãe, não pudera conhecer os novos vizinhos. Além disto acrescia que ela surpreendera por mais uma uma vez apear-se aí um moço que punha-se a conversar no meio de risadas e gracejos com uma mulher que aparecia à porta.

Estas visitas repetiam-se todas as tardes, e às vezes pela manhãzinha. Como era natural que acontecesse, Luizinha tratou de espreitar, e não tardou em descobrir que o desconhecido, lobrigando-a de longe, mostrava não ser-lhe indiferente, e que, em lugar de voltar pelo mesmo caminho, sempre achava um pretexto para dar uma volta pela lagoa, reparando a menina que, quando o cavaleiro confrontava-a, atirava-lhe uns olhares tão ardentes, que lhe penetravam até o fundo d'alma.

Uma irresistível curiosidade, acompanhada de inquietação, começou então a persegui-la. As tardes se aproximavam no meio de palpites, e seu coração só sentia alívio logo que via o formoso mancebo desfilar por entre as árvores, e em rápida carreira sumir-se no lado oposto da vargem.

Surpreendida pelos anseios que a sufocavam, apenas o moço encobria-se, quantas vezes não inqueria de si mesma o que significava aquilo! Ora, o coração se recusava a responder: e o resultado era esse mistério mergulhá-la em cismas que se desfaziam por fim em lágrimas.

Não raramente acontecia que entre esses pensamentos se insinuasse a imagem terrível do João do Camocim, e uma crispação apoderava-se de seu débil corpinho, que pendia desfalecido sobre a almofada, em que jaziam os dedos esquecidos da tarefa. Via de novo o curiboca precipitar-se de faca em punho para assassinar esse moço inofensivo, cogitações estas que faziam-na perder-se em mil conjecturas sobre o que podia haver de comum entre ela e essas duas criaturas.

Um dia, em que acordara cedo, olhando fixamente para a estrada, foi acometida por um invencível desejo de arrostar os furores da velha e penetrar no mistério que tanto a torturava.

Vacilava a pobrezinha: de um lado a mãe e de outro as promessas do bruxo aconselhando-lhe coragem; quando a esbelta figura do cavaleiro se mostrou no ponto do costume.

Dominada pela febre, a menina esqueceu-se de tudo. Francisco cozinhava uma grande bebedeira e Germana dormia a sono solto. A semente estava plantada. Apenas via-o chegar à casinha de palha não pôde mais conter-se; correu por dentro do mato e foi se colocar defronte para observar o que se passava.

Há neste vale de lágrimas mulheres tímidas das quais é preciso mais que muito arrecear-nos. Dadas certas circunstâncias, raro é que esta timidez não se transforme no mais descomunal arrojo. Fecham os olhos e entregam-se à voragem.

Foi isto justamente o que sucedeu com Luizinha.

— Aconteça o que acontecer!. . . murmurou ela.

E seguia.

Ficava a casinha tentadora no centro de um pequeno recinto formado por uma meia dúzia da cajueiros.

As portas ainda estavam cerradas; não tardou contudo que um galo cantasse no terreiro, os passarinhos chilreassem e o rumor de quem acorda povoasse o albergue. Abriu-se primeiro uma janela, chorou uma criança, e a voz da dona da casa deixou-se perceber rouca e áspera mandando fazer fogo para o café. Afinal descerrou-se a porta, e uma velha, embuçada em uma baeta, botou a cabeça de fora.

— Quem está aí? perguntou, descobrindo o cavaleiro que amarrava a rédea em um galho de árvore.

A palavra foi acompanhada de um destes enormes bocejos que constituem o epílogo do sono.

— Paz! respondeu o moço. A comadre parece que deu agora para preguiçosa.

— Gentes! — tornou aquela, pondo a mão em forma de abajur para melhor reconhecer a pessoa que lhe falava — e o moço me conhece!

— Ora essa! era o que faltava, que de ontem para hoje me houvesse perdido as feições!

— Ah! o compadrinho. . .

E aqui fez um gesto de surpresa.

— Ora, valha-me Deus! Já não passo de um casco velho que não presta mais para coisa alguma!

Nisto a cabeça de uma menina vergonhosa surgiu pela janela; mal apontou, porém, e deu com o rapaz, recolheu-se batendo a porta.

— Grande rapariga matuta. Olha bem, Rosa, que o filho da dona da serra não é nenhum bicho de que se fuja.

Não obstante a injunção, a esquiva não tornou a aparecer.

No meio do seu atordoamento a Micaela não soube o que fizesse para agradar a visita. Puxou um tamborete, mandou à filha que trouxesse o café, e, murmurando mil desculpas provocadas pelo acanhamento, acabou por sentar-se no chão aos pés do moço para quem olhava embasbacada.

— Ó comadre, disse este, notando a confusão da pobre mulher, ainda que mal lhe pergunte, você parece que ainda não se acostumou com esta figura depois que andei por terras estranhas? Pois acredite: é a coisa mais natural deste mundo a transformação da criança em homem. Repare bem — continuou o garoto rindo-se a perder, veja se encontra em mim alguma perna além das que eu tinha, algum braço que não levasse daqui. Só o que tenho diferente é a cabeça, que já não é a mesma.

Ao ouvir as últimas palavras não pôde a velha fugir a um gesto de espanto abrindo desmesuradamente os olhos.

— Credo!

— Credo de quê?

— Santa Maria! Deus me defenda! Só os endemoninhados... Menino, você será agora um lobisomem?! Nem é bom falar nisto.

— Qual! nem uma nem outra coisa. Vamos a ver que sou o diabo em pessoa.

— Figa! cruz, pé de pato!

Persignando-se, a Micaela afastou-se.

— Velha! velha! tornou o rapaz. Não há quem me tire da cabeça que você é feiticeira.

— Vá para longe com seu agouro... Menino, deixe-se de graças! Toninho! gritou Micaela para uma criança que atravessava nua o terreiro.

O capetinha estacou e pôs o braço sobre o rosto fingindo chorar.

— Anda cá, patife! Então não vês teu padrinho. Já!... toma-lhe a bênção.

A criança aproximou-se, e, entre mil trejeitos, beijou a mão do moço, que sorrateiramente introduziu-lhe nos dedos uma moedinha de prata. O menino, como é natural em todos os indivíduos de sua espécie, recebeu o presente com uma avidez imensa, e correu faendo negaças à curiosidade e inveja dos irmãozinhos que estavam no fundo da casa.

A altercação não se fez esperar e dali a minutos voltava o autor da rusga, em choro, queixando-se de que lhe haviam arrebatado a moedinha.

— Espera, marmanjo, disse a comadre, lançando mão de umas correias, que como espantalho pendiam do velho portal, espera que já vou dar-te um ensino.

E de feito, às palavras ter-se-iam seguido obras, se em favor não interviesse o moço.

— Passem para cá diabretes! Nem mais um pio... Agradeçam... senão... senão...

Alfredo dera entretanto sinal de retirada.

— Pois que tomou o rancho, instou a comadre, agora espere pelo café.

— Não; tenho pressa. O tempo passa e é preciso que não deixemos fugir a ocasião. E chegando à porta continuou: Na verdade, comadre, bem me diziam que isto por aqui estava muito mudado. Ora quem viu estes carnaubais como eu vi!

— É tal e qual! Tudo hoje são saudades, principalmente para quem conheceu isto no tempo de seu pai. Olhe; aquela mata que havia lá acima do açude do Guabiroba já é um roçado a perder de vista. A ponte que estava ali embaixo do carnaubal não é a mesma. Vieram aqui uns bichos com barbas de fogo e chapéus brancos, dizendo que era preciso coisa que agüentasse a cheia: trabalharam, trabalharam, e, enquanto o diabo esfrega o olho, armaram a tal trabuzana. Eu, compadre... Deus me perdoe... não sei por que não posso gostar destas invenções de inglês. Diz o padre-mestre vigário que aquilo atrai raio, e o caso foi que o ano passado caíram dois.

— Talvez chamados pelo ferro. Mas isto é até um preservativo para a vizinhança. Se hão de cair os coriscos na choupana do pobre, caiam antes no artefato do estrangeiro.

— Só ao falar nisto fico trêmula — volveu a pobre mulher fazendo uma careta ao ouvir a palavra companuda que soltara o rapaz — Foram ainda estes demônios que meteram o machado na mata de cajazeiras que havia no meio da estrada. Tão bonitas que eram! Os bruxos porém não quiseram saber de nada; foram-se com as artes do diabo... do esconjurado.

— E a casa do Papara? Dar-se-á caso que eles também tenham-na levado, os malvados?

A Luizinha, que de parte escutava esta conversa, ao ouvir o mancebo pronunciar com tanta familiaridade o nome de seu pai, estremeceu de júbilo.

— Francisco! acrescentou a Micaela maliciosamente. Ah! já sei... Queimaram-lhe a casa. Agora está na lagoa. Não fizeram mal com isso, não: ele bem o merecia. Cala-te boca... Sei lá falar da vida alheia... Mas o que é verdade é que andam dizendo que a filha vai casar com um curiboca dos mil demônios. Se eu mesmo dava uma filha minha a um mal-encarado!...

— E a pequena está com isto satisfeita?

— Coitadinha! Se a pobrezinha, segundo me contaram, nem sabe o que quer! O pai é um maricas, e a Germana, que não o deixa pisar em ramo verde, ajusta com o cabra como boca de bode. Por

um roçado, compadrinho, por um roçado é que é tudo isto! O curiboca é famanaz, e, não se dando das mortes que tem no couro, trabalha como mouro... Ah!...

— O que viu?

A Micaela, soltando um grito, metera-se para dentro de casa.

VIII / LUIZINHA

PICADO PELA CURIOSIDADE, o moço voltou-se para verificar a causa desse movimento, mas nada encontrou; apenas na próxima folhagem via-se alguns ramos agitados.

— Alguma fera? — inquiriu de novo Alfredo.

— O homem! balbuciou a mulher. Decididamente foi o diabo quem o trouxe agora por aqui. Se visse os olhos que lhe atirou e mais o facão que levava, meu Deus!

— Ora, comadre, isto foi visão.

— Visão! Vi-o tão certo como ter eu um dia de morrer... com estes olhos que a terra fria há de comer. Jesus! Só me diz o coração que aquele demo ainda há de vir a fazer-me mal. O Tatu atravessou não há um minuto pela estrada.

— E foi então essa figa quem lhe trouxe tão grande susto?

— Prouvera a Deus que não fosse outro!

— Anh; temos mistério; pois antes que desapareçam os rastos da caça, vou trazê-la pela orelha.

Micaela não teve tempo de obstar a fuga; palavras não eram ditas e o fogoso rapaz corria em direção à lagoa.

— Virgem Santíssima! gritou ela assustada. Se João do Camocim o pega, compadrinho!... Olhe que o cabra anda cioso como uma onça, julga que todo o mundo lhe quer agadanhar a noiva, fumega em toda a parte, e ai daquele que se meter em encamisadas! Um branco assim como o menino em casa de palha faz o pobre logo desconfiar. O bicho é desabusado.

— Ora, por Deus, que não tenho medo de cururus, respondeu já de longe o impávido cavaleiro.

Bem surpreendido ficou o rapaz quando em lugar de um tigre, descobriu adiante na estrada um vulto gracioso de mulher, que queria escapar às suas vistas.

Era Luizinha, que, trêmula e arrependida da imprudência, buscava ganhar a casa.

Alfredo não pecava pouco pelo romantismo. Imaginação ardente, espírito volúvel, esqueceu-se de tudo no mesmo instante, e sua atenção convergiu para as formas arredondadas da menina.

Mais rapidamente do que o raio dissiparam-se os receios, que de alguma forma lhe infundiam as recomendações da Micaela, e o sangue, como um corcel desenfreado, começou a saltar-lhe nas veias. Ergueu-se sobre a sela como general prestes a entrar em combate, e despediu do peito um prolongado suspiro.

O bucéfalo, pressentindo que grandes revoluções se operavam pelas altas regiões do seu costado, sem que lhe chegassem as esporas, arrancou. Dois minutos decorridos e tinha desaparecido o espaço que separava o cavaleiro da caça gentil.

É incalculável a satisfação de que este se deixou possuir apenas reconheceu achar-se junto de uma rapariga de quinze anos. Se acaso era a formosa náiade que às tardes costumava lobrigar sob o teto da casinha de palha, nenhuma ocasião se lhe depararia para melhor apreciar suas perfeições.

Duas vergastadas, aplicadas com vigor às ancas do animal, o colocaram em posição de bem observá-la.

Neste momento a menina volveu o rosto e um grito de surpresa rompeu dos lábios de Alfredo.

— Luizinha!

— Ah! Fala em meu nome? — disse ela, enrubescendo até a raiz do cabelo.

— Pois eras tu?!

Não se calcula o efeito que de perto produzira sobre o moço essa morenita viva, garrida e encantadora.

Vestida, mais desesperadoras então se tornavam as suas formas ocultas agora pelo modesto traje campesino. Seus olhos negros e rutilantes doidejavam como duas crianças travessas, os cabelos formando duas bastas tranças, a boquinha encarnada qual pitanga, os seios túmidos e inteiriçados a romperem com os biquinhos o cabeção rendado, que a custo os continha, tudo isto junto provocava enfim no rapaz uma diabólica revolução.

Os pés! os pequenos pés, mimosos, nus e carmíneos, cujos dedos mal se escondiam nos tamancos de marroquim; os endiabrados pezinhos, que mais direito tinham a um parágrafo de Henrique Heine do que os daquelas carunchosas senhoras de Goethingue tão falados no *Reisebilder;* esses diabretes eram o que mais tentava o nosso Endemião.

A exaltação amorosa chegara a seu termo.

A mulher! Dizem que é a cabeça do homem que dá leis ao mundo; o que concederemos àquela que justamente sobre as loucuras do último baseia o seu império? Os meios estranhos de que lançam mãos as filhas de Eva para chegar a esse resultado, ignoramos. Talvez nisso não pequena parte tenha tido aquela célebre prática, havida no paraíso, debaixo de uma árvore frondosa e coberta de

apetitosos frutos, entre a primeira mulher e a serpente infernal. Quem nos assegurará que aí não aprendesse ela a compor o primeiro sorriso fascinador?

Foi decerto com um sorriso destes, embora repassado de uns longes de desconfiança e receio, que Luizinha respondeu à interpelação que lhe faziam.

— Tão pouco tempo... insistiu o moço saltando do cavalo e instintivamente procurando tomar-lhe as mãos. Tão pouco tempo, meu amor, e já tão esquecida dos velhos amigos!...

— Ah! murmurou a menina buscando em um sorriso esconder o enleio. O Sr. Alfredo!...

— O Sr. Alfredo, não! — disse ele acentuando a palavra. — Por que não hás de me chamar como outrora? Terei porventura deixado de ser o mesmo que era nos bons tempos em que folgávamos juntos?

E assim se exprimindo, foi aventurando um abraço.

Vendo-se a tímida menina por este modo acometida pelo famélico erotismo do Romeu das dúzias, olhou cheia de receio para todos os lados, e, impelindo brandamente os braços que a afagavam, com voz trêmula, murmurou:

— Não me perca!

Lembrava-se provavelmente da hórrida catadura do curiboca, em cujas mãos calosas se sentiu de novo comprimida. Seu organismo dominado, ou antes, agitado por desconcertadas emoções vibrou até a mais recôndita fibra.

IX / ONDE SE DESCOBRE QUEM ERA O PIMPÃO QUE TANTAS VOLTAS DERA AO BESTUNTO DA GERMANA

SE O LEITOR ainda não adivinhou, lhe diremos que a formosa virgem da lagoa tinha sido os bons pecados desse Alfredo que acabamos de fazer entrar em cena.

Caro penhor dos primeiros amores do honrado Francisco do Papara, cuja energia vimos desenvolver-se tão belamente nos primeiros capítulos desta história, tinha sido a menina a assídua companheira das suas travessuras infantis.

Quando vivo o pai de Alfredo, homem laborioso e nesse tempo pouco independente dos bens da fortuna, habitava em um sítio próximo a Jassanaú, de onde tirava a subsistência, acumulando no mealheiro os primeiros vinténs de que se havia de formar uma grossa fortuna.

Dava o lavrador muitas entradas em sua casa aos pobres e desvalidos da sorte, e entre eles não pequeno lugar ocupava o par de galhetas do Francisco e da Germana, cujos gênios desencontrados constituíam o divertimento de todos.

Graças a uma índole invejável, que bem condizia com o nome de batismo, a mãe de Alfredo chamara-os logo para ao pé de si, e tanta afeição tomara à filhinha, que esta mais vivia em sua companhia do que na dos seus grulhentos progenitores.

Assim, todos os dias Alfredo a via, e a ternura da mãe facilmente transmitiu-se ao menino. Juntos sempre se achavam, juntos brincavam, juntos iam ao banho, e não era sem extrema satisfação que a jovial senhora notava o ardor com que o seu pequeno preferia a companhia da rapariguinha à dos moleques da zorra, capadócios estes que a seu ver não podiam favorecer-lhe muito a moralidade.

A maior parte do tempo passavam-no eles a depenar as goiabeiras de quanta goiabinha verde havia ou a conduzir carrinhos pelo campo, isto quando ambos não o empregavam em malefícios próprios da idade, tais como atirar pedras nos inofensivos bois, ou tirar à sorrelfa do forno de farinha as tapiocas que os escravos punham a aquecer para saciar a gulodice.

Não raro era que aos domingos aparecessem por aí alguns vadios da vizinhança, cada um montado em seu carneiro, ou, na falta deste, em bem-ajaezados cavalos de talos de carnaúba! Imediatamente formava-se o folguedo. Escaramuçavam pelo prado e uma ou outra queda de corpo tinha lugar entre os mais possantes para afervorar a brincadeira.

Como é de supor, o nosso herói não esperava que lhe dessem a primazia. Ditador em sua casa, arvorava-se logo em diretor da folgança, e a *manja* ou o *tempo-será* organizava-se sem quebra de uma só regra do código dos mequetrefes.

Já se sabe que o mimoso par nunca se separava sob pena da ciumada trovejar entre eles. De parceria, pois, corriam quando se tratava do *esconde-esconde!* Quantas e quantas vezes não eram vistos, com grande alarido dos outros, saírem debaixo de alguma dessas enormes camas de armação do tempo antigo, vermelhos como pitanga, trazendo no rosto o corpo de delito de alguma travessura!

Alfredo nem sempre suportava com sangue-frio a petulância desses futuros subdelegados de polícia. O bofetão então fazia o seu ofício: um murro para aqui, outro para ali, um pontapé para acolá, e com pouco estava dissolvida a reunião.

— Está tudo acabado! — gritava ele afinal. — Não quero mais: vão-se embora!

No fim das contas, Luizinha era quem ficava amuada, protestando nunca mais entrar em brinquedo com um menino tão desor-

deiro. Por ligeiros instantes, porém, duravam os arrufos. Dez minutos eram mais que suficientes para tornarem às boas, e com beijos e abraços selavam o contrato de nova amizade, cuja base era de então em diante não abusar ele mais de sua ingenuidade.

— Olhe — dizia ela —, se não se fizer sério, vou queixar-me à D. Genoveva. Veja lá! Depois não venha para cá lastimar-se, porque não quero ser sua mulherzinha.

Interminável seria a digressão se fôssemos descrever todas as cenas de amores infantis, que cotidianamente se repetiam entre os dois meninos.

Aos doze anos saíra Alfredo de casa para entregar-se aos estudos. Entre mil carícias se despediram, e Luizinha ficou bem certa de que um dia o seu amorzinho voltaria para se ligar a ela pelos santos laços do himeneu. Quão longe estavam de compreender o abismo que os separava na escala social!

Ditas estas palavras, somente para instrução do leitor, nada mais natural do que o encontro e as expansões dos dois após um feliz regresso.

Outra, não obstante, seria a situação. O rapaz provavelmente só se lembraria de que tinha diante de si uma conquista; a menina só pensava em como vencer o terrível acanhamento que lhe causava um moço da praça.

— Não me perca! — pronunciara a rapariga com os olhos a dançarem em lágrimas.

— Mas, meu bem, replicou o perverso, como te hei de perder, se tão bem-achada me pareces neste momento!

— Ah! largue-me, pela Virgem Santíssima! Pode vir gente... Por menos do que isto minha mãe outro dia ia-me matando. Demais... o curiboca... se souber... misericórdia!...

E uma crispação nervosa percorreu-lhe todo o corpo.

— Sossega, faceira, é um abraço só. Escuta! tu não eras assim quando daqui saí.

Longe iria por certo esta deliciosa luta travada entre duas criaturas, tão imprudente uma como a outra sedutora, se uma reação repentina não viesse pôr termo aos tresloucamentos do mancebo.

Alfredo sentia-se remordido por súbito arrependimento. O ataque fora brutal, e era bem possível que por isso a donzela se tivesse sentido ofendida em seu amor-próprio. Desacoroçoado, já se desprendia da menina, quando percebeu que alguma coisa mordia-lhe na mão. Recuando de um grito que se desfez em uma gargalhada, apenas conheceu a causa do susto.

Era o *fidus Achates* de Luizinha. O pobre mico, dando pela falta desta, viera, saltando de galho em galho, em sua procura, e, sem que o descobrissem, encantonara-se no ombro da senhora. Fora

ele, portanto, que, tomado de furor, saíra em defesa da menina, castigando devidamente a mão indiscreta que buscava enlaçá-la.

Batido em retirada, o general foi obrigado a confessar que de mais utilidade tornava-se aquele bicho a Luizinha do que a Vênus e Diana os seus alegóricos animais. E não deixava ela de ser de algum modo a deusa daquelas cercanias. Certamente por essa razão reputavam-na a mais mimosa flor do prado, e ninguém ousava ofendê-la.

Os anseios que sublevavam seu coração quase chegaram a convencê-la de que o segredo de sua alma tinha sido surpreendido. Concretizavam-se seus sonhos do passado, e a figura esbelta de mancebo que por vezes passava por sua imaginação achou-se de repente a seu lado palpitante de vida. O que em seu organismo se passou não tentaremos descrever: foi deslumbramento e pavor ao mesmo tempo!

Certos segredos da natureza se lhe revelavam de um modo singular ao contato do moço: a cabeça parecia vacilar-lhe e o coração estremecer como a agulha magnética entre os dois pólos.

Pensou em fugir; mas uma força irresistível pregou-a ao solo.

X / CIÚMES

Os REMORSOS E O MICO tinham posto o rapaz em debandada. Seria a retirada, porém, prenúncio de investida mais decisiva?

— Como é que te achas aqui tão sozinha? perguntou-lhe passados alguns minutos, amaciando a voz.

Surpreendida pela pergunta, Luizinha não soube o que respondesse. Quase traiu o motivo que a trouxera ali. Felizmente existia ao lado do caminho um roçado do Papara; foi isto uma solução para a menina, que apontou para a cerca e fez compreender com o gesto que a tinham mandado colher alguma coisa.

— Forte crueldade! — exclamou Alfredo. — Como é que se obriga uma criaturinha assim a este serviço? Coitadinha!

— Sou muito infeliz! — murmurou Luizinha.

— Infeliz? Terás algum espinho no coração?

— Que sei eu?... Quando todos riem, eu choro.

— Ora, minha tolinha, por tão pouco não vale a pena orvalhar o campo com essas formosas lágrimas, se bem que paguem razoavelmente o prazer que me dão em ver-te tão bela.

Comiserado da pequena, Alfredo acompanhou-a ao roçado; em um momento arranjou-se um uru e procedeu-se à colheita.

Alfredo quebrava as espigas de milho, e Luizinha as ia recolhendo; e nisto gastaram bons minutos, incumbindo-se por esta maneira o rapaz com a maior satisfação de um trabalho impossível para os dedos delicados de uma tenra menina.

— Estás contente? — perguntou-lhe ele, apenas findou o serviço.

— Deus queira pagar com o céu as bondades de seu coração. Agora só lhe peço uma coisa: se me quer bem, deixe-me voltar só.

Os suspiros a sufocavam.

— Oh! não faças isto. Mal te descubro, foges-me?

Por uma invencível repugnância, não quisera ele falar-lhe no noivo. Também ela horrorizava-se só com a idéia de pronunciar o nome do curiboca. Fascinada, a brejeira não respondeu nem pela afirmativa nem pela negativa.

— Eras capaz de fugir comigo? — tornou o rapaz em ar de caçoada.

A menina ria-se, mas de um riso que traduzia a mais completa atonia. Deixou-se brandamente agarrar pela cintura, sentou-se na anca do animal e passou o braço pelo corpo do cavaleiro, que mais rápido do que o raio já se houvera colocado em cima da sela.

É impossível descrever as emoções que assaltaram Luizinha, quando sentiu o contato do mancebo. As esperanças de outrora e os sonhos, que a toda hora lhe apresentavam aos olhos da imaginação o antigo companheiro de vadiações, produziram tal revolução em sua cabeça que quase a fizeram desmaiar.

O coração palpitava-lhe, e os aguilhões da carne perturbavam-na até a embriaguez.

Alfredo, por seu lado, também experimentava torturas indizíveis. O platonismo e a libertinagem travavam uma luta diabólica. Talvez que sobre ele os arsenais da vaidade de Helena não chegassem a ter tanta influência como o cheiro da baunilha que trescalava daqueles cabelos luzidos e o perfume de cravo de que estavam impregnados os seios excitantes da rapariga.

— Se adivinhasses o que eu sinto, Luizinha! — disse ele buscando ferir um ponto, que, há bons cinco minutos, fervilhava-lhe na mente. — Não posso ver-te tão rigorosa. Que dissabor hei de ter quando souber que foste entregue a um desalmado!

A menina, a estas palavras, estremeceu e soltou um prolongado suspiro.

— Não, mil vezes não!, retorquiu ela. — Eu sonhava um dia que alguém me viria salvar de uma grande desgraça.

— Vamos a ver, meu bem, que o salvador não é outro senão...

— Ah! Acredite: sinto uma coisa... uma falta de respiração... O coração parece querer saltar-me pela boca... Meu Deus! nunca fui assim; rio e choro, tudo ao mesmo tempo...

— Brincas comigo, minha sonsinha. Dar-se-á o caso que me pretendas convencer de que não tens juízo.

Nestes entrementes voltou o rosto e com que havia de encontrar-se? Com os olhos mais cheios de volúpia que jamais abriram-se sobre a terra.

Um fenômeno extraordinário se operava na filha do Papara. Esquecida de tudo, abandonada aos caprichos de um singular temperamento, a inexperta criatura abismava-se no pego insondável, de onde raramente pode arrancar-se aquele que nele uma vez precipitou-se. A taça transbordara, e o moço havia rompido com os escrúpulos que a princípio o prendiam.

Seguiu-se uma verdadeira tempestade de beijos. A este tempo atravessavam uma depressão do solo formada por um regato; embevecidos como iam, ambos em mil recordações do passado, não repararam a passagem. Alfredo perdeu os estribos e, quando quis evitar a queda, já era tarde.

A queda foi, porém, tão feliz, que nem um nem outro tiveram de que lastimar-se, se antes não estimaram o desastre.

— Ai! meu amiguinho... teve apenas tempo de murmurar a taceira, procurando endireitar as saias, que, traidoras, tinham posto em relevo, no arregaço, as perfeições de uma bem contornada perna.

Confusa e enrubescida, ergueu-se e tentou compor um semblante choroso.

— Meu Jesus! refletiu o rapaz; vamos ver que a brejeira está sofrendo. Tomaste algum susto? Bebe um pouco d'água... Oh! se soubesses como ficas bonitinha assim!...

— Bonitinha! — repisou ela envergonhada em tom de exprobração.

Inúteis eram todos estes protestos. O gérmen de desordenados desejos já frutificava em seu seio.

As pazes não se fizeram por muito tempo esperar, e em dois saltos se acharam as duas incautas crianças, como Dáfnis e Cloé, ao pé do ribeiro que derivava sussurrando por entre o arvoredo. Uma folha recurvada de taioba foi a taça improvisada de que se serviu o novo Paulo para mitigar a sede dessa garrida Virgínia.

— Estás melhor? não é assim? Descansa.

— Não tenho nada... mas é que podem dar pela demora...

— Luizinha... espera... Se te retiras sou capaz de morrer.

— De onde agora lhe veio esta cisma?

E sorriu-se com esse sorriso provocador de Galatéia a que ninguém pode resistir.

O moço, louco, ébrio de prazer, estendeu-lhe os braços de novo e os beijos fervilharam entre as duas bocas como dois colibris que ali estivessem esvoaçando a brincar.

Subitamente, estranho rebuliço produziu-se na folhagem. Luizinha, assustada, volveu-se e viu passar uma sombra.

— Ah! Que medo tive agora! — exclamou baixinho e toda trêmula.

Instigado pela menina o cavaleiro voltou com cautela para onde estava o animal, puxou-o pela rédea, e, segurando a menina pela mão, continuou a caminhar em direção da lagoa. Nisto surgiu-lhes diante dos olhos um desses rocins lazarentos, a quem em vida já os urubus vão fazendo sua corte. Apenas o animal percebeu que andavam-lhe nas pisadas, embora trôpego, largou-se a correr; estimulado o outro com isto, e, porventura entendendo que nenhuma ocasião melhor encontraria para vingar-se do triste papel que o tinham obrigado a representar, arrancando o freio, disparou pelo caminho a fora com as ventas acesas e a soprar.

Desconcertado, Alfredo desprendeu-se da companheira, e abalou atrás do cavalo, que, não sem custo, conseguiu agarrar; cavalgando-o então voltou em socorro da menina. Dois passos porém, não tinha dado quando, como se a terra por milagre se houvesse aberto debaixo dos pés, o cavalo curvou-se, e por momentos esteve a barafustar sem poder erguer-se.

Ao mesmo tempo, viu ele um objeto revolver-se debaixo das patas do animal.

— Estamos perdidos! — gritou angustiada Luizinha.

Era João do Camocim.

Foi então que Alfredo, reconhecendo o grande perigo em que se metera, refreou o alazão, e obrigou-o a retroceder. O curiboca, porém, mais ágil do que o cavaleiro, já o tinha seguro pela brida. De boa raça, o animal não perdia por lerdo; sentindo-se esporeado, investiu, e, levantando as patas, abateu-se sobre o assassino, que, rugindo de dor e raiva igualmente, rolou por terra.

Alfredo aproveitou-se deste incidente para salvar-se: tocou para a frente e dispôs-se a não fazer uso da arma que conduzia senão em caso extremo. Mas pouco adiante o animal começou a refugar. Dava-se isto justamente ao tempo que o curiboca se suspendia por um supremo esforço, brandindo a terrível faca.

— Pensava que me havia de escapar! — bradou com os lábios espumando sangue. — Hei de acabar com a corja, um por um.

— Não me mates, covarde! retorquiu o moço.

Dominado por não sabemos que força estranha, o faquista, contudo recuou. Que revolução seria a que se havia operado naquele cérebro?

— Ah! velho bruxo! — murmurou ele. — Já estou cansado de suportar tuas quizílias.

Com o movimento do curiboca o rapaz tomara coragem, e, volvendo-se para ele, ameaçou-o com a arma.

— Fere, e verás — disse — se de hoje em diante consentirão que continues a assassinar pelas estradas, disputando os olhos de uma

pobre rapariga, que não ofendeu a Deus para ser entregue a um selvagem como tu!

O sangue voltou aos olhos do noivo de Luizinha. A faca fendeu os ares e foi cravar-se no tronco de um cajueiro. João errara o golpe.

Alfredo, torcendo o corpo, dera de rédea, antes que o adversário pudesse alcançá-lo.

Lobrigando a menina, que aterrada fugia para a lagoa, o feroz assassino retorceu a faca entre os dedos, lançou um olhar ameaçador para a estrada por onde tinha desaparecido o rival e, como um alucinado, disparou pelo mato adentro.

XI / *SUB TEGMINE FAGI*

EIS-NOS TRANSPORTADOS às faldas da Aratanha.

Diante de nossos olhos maravilhados desenrola-se o mais deslumbrante painel que é possível imaginar. A planície! Como é belo contemplá-la das alturas! O coração dilata-se e a alma revoa para a mansão das eternas delícias. Entre o céu e a terra o homem julga-se por instantes menos homem e mais anjo.

Aí se é feliz.

O clamor das turbas extingue-se no sopé da montanha, e o coração, transbordando de um prazer comunicativo, que é o privilégio dessa potente natureza dos trópicos, o coração sonha com as ridentes regiões do paraíso.

Era justamente em um dos mais risonhos pontos de vista da Serra que estava assente a vivenda de Alfredo.

A viúva soubera aumentar as suas posses, e, sem grande sacrifício, conservava a propriedade que lhe havia sido deixada pelo desvelado marido, no meio de certo conforto, que lhe tornava a vida, naquela solidão, um tanto agradável, para não usar do superlativo. Bons aposentos, um amplo copiar, extenso terraço na frente, nada faltava à habitação para dar-lhe o aspecto que apresentam sem exceção todas as casas de cafezistas. Ao lado seguia um grande pomar, onde se encontravam as melhores frutas da terra; no fundo, um jardinzito asseado e bem pensado, onde apenas se notaria a ausêncai do *chic* de uma menina de quinze anos, coisa que por certo ali não existia; montanha abaixo desciam os armazéns, em que se depositava o café colhido, as senzalas, os despolpadores e, afinal, as máquinas de ventilar.

No mais era tudo um ninho pendurado de um alcantil, coberto aqui de espessas matas, ali de roçados de cafés, por entre os quais

se despenhava em inúmeras cascatas um pequeno rio cheio de encantos pastoris e mais que tudo de deliciosíssimos banhos.

Aí, pois, a provecta viúva escondia os seus dias silenciosos.

Alfredo levava nestes sítios uma verdadeira vida de Lopes.

Só quem nunca experimentou os carinhos de uma mãe ou de uma tia velha, de quem se viveu por muito tempo ausente, poderá desconhecer o que há de inexprimível nestes agrados excessivos, às vezes impertinentes, que em tudo, nos mais insignificantes objetos, procuram traduzir o amor e o desvelo.

O conchego da vida doméstica o tinha inutilizado completamente para os labores da vida ruidosa das cidades, e uma verdadeira ociosidade beatífica começava a dominar-lhe todo o organismo. Gastava o tempo como Virgílio a entoar hinos ao viver campestre, louvando o Deus que lhe criara aquele santo remanso, e, se lhe faltavam os Menalcas e Alfesibeos para longas palestras embaixo das copadas mangueiras, em compensação não se fartavam seus olhos de contemplar as belezas que enastravam a encosta da montanha.[14]

Contemplava com prazer a planície, que se desdobrava diante da janela de seu pitoresco caramanchel; e não havia encantos que em sua imaginação excedessem a pujança desses prados viridentes, que, estreitados entre as duas cordilheiras da Aratanha e Maranguape, iam perder-se na azulada linha do Atlântico. Os seus ouvidos não encontrariam orquestra que os deliciasse mais do que a que formavam as graúnas e os corrupiões no próximo coqueiral, e sua alma voava às regiões do amor enquanto o coração ocioso extravagava pelos tetos de palha, pelas rústicas habitações que rojavam embaixo no vargedo.

Isto, quando não lhe aprazia sair de casa. Logo porém que se aborrecia da monótona sombra do teto materno, mandava armar uma rede debaixo dos arvoredos do pomar, e aí passava as horas mais calmosas do dia em um sono ininterrupto, quase evangélico.

Cremos que melhores momentos não gozariam os justos no paraíso de Mafoma, reclinados no seio das suas volutuosas huris.

Alfredo despertava sempre com os primeiros albores do dia, fenômeno notável em um rapaz da praça, regra geral, preguiçoso. Ia a um curral em que com o maior custo conseguira D. Genoveva manter algumas vacas; saboreava uma boa cuia de leite, percorria as plantações, metia-se na cachoeira e sem mais preâmbulos tomava um prolongado banho debaixo dos buritis.

---

[14] Não fugiu Araripe Júnior, neste lanço como em outros, a uma curiosa característica dos ficcionistas, europeus como nacionais, do romantismo — alusões constantes a figuras e temas do classicismo greco-romano.

Raras vezes as suas excursões excediam as raias do sítio. Regressava sempre antes do almoço para os armazéns de café, assistia por alguns instantes ao processo do despolpamento ao som das cantigas com que os moleques acompanhavam o serviço; e não raro era vê-lo gastar o tempo a discutir com o mestre ou administrador sobre um método mais simples de ventilar o café. Estas discussões acabavam sempre com um — *ora, senhor meu amigo, vossa mercê não pesca disto!*

Às nove horas do dia era o almoço e Alfredo almoçava como um abade; às quatro, depois do religioso sono da sesta, jantava como um bispo; e cearia como um papa, se quase sempre não adormecesse em uma esteira estendida sobre o terrado, aos suspiros saudosos da viola de um trovador que tinha por obrigação vir todas as noites consolar com as suas sertanejas endechas os pesares desse romântico Saul.

Um viver tão plácido e sereno não podia durar por muito tempo.

Alfredo, por fim, aborreceu-se daquela paradisíaca felicidade. Entendeu um dia que devia reivindicar os seus foros de cavalheiro, e rompeu hostilidades contra a inocência dos prazeres campestres.

Assim é a humanidade! Não têm limites as aspirações mundanas. Ninguém se considera satisfeito ainda que sobrecarregado dos maiores donativos celestes. Até a própria felicidade, quando não interrompida, torna-se monótona e enche-nos a vida de tédio e fastio!

É provável mesmo que chegue o dia em que os bem-aventurados venham a enjoar-se das delícias do paraíso, e até se lembrem de usar das prerrogativas conferidas pela declaração dos direitos dos homens.

Foi assim que o *ai-jesus* de D. Genoveva uma tarde mandou selar o melhor cavalo da estribaria e soltou o brado de revolta.

A viúva não deixou de estranhar a repentina resolução do filho. Como boa mãe, que não desejava, naquele tempo precioso, ver-se nem por um instante separada de seu mimoso, largou de mão os bolos que preparava e começou a apresentar-lhe mil objeções sobre o intempestivo passeio, figurando as mais feias hipóteses de que seria capaz a cabeça de uma mulher extremosa.

— Olha, Alfredinho; para que vais sair agora? Não sabes montar bem a cavalo e sem companheiro...

— Ora, minha mãe... Serei porventura criança?

— Não és; bem o sei. Mas é que o animal... pode mesmo meter o pé em algum buraco... algum atoleiro que não conheças... Isto de andar a passeio serra abaixo não é bom... não é bom... Depois, já faz tanto tempo que deixaste o sítio...

E passando-lhe a mão docemente pelo ombro e afagando-lhe o rosto, julgou a boa senhora que de nada mais precisaria para prender o rebelde.

— Não sais; não é assim? — disse ela com uma voz dulçurosa, de cuja inflexão só as mães conhecem o segredo.

O moço guardou silêncio por dois ou três minutos. Repentinamente, porém, como se lhe tivesse voltado o mesmo ímpeto que o fizera mandar selar o cavalo, arrancou-se dos braços da velha e gritou:

— Arre lá! que já estou aborrecido de tanta monotonia!

Pela primeira vez em sua vida tinha o menino sido grosseiro para com a autora de seus dias.

A viúva atribulada, ferida pela maneira brusca por que lhe falara o ente a quem mais queria neste mundo, não pôde resistir à comoção, e duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Alfredo, vendo que a mãe chorava, assustado, buscou seus braços, e caindo então em si, reconheceu quão imprudente tinha sido aquele *arre* sem significação.

— Minha mãe! minha mãe! — exclamava ele afagando-lhe os cabelos brancos. — Deixe-se de lágrimas! Eu sou um estouvado... castigue-me. Aqui estou...

Um riso de íntima satisfação rompeu por entre as lágrimas que inundavam os olhos da velha.

— Ficas; não é assim, meu filho?

— Se minha mãe me ordena, ficarei. Mas, creia que eu tenho necessidade de espairecer. Sou rapaz... e os rapazes... os rapazes... precisam de ar para viver. Depois os médicos aconselham...

— Os médicos! Porventura estarás doente?

— Não, minha mãe. Mas os passeios são higiênicos; pelo menos quando se não quer fazer vida santa; porque enfim... Eu fico; porém, minha mãe também se não há de queixar quando amanhã ou depois estiver eu por aqui macambúzio, triste, atacado de melancolia, fastiento, aborrecido, impertinente... Veja lá!

O que são as mães!

Já agora era D. Genoveva quem procurava botar o filho pela porta a fora, por princípios de higiene, bem entendido. Sobressaltada e receando que com as suas impertinências não agravasse os males do rapaz, olhou para o bigodezinho que lhe despontava apenas, e, julgando adivinhar a natureza da moléstia, a custo pôde suster um riso de complacência maternal.

— Vai, Alfredo — dizia ela —, mas toma todas as cautelas para que te não venha a suceder algum desastre.

Ela mesma foi examinar se a cavalgadura estava convenientemente aparelhada; mandou que o preto trocasse o selim por outro

que fosse mais seguro; inquiriu se tudo estava em ordem, e então consentiu que o filho montasse.

Com pouco Alfredo, galgando o bucéfalo, disparava pela esplanada, e metia-se pelo pedregoso caminho que ia ter à planície.

— Volta cedo! — gritava a velha. — Não deixe de vir a horas de ceia. Cuidado com a ladeira! Estes matos não são seguros... Olha... procura a estrada da direita que sempre é mais povoada, para que te não vás perder.

— Sim, até a volta, respondeu ele, e, fustigando o cavalo, desapareceu cativo de tanta bondade.

Havia um bom par de anos que Alfredo se ausentara do lar. Fácil é portanto avaliar qual não foi o seu prazer apenas começaram a desenrolar-se diante de si os cenários, onde tinha passado os mais risonhos dias de sua vida, o tempo de sua infância. Tudo para ele eram agora encantos indizíveis. As árvores, as pedras, os riachos, os cercados, as veredas, as pontes de estiva, as casinhas que bordavam o caminho: tudo se transformava nas mais doces recordações. Com que satisfação não ia ele por ali renovando as relações, que já o tempo conseguira quase apagar! Que de agradáveis encontros não teve ele nessa tarde! Aqui o antigo servidor da casa que, de enxada ao ombro, voltava do roçado, seguido da mulher e dos filhinhos, santificado pelo trabalho; ali o carreiro encoirado que passava gritando na frente de seus enfezados bois, mui longe de pensar no travesso menino para quem outrora fazia gaiolas e armava fojos no momozal; mais adiante era a velha rendeira, cercada das suas galinhas e agarrada aos bilros.

A toda esta gente ia-se Alfredo dando a conhecer, e com o coração a transbordar abraçava os seus bons amigos de outros tempos.

Já tinha caído a noite quando a viúva pôde recebê-lo em seus braços.

Como é de esperar, os passeios repetiram-se, e apesar dos sobressaltos de D. Genoveva, começaram a estender-se demais.

Não tardou também que o rapaz fizesse alguma descoberta. Esta descoberta foi a da lagoa de Jassanaú, e vimos que influência sobre ele exerceram as seduções de Luizinha; é de prever que daí em diante pouco ou quase nenhum tempo achou para passar em companhia da mãe, que a nada disto entretanto quis se opor pelo muito respeito que tinha aos médicos.

Os perigos de que o ameaçava por outro lado o curiboca, muito cedo desvaneceram-se, e, não eram passados longos dias, sem que o caviloso rapaz tivesse achado um meio de renovar o colóquio.

XII / O ALBERGUE

ALGUNS DIAS se tinham escoado depois dos acontecimentos que narramos. Na forma do costume procurava Alfredo a lagoa, quando foi surpreendido pela noite. O sol, buscando o ocaso, inundava os horizontes com cores rubras e esbraseadas; uma nuvem negra e estreita rojava pelo meio deste oceano de fogo como uma salamandra, que se insinuasse no elemento a si tão grato: dir-se-ia ao mesmo tempo o flanco de uma montanha, que vomitava furiosas lavas.

Lentamente aproximava-se a hora do crespúsculo, e a natureza entristecia.

Não era só por uma saudosa reminiscência que Alfredo se deixava ir conduzindo por estas paisagens tão cheias de encantos.

Os seus amores infantis, mais do que nunca, vinham-lhe agora perturbar o espírito e avivar o sentimento, que o impelira para longe dos maternos braços. Uma coisa principalmente estava ali a aguilhoá-lo; as avezinhas aproximavam-se dos seus ninhos, como que atraídas por um mesmo princípio, e diante de seus olhos se desenrolava o quadro dos castos amores da natureza. O que significavam os pios doridos dos passarinhos que saltavam de galho em galho gritando um pelo outro? O que queria dizer aquele ciciar brando e voluptuoso da brisa pela coma das árvores, que estremeciam desprendendo de si preciosíssimos perfumes?!

Tudo ali respirava amor, até a folha do cacto selvagem, que murchava, ocultando em seu seio a gota d'água, que fecundando-a, lhe havia de trazer o frescor, a beleza e a seiva do dia seguinte.

A estrada, no ponto em que ele se achava então, era quase que completamente despovoada, prolongando-se em suas melancólicas sinuosidades, bordada, por frondosas cajazeiras, que davam-lhe um aspecto soturno. Apenas ao longe um roçado, onde ainda se podiam perceber os vestígios do elemento devorador, vinha perturbar a monotonia do lugar.

Divagando entretanto de uns a outros objetos, filosofava o rapaz, esforçando-se por disfarçar sua erótica melancolia, quando uma circunstância imprevista veio interromper o curso de suas preciosas reflexões.

Alfredo verificara que se tinha perdido. Julgando seguir pela estrada de Jassanaú, o cavalo embrenhara-se por um caminho escabroso que levava às grotas e despenhadeiros da serra.

A noite caía com rapidez, e em poucos momentos achou-se ele completamente em trevas, sem saber que rumo tomasse para de novo ganhar a estrada. Dirigindo-se ao acaso, viu que estava em um matagal tão espesso que impossível seria dali tirar-se, se por-

ventura não lhe aparecesse socorro. Feriram-lhe os ouvidos neste ponto os ladridos de um cão, e com pouco uma luz brilhou ao longe por entre as árvores, sinal de habitação humana. O coração palpitou-lhe e o susto que dele se ia apoderando, batido pela esperança, rapidamente dissipou-se.

Era talvez um pobre albergue de lavrador. Alfredo, desembaraçando-se do mato, não se demorou em aproximar-se do casebre. Uma porção de ramos secos crepitavam sobre o terreiro devorados pelo fogo, que o vento revolvia, dando em suas oscilações aos objetos em roda um aspecto fantástico e assustador. O rapaz não pôde eximir-se de um vago terror. Em sua memória agruparam-se rapidamente todas essas cenas pavorosas de encruzilhadas e casas mal-assombradas, que havia lido em romances da escola antiga.

À porta do casebre se achava acocorado um velho, que absorvido em suas meditações, e naturalmente embriagado pelas fortes emanações de um cachimbo, que lhe pendia da boca, não se apercebeu do recém-chegado, nem sequer ouviu os ladridos dos cães açulados pelo tropel do cavalo. Foi esta figura esquálida, verdadeiro espécime de feiticeiro de legenda, o primeiro objeto que se estampou aos olhos do filho de D. Genoveva.

Os cães continuaram a ladrar, e, com dificuldade, conseguiu o moço deles desvencilhar-se.

Nisto assomou à porta uma mulher, na catadura quase semelhante ao primeiro. Teria seus cinqüenta anos; envolvia-lhe a cabeça uma touca; sobre os peitos engelhados e mal cobertos por um cabeção de madapolão caía-lhe um sem-número de bentinhos e patuás. Em seu semblante agitava-se a curiosidade.

Um cavaleiro àquelas horas por tais recantos era caso raro!

O pobre velho, despertando do letargo, assustado, precipitou-se cambaleando sobre o terreiro, e a voz da velha trovejou contendo os cachorros. Era ao tempo que Alfredo apeava-se e pedia-lhes agasalho.

— Louvado seja Cristo! — exclamou o ancião apanhando o cachimbo que o sono arrebatara-lhe dos lábios e atiçando-lhe fogo. — Que milagreira é esta, que nos traz gente lá de outras bandas a estas horas por aqui?. . .

— Perdoe, homem de Deus — respondeu o rapaz, não pouco espantado pelas feições do personagem que o interpelava. Não há quem negue pousada a um pobre transviado, que ignora as entradas e saídas de um mato tão embastido como este.

A velha amarrara os cães insôfregos, e acercando-se do recém-chegado, agachou-se um pouco, pondo as mãos sobre os olhos, que se deslumbravam com a luz da fogueira.

— Não se me dá de afirmar — regougou ela, revistando Alfredo de alto a baixo com aquela curiosidade peculiar às mulheres, que

têm atingido certa idade; — não se me dá de afirmar que este moço seja de gente conhecida!

— Uau! — balbuciou o velho, soltando um desses silvos agudos que só indivíduos de raça indígena sabem produzir. Se esta mulher endiabrada tivera o segredo do quebranto, as sortes andariam por este mundo de meu Deus como sapos em invernada.

Seguiu-se o surdo resmonear do feiticeiro, que de novo sentou-se no batente da porta. Os beiços apinharam-se para despedir uma golfada do negro líquido, que lhe pejava a boca desdentada, e uma litania, para todos desconhecida, povoou o espaço. O velho talvez se recordava dos ritos e cantilenas dos seus antepassados, expelidos dali pela onda violenta da civilização.

Constrangia-se Alfredo com o triste espetáculo. Tudo ali lhe inspirava asco, e só a idéia de que porventura não encontraria naquela casa quem o uiasse à serra o fazia estremecer. As ferroadas dos insetos, que, não obstante o fogo, o perseguiam, convidaram-no a entrar.

— Benza-te Deus! — disse então a mulher. — Que formoso que é o seu rostinho! E tão moço ainda... Maria Santíssima!

A nada porém dava atenção Alfredo. Sair dali quanto antes era o seu maior desejo.

— Largue de mão tudo isso, mulher dos meus pecados — tornou ele, vendo que a velha alvoroçava a casa com preparos para uma refeição. — Dispenso o obséquio; o maior serviço que me pode fazer agora é dar-me uma pessoa que me ponha fora desta encruzilhada do inferno.

— Ai! valha-te Deus, meu carinha de menino Jesus! A estas horas! A estas horas!... Perdido! Vamos ver que o pobre moço está traspassado de fome...

A lenha estalou ao fogo, e a chama em pouco tempo ateou-se espalhando em torno um agradável aroma de café. Não obstante o susto, o cheiro do divino néctar de Voltaire tentou-o de tal maneira que Alfredo não teve outro remédio senão resignar-se, acalmar-se e esperar.

Foi então que pôde reparar na qualidade de espelunca em que se achava. Aquilo que a princípio lhe parecera o antro das feiticeiras de Macbeth, agora não passava de uma simples habitação de pobres lavradores. A própria velha, que o clarão da fogueira lhe representara sob formas fantásticas e terríveis, voltara às suas naturais proporções. Sob um teto de palha sustentado por paredes de taipa via-se uma rede de algodão, um caritó e uma arca de pinho tinta de verde, que eram todos os utensílios da casa. A um canto três enxadas e uma lazarina; em uma das frestas da parede a despontada faca do uso ordinário; sobre o frechal da porta do fundo o ginete, a véstia e as perneiras de couro, algumas calças de algodão enodoa-

das indicavam a ausência do principal personagem do tugúrio, que não podia ser por certo o velho decrépito que encontramos na soleira principal.

Para tudo isto olhou Alfredo surpreso, como quem naquele instante tivesse aberto os olhos.

A velha não demorou-se em apresentar-lhe a magnífica beberagem, cujo aroma delicioso invadiu-lhe os órgãos olfativos. Umas macaxeiras cozidas, e algumas espigas de milho assado, postas em uma escudela de barro, sob a forma mais provocante, vieram aguçar-lhe o apetite. Sem dúvida o transviado de há pouco não pensava agora com tanta ansiedade em voltar ao teto materno.

A imaginação talvez já lhe segredava aos ouvidos uma aventura romanesca, e lhe representava por trás daquelas paredes carunchosas alguma face morena, uns olhos buliçosos, que, apenas se mostrassem, o cativariam de amor.

Mas longe disto, em lugar dessa rústica deidade, o som cavernoso de um peito robusto anunciou a chegada de um novo personagem.

Com esta súbita aparição recresceram os receios de Alfredo. E não era para menos, pois o indivíduo que assim entrava tinha um olhar feroz e aspecto turvo e sinistro.

— Some-te, feiticeiro infame! — bradou ele, seguindo com a vista o ancião, que internava-se vagarosamente pelo mato. — Pragas só tens para mim, velho morcego! E eu para ti, ainda um dia, esta unha do Padre Eterno, que não erra!...

XIII / CONFIDÊNCIAS

ALFREDO tinha-se erguido assustado pelas palavras que acabava de ouvir.

— É o João —, murmurou a velha, notando-lhe o receio. — Não tenha medo! é meu filho...

Envergonhando-se do movimento que lhe traíra a inquietação, o rapaz ergueu os olhos para o curiboca, que se adiantara até o meio da sala, onde deixou cair alguns instrumentos de lavoura umedecidos pelo suor.

— Quem é? — rosnou este, encarando o moço, que ficara lívido, reconhecendo João do Camocim.

— É amigo, respondeu-lhe a mãe. Anda perdido; e quer agora que lhe ensinem o caminho.

Toldado pela cachaça, o curiboca desconheceu-o.

— Tenho uma fome e sede de mil demônios! — disse ele sem dar atenção às palavras da mãe. — Diabos levem esta vida de pobre, que brocar e encoivarar roçados não é coisa que bote ninguém para diante!

O braço caindo sobre a mesa violentamente por um instante fez erguer-se a fralda da camisa, deixando ver uma imensa faca, cujo cabo ensangüentado manchava todo o quarto. Alfredo estremeceu.

Calcule-se qual não foi a sua situação, quando João do Camocim, acaso despertado por súbito pensamento, vibrou-lhe um destes olhares, cuja expressão não tem equivalente em língua humana. Felizmente, a pouca claridade e as névoas da embriaguez recalcaram a lembrança que bruxuleava, e aos tombos, o selvagem recolheu-se ao interior da casa.

Passado algum tempo em completo silêncio, a velha, como escutando alguma coisa, levantou-se de onde estava, e seguiu o filho.

Alfredo continuava petrificado; a faca ensangüentada não lhe saía da lembrança. Pensava em fugir; mas onde se acoitaria ele àquelas horas, ignorando o lugar onde se achava, e arriscando-se a cada passo a precipitar-se em alguma grota?

Um sussurro contínuo, partindo de um quarto contíguo, despertara-lhe entretanto a atenção. Aplicou o ouvido, e, sopeando as palpitações do coração, escutou. Eram vozes de pessoas que conversavam à puridade. Não lhe foi difícil descobrir que um dos indivíduos que conversavam era o curiboca; o outro, porém, quem seria? Se o não tinha visto ao deitar-se, de onde saíra? o que faria ele, senão tramar com o perverso algum crime nefando?

A inquietação aumentava-se-lhe gradualmente, e, não podendo mais conter-se, levantou-se de mansinho, e encostou-se à taipa para espreitar o que se passava do outro lado.

Um cão rosnou e as vozes sopitaram-se; mas, voltando o sossego, continuou o burburinho. Alfredo conseguira por uma fresta lobrigar dois vultos, que, iluminados pelo tênue clarão de uma mísera candeia, gesticulavam descompassadamente.

Era com efeito João do Camocim. Em seu semblante satânico desenhavam-se a vingança, o furor e as mais desordenadas paixões. O outro não passava de um destes enfezados frutos do gênio do mal, raquíticos, opilados, não destituídos absolutamente de coragem, aptos sempre para traiçoeiros golpes e assassinatos por dinheiro.

— Bem m'o dizia o caboclo velho do Pitaguari! — resmungava o primeiro com essa voz que é peculiar aos ébrios. — Não se lembra você, Zé Magro, do que, haverá aqui seus oito meses, lhe contei sobre a sorte que o patife me lançou?

O outro interlocutor contentou-se em encolher os ombros.

— Era seguramente pelas primeiras águas de janeiro, quando indo eu para as bandas de Santo Antônio do Buraco, encontrei o

Tatu. Achei-o debaixo de uma palhoça, dentro do mato cerrado, coberto de bichos, quase morre não morre. O feiticeiro revolveu-se, assim que me viu sobre as folhas secas, que lhe faziam a cama, e atirou-me uns olhos de cururu, que me foram dentro d'alma. Ninguém duvide do meu valor; mas, neste tanto, confesso, tremi do velho bruxo.

Um riso significativo esvoaçou pelo semblante amarelento desse sujeito a quem o faquista dava o nome de Zé Magro. O curiboca rangeu os dentes de raiva, e, em um assomo que quase ia sendo fatal ao companheiro, cravou a faca na mesa. O outro não tugiu nem mugiu.

João do Camocim calcou os cotovelos sobre a tábua, e prosseguiu, com a voz arrastada, em sua história. — O velho Tatu não sei por que se inquizilara comigo. Nunca lhe procurei maldades, nem o desassosseguei nos seus feitiços. O caso foi que, levantando-se desta vez contra mim com os beiços respingando o veneno das cascavéis com que vive, encheu-me de pragas como nunca ouvi outras de diabo algum do meu tope.

— Maria de certo lhe tinha falado — interrompeu neste ponto Zé Magro — nos teus apegos com a Luizinha, ela quer ver tudo, o diabo mesmo, menos a Germana do Papara.

— Não sei — tornou João; — o que é certo é que o tal velho disse nesse dia desaforos, que nunca o filho de minha mãe ouviu sem espigar o sujeito. Ah! outro!... nem tempo lhe sobejava para tossir!

— O direito é que você não soube espigar o Tatu.

— Ainda estou hoje esperando que me digam o que foi que me tomou naquele instante. Vi sangue diante dos olhos e faltou-me o prumo; o feitiço tinha pegado o fama. Ai! que me não valeu de coisa alguma esta lambe-tripas de uma figa...

Os olhos do facínora, a despeito da influência do álcool, coruscavam de um modo singular.

— Eu havia sonhado que a Luíza me desprezaria. Não sei o que me passou depois pela cabeça quando acordei; aquele sonho havia trazido a morte à minha alma... A filha do Papara ninguém me tira!... De Deus venha o remédio... O velho parece que adivinhava que o sangue fervilhava-me cá por dentro como uma ninhada de cobras. A Luizinha era a vida da minha vida; por ela eu seria bom, Zé Magro, eu deixaria de ser mau um dia; mas o demônio do Tatu tem-me envenenado o coração com as suas palavras malditas, e hoje parece que a minha vida não tem outro fim senão matar.

— Por que não dizes, João, que antes isto é do teu gênio, do que feitiçarias de caboclo?

— Se não fossem as suas pragas teria eu tido o encontro que tive com o desgraçado Manuel? Se não fosse a caipora que me persegue, aquele infame tocador de violas ter-se-ia vindo meter em meus amores? Ah! demônios! ainda hoje me recordo dos azedumes por que passei em casa de Papara! A Luíza não o deixava de olhar; ele tocava, e era todo ternuras e repinicados... Como os bofes não me estouraram? e por que logo aí não aviei o malvado que assassinava minha alma?...

— Parece que estás arrependido? Ora, coragem, homem, que o que está feito não está por fazer. Dele pelo menos não terás mais de que te queixar.

O curiboca levantou-se cambaleando.

— Sabes então? — disse, medindo o companheiro de alto a baixo.

— Nada sei; mas calculava que já o tivesses feito, bem assim como penso que também maquinas dar cabo do tal mocinho da serra, que te anda na batida.

— Ah! — tornou João com uma risada alvar. — Ah! Não bulas na ferida, que ainda bota sangue. Aí é que está a minha desgraça. A amizade do Papara nunca deixarei; ou feliz com a Luíza ou desgraçado com a terra inteira! Ah! miserável Tatu, tu não sabes que cascavel assanhaste no fundo deste coração! Fizeste-me já morder ao primeiro...

E o curiboca fez ranger os dentes, como um cão atacado de raiva. Depois ergueu-se, e tomou para o fundo da casa, acompanhado do confidente. Aí continuaram eles em uma conversa surda, de que Alfredo, trêmulo e confuso, não pôde sequer apanhar uma palavra.

Os dois não se demoraram fora muito tempo: e voltaram altercando. Pelos modos, parecia que Zé Magro exigia de Camocim alguma coisa a que este, irritado, se negava. Um riso de escárneo provocador povoava o semblante do assassino.

Contrariado, o companheiro procurava um meio de coagi-lo, e, como não o achasse por fim, fazendo um supremo esforço disse-lhe:

— Falas assim, João, porque não pensas no mal que te posso fazer! As justiças de Maranguape estão aí![15]

Foi isto quanto bastou para transbordar a bílis do curiboca. O sangue subiu-lhe ao cérebro: não viu mais nada diante de si, e levantou a mão sobre o mulato, que lhe incitava os brios. Zé Magro soltou um berro e caiu; quando ergueu-se estava com o rosto coberto de sangue. A bofetada tinha-lhe batido em cheio sobre a face.

---

[15] A trama romanesca ocorre no alto da serra da Aratanha, um dos cabeços que confronta com outra elevação do mesmo maciço — a de Maranguape, a cujo sopé descansa a cidade do mesmo nome, da qual, em moço, o autor foi juiz de Direito.

XIV / ENTRANHAS DE FERA

O CASEBRE DE JOÃO DO CAMOCIM ficava no sopé da montanha.

Esses sítios completamente abruptos, longe dos povoados, e afastados da estrada, não ofereciam ao transeunte senão ínvias veredas eriçadas de pedregulhos e espinheiros embastidíssimos, por onde a custo conseguiria passar o arrojado caçador.

O gênio de João obrigava-o a procurar uma moradia escondida dos homens. O único vizinho que o freqüentava ordinariamente, era o velho estático e meditabundo, que encontramos em profética atitude à porta da mansarda. Às vezes também, à noite e fora de horas, furtivamente apareciam por aí os seus companheiros de alcatéia, cuja existência a própria mãe não suspeitava.

Desta habitação de verdadeiros morcegos pouco ou quase nada se descobria das aprazíveis vargens, que se estendem entre as duas serras. Os únicos objetos que os olhos do espectador conseguiam descortinar eram o dorso verde-negro das montanhas de Maranguape e o Alto de Santo Antônio, onde alvejava a poética igrejinha, legendia-se uma vereda, quase oculta pelo mato, pela qual fazia o feitise escuras grotas, cercadas pela floresta misteriosa, de onde rompiam uma vez por outra sinistros rumores, que os visionários da vizinhança interpretavam por gemidos de almas penadas ou branidos do inferno. O lugar era por todos olhado de revés.

Justamente deste sítio, em direção aos fundos do casebre, estendia-se uma vereda, quase oculta pelo mato, pela qual fazia o feiticeiro seu trânsito ordinário. Daí, tomando pelos tombadores da serra, e desviando por entre as locas e carrascos, seguia uma boa meia légua até embeiçar na estrada onde se transviara o filho de D. Genoveva.

É por esta vereda que nos transportaremos agora, antecipando-nos um pouco aos acontecimentos, que acabamos de narrar.

Era ao cair da noite.

Um homem rude na figura atravessava o mato, e cauteloso aproximava-se do encruzamento da vereda com a estrada. Empunhando o seu afiado espinho, ao menor movimento, que se produzia na folhagem, lançava um olhar inquieto em torno de si. Ao chegar na orla do matagal distanciou-se um pouco para logo ocultar-se entre as altas ervas que abeiravam o caminho.

O leitor já terá compreendido que uma tocaia se preparava.

O silêncio que reinava era apenas interrompido pelo ciciar dos insetos; dir-se-ia que a própria natureza cobria-se de luto pelos hediondos pensamentos que revolviam-se no cérebro do assassino.

Um silvo agudo rompeu o espaço, e um vulto apontou ao mesmo tempo na volta do caminho. Ouvindo o grito sinistro, quem quer

que por ali vinha, como que tomado por um repentino pressentimento, hesitou, olhando para todos os lados. A morte esvoaçava pela verde-negra coma das árvores, um ar frio, que transia, parecia anunciar o repouso dos sepulcros.

Ao frouxo clarão das estrelas mostrou-se um rapaz esbelto, de fisionomia franca e busto alentado pelos labores campestres. Do lado pendia-lhe um objeto, que ao primeiro relance julgar-se-ia um saco de viagem; mas em realidade não era outra coisa, senão a viola, que por nossos sertões tantas e tantas desgraças tem ocasionado na efervescência dos sambas.

Havia nas proximidades do sítio, para onde se tinha escondido o celerado, um montículo anteparado por uma rocha, que oferecia aos olhos desprevenidos a aparência de um reduto feito pela natureza. O desconhecido, pressentindo algum perigo, para aí dirigia-se rapidamente; encostou a banza,[16] e, metendo a mão no cós da calça, sacou uma lâmina acerada, que brilhou ao tênue clarão do céu. Fosse quem fosse, o transeunte esperava o golpe traiçoeiro. Nesta atitude conservou-se por alguns minutos; e, como o inimigo custasse a apresentar-se, introduziu os dedos na boca e soltou um grito atroador.

Moveu-se o arvoredo vizinho; e o curiboca avançou.

— João! — bradou o outro, empunhando de novo a faca. — Santo Antônio me proteja!

E os ferros se encontraram.

O agredido, além de ser vigoroso, era, na frase dos compadres do lugar, um fama de respeito e um cabra topetudo.

— Pagas-me! — acudia João, cujo semblante transluzia o furor em seu auge. — Urucará[17] sem brio e sem valor, miserável assassino de minha alma, restitui-me os risos que tomaste a Luizinha, ou bebo todo o sangue que tens nas veias.

A luta travou-se braço a braço, corpo a corpo. Semelhantes a dois tigres esfaimados, que disputassem entre si o débil garapu,[18] assim acometeram-se os terríveis adversários, com os olhos em sangue e a boca pejada de blasfêmias. Por dois minutos durou este jogo infernal em que os lutadores procuravam experimentar as forças e a coragem. Calaram-se e o silêncio reinou por alguns

---

16 Nome que, por influência africana, dava-se no Nordeste, à viola, com base na grosseira guitarra africana — *mbanza*.

17 *Urucará*, no texto, tem o sentido evidente de *urucaca*, que, em tupi, significa *bruxo*.

18 *Garapu* (ou *guarapu*) em tupi significa veado-roxo. Note-se, no romancista, a preocupação de pôr no linguajar do sertanejo o substrato tupi da miscigenação colonial.

instantes, durante os quais só se ouvia o arfar continuado dos dois peitos indomáveis. Estava, enfim, começada a pugna, donde só um dos contendores deveria sair com vida.

João do Camocim era um atleta, que nada invejaria aos gladiadores antigos; seus braços musculosos, como duas serpentes raivosas, tinham-se enredado pelo tronco do destemido tocador de viola; curvado sobre o antagonista, e entesando as pernas, obrigava-o a circular como o touro sob as garras do jaguar. Nestas condições, aquele que perdesse o equilíbrio estava morto. Nestes terríveis vaivéns, contudo, ora a sorte favorecia ao curiboca, ora a seu impávido rival.

Percorrendo um grande circuito, qual tentando levar o adversário de encontro ao tronco de uma árvore, qual buscando arrastar de costas o companheiro a uma depressão do solo, onde falseasse o corpo e desse-lhe a vitória, por fim vieram ambos a achar-se junto do montículo. Não fora este movimento, porém, filho do acaso como do próprio esforço do curiboca. Lobrigando a pedra, rápido pensamento lhe acudira à mente; juntando, pois, todas as suas forças, cravou o queixo sobre a clavícula do outro, e levou-o de rojo sobre aquele fragmento de rochedo com tanta felicidade que os pés do tocador de viola falsearam e um grito de desespero fendeu os ares. As pernas vergavam subitamente, e seu corpo exangue rolou pelo chão. O golpe tinha sido certeiro, e a mão traiçoeira mergulhara-se até as entranhas da vítima.

O curiboca levantou-se então com um sorriso de satisfação.

O que depois se passou não há palavras no vocabulário humano que possam exprimir. João do Camocim apertou nos dedos a sua amiga do Pasmado e caiu sobre o cadáver, tomado de uma alucinação sem nome, só comparável ao furor carniceiro da hiena. Inclinando-se sobre os restos inanimados da vítima — profanação horrível! — não houve casta de infâmias que a fera não praticasse. Dilacerou a face do infeliz, enterrou o ferro homicida nas vísceras e, arrancando-as, não recuou diante da impiedade de trincar esse coração, que nos sambas enchera por tantas vezes seus companheiros de alegria.

Tendo assim dado pasto a sua sanha, o tigre humano levantou-se com a baba sangrenta, a escorrer-lhe da boca, pisou sobre a face da vítima, e com um gesto de desprezo empurrou o cadáver para longe de si. Neste momento, porém, como que de súbito o celerado encheu-se de pavor. Parecera-lhe ter ouvido um gemido; volveu-se para o corpo inerte, e, ou seus olhos enganavam-se, ou o rosto macerado do assassinado contraía-se como se ainda estivesse vivo. A despeito do endurecimento de sua alma, os cabelos se lhe eriçaram, e a voz quase se lhe embargou na garganta.

— Socorro! — gritou ele fazendo um grande esforço para arrancar das faces aquela palavra de angústia.

A superstição se apoderava do desgraçado a quem naquele instante só respondiam as florestas, onde se perdiam entre rumores inextinguíveis os pios lúgubres das aves noturnas.

Sem desprender os olhos do cadáver, que dir-se-ia erguera-se da terra para vingar o ultraje, foi o perverso afastando-se, até que perdeu-o de vista; respirando então, e ainda acobardado, correu para ver se assim livrava-se da terrível obsessão.

A poucos passos daí apareceu-lhe uma figura. Era Zé Magro. O mulato presenciara tudo, e, conhecendo o estado do espírito do curiboca, não receou lançar-lhe em rosto a fraqueza.

Reanimado pela presença deste amigo não tardou em cair em si; revoltado contra a sua pusilanimidade, soltou uma blasfêmia.

— Agora nem Deus!

Dali tomaram ambos pela vereda, de que já falamos. Logo adiante havia um córrego, em que o facínora lavou as mãos. Essa veia d'água atravessava um roçado que ele estava brocando junto ao caminho; lembrando-se que aí tinha uma camisa de serviço, foi buscá-la, vestiu-a, e, abrindo um buraco, fez desaparecer a que trazia.

Travando depois dos instrumentos de lavoura que aí deixava para melhor justificar a sua tardança, despediu-se do camarada na orla do mato, e dirigiu-se para casa.

Zé Magro admirado de que o faquista, depois de um atentado como aquele, se houvesse separado dele deixando-o senhor de um segredo, esteve por algum tempo irresoluto sem afastar-se do lugar.

— O cabra está embriagado — pensou o mulato — e por isso não deu peso à minha presença. Supõe talvez, na confusão em que se acha, que ignoro tudo. Coitado! Mas não serei eu que deixe de aproveitar a ocasião; é o que havemos de ver.

E, ruminando a idéia que de súbito acudira-lhe, encaminhou-se para o albergue de Camocim, que a este tempo tinha entrado.

Como estará o leitor lembrado, o curiboca, atravessando o aposento em que estava Alfredo, procurou os fundos da casa. Não foi sem surpresa que aí encontrou Zé Magro, que o espreitava. Suas palavras também não revelaram enfado; chamou-o para dentro, e, sentando-se com ele a uma mesa, começaram ambos a beber.

— Quero falar-te de minha vida — disse João com uma voz arrastada.

Já dissemos como Alfredo surpreendera parte da conversa cujo seguimento fora interrompido com a saída dos dois. Resta-nos explicar o que se passara entre eles e levara o curiboca a esbofetear o amigo.

— Mas enfim, João — dissera Zé Magro — não nos importando com as quizílias do Tatu, o que me obrigou a voltar aqui foi pedir-te algum dinheiro. Deves-me, e é ocasião de pagares-me.

João nunca tivera dívidas com o mulato; mal compreendendo o sentido de suas palavras, olhou espantado para ele interrogando-o com o cenho.

— Pagar-te? — disse como buscando arrancar alguma coisa da memória amortecida. — Não comprei-te nada: nunca trabalhaste por conta minha! De onde veio-te a lembrança? Quem de nós estará mais tonto?

— Eu, por certo que não. Puxa um pouco pela cachola que te hás de lembrar de alguma coisa. Não estamos em tempo em que se trabalhe de graça e, se te acompanhei até o córrego e ajudei-te a abrir covas para enterrar não sei que semente proibida, não foi para voltar com as mãos abanando.

O mulato aludia à camisa ensangüentada que ficara sepultada no roçado.

Não obstante repetidas reticências, João do Camocim não entendeu.

Persuadira-se aquele que com um simples toque, no seu aturdimento, o curiboca aceitasse a reclamação antes de pensar num meio mais expedito de forçá-lo a engolir o segredo. Mas a embriaguez não favoreceu-lhe o plano; João pouco a pouco se foi irritando, e tarde Zé Magro arrependeu-se de sua temeridade. Ligeiro, porém, como um gato, não aguardou que o facínora repetisse o insulto, e, jurando em segredo vingar-se, ganhou o mato.

XV / O TATU

ALFREDO, ENTRETANTO, abrindo a porta sorrateiramente, precipitou-se no terreiro. Apenas os cães pressentiram a saída, levantaram o alarido.

A situação não podia ser mais aflitiva, principalmente para uma pessoa que como ele não fora criado para noturnas aventuras. Contudo, ou porque o medo lhe fosse abrindo passagem, ou porque alguma luz sobrenatural naquela ocasião o socorresse, o caso foi que não se meteu muito tempo sem que o transviado se achasse em uma aberta, de onde lhe seria fácil orientar-se.

À direita via-se um pequeno outeiro onde se avistava um ponto branco, uma construção; era a igrejinha de Santo Antônio do Buraco.

À esquerda abria-se em declive um caminho, que ia perder-se entre o mato escuro.

Alfredo estacou indeciso, conjeturando sobre qual seria o melhor alvitre, se seguir pelo carreiro que a sorte lhe fazia deparar, se romper o matagal até chegar à ermida, onde encontraria abrigo certo.

Nisto ladraram-lhe à retaguarda os cães que vinham-lhe na pista. Não havia tempo a perder. Atirou-se ao acaso, sem saber para onde o conduzia o destino naquela noite aziaga, e já encomendava a alma a Deus, quando o ruído produzido pelas águas, que se precipitavam de um rochedo, veio reanimá-lo por instantes.

Tal é o horror que temos ao completo silêncio, que nestas angustiosas ocasiões, basta o aflar da copa do arvoredo, ou o crepitar da linfa por entre as conchas e pedrinhas para alentar-nos o coração oprimido. Razão teriam talvez os antigos gregos em povoarem os seus bosques e as suas fontes de silfos, ninfas e amadríades, divindades que lhes alegravam a existência; ao menos, acreditando nunca estarem sós, baniam para sempre de si esses vagos terrores, que ao viajante perdido tanto inspiravam as florestas negras e tristonhas do Novo Mundo.

Uma pequena cascata, formada por um fio d'água originado nas faldas da Aratanha, saltando de pedra em pedra, vinha estortegar-se na planície. Uma atmosfera inebriante se respirava ali; e, se bem que a hora, só de terrores, não se prestasse a romances ou idílios, contudo Alfredo experimentou um bem-estar indizível. Sentou-se em uma pedra e respirou a bom respirar; o ar fresco e saturado dos perfumes, que se exalavam das flores e dos arbustos próximos, penetrando-lhe nos poros, comunicaram-lhe uma sensação agradabilíssima.

Felizmente os cães tinham-lhe perdido a pista, seus ladridos agora apenas ouviam-se ao longe como o salmodiar dos judeus na sinagoga.

Não se passaram entretanto muitos minutos sem que novo incidente viesse perturbar-lhe a calma, que a amenidade do sítio fazia-lhe aos poucos entrar no coração. Um guincho singular feriu-lhe os ouvidos, e obrigou-o a erguer-se; ao mesmo tempo viu adiantar-se um vulto, que a princípio lhe parecera de uma grandeza descomunal.

Era o velho Tatu. O feiticeiro vagava como uma ave noturna à cata de fortuna. Aproximando-se, soltou um esconjuro, que fez o rapaz estremecer até a medula dos ossos.

— Huau! Vem, meu filho — regougou o velho. — Vem, que o caipora não anda longe, e, se hoje o encontrares, ai do coração da serrana!

Ouvindo estas misteriosas palavras, novos receios se apoderaram do filho de D. Genoveva. Como um autômato, não obstante, seguiu o velho, que, curvado e sem dar uma palavra, foi subindo pela veia do ribeiro. Ora abeirando o corrente, ora tomando por entre

as moitas que o orlavam, andaram os dois como sombras perdidas por espaço de mais de uma hora, até que, afinal, o feiticeiro parou e começou a olhar para as estrelas, cujos raios penetravam a custo por entre as folhas. Alfredo, perplexo, julgando-se vítima de um sonho, contemplava tudo isto sem ousar fazer uma pergunta.

Ambos haviam parado em uma clareira, cercada de frondosas árvores. O chão, alastrado de ossos humanos e vários potes de barro com grandes tampas de madeira que os fechavam hermeticamente, indicava ter ali existido outrora o cemitério de alguma tribo de selvagens.

No fundo da clareira aparecia a entrada de uma gruta formada por dois rochedos sobrepostos e minados pelas águas do regato, que desprendia-se de terrenos superiores.

Arrancando das faces um grasnido semelhante ao da coruja, o Tatu chegou-se para a entrada do delubro.[19] Ao lado elevava-se uma imensa palmeira. Soprada pelos ventos, neste momento seus leques pareceram animar-se, e, revolvendo-se em todos os sentidos, deram um sonido semelhante ao chocalhar de cascavéis. Os primeiros raios da lua, que então elevava-se no horizonte, batendo de chapa, prateavam o tope da elegante rainha do reino vegetal. O velho aproximou-se do tronco e deu três pancadas, que ressoaram como se fossem uma lâmina de bronze. A copa da palmeira moveu-se com mais violência, e um corpo imenso e luzidio resvalou por entre as folhas e sutilmente foi descendo pela haste.

Alfredo reconheceu uma jibóia.

A serpente desceu, desceu, e afinal, distendendo-se como um desmesurado cipó, veio enrolar-se aos pés do feiticeiro, que começou a afagá-la como a uma criança.

O espanto no rapaz à vista desta cena redobrou-se.

XVI / A LENDA DE SANTO ANTÔNIO DO BURACO[20]

O SÍTIO que o velho Tatu escolhera para sua locanda era o mais apropriado que se poderia imaginar aos seus fins.

O Pitaguari, principalmente no tempo em que se passavam as cenas que agora descrevemos, bem longe estava de apresentar aos

---

19 Palavra erudita. Sinônimo de templo pagão.

20 Hoje em dia, a região que dá título ao capítulo tem a denominação de Santo Antônio do Pitaguari, pertence ao município de Maranguape e, graças às condições especialmente férteis de suas terras, lá está, há muito instalado, um campo experimental agrícola.

olhos do viajante o espetáculo, que hoje apresenta, de florescência e progresso agrícola.[21] Os ramos de agricultura que tanto incremento têm dado à província — o café e o algodão — ainda estavam em começo, e poucos eram os estabelecimentos destinados ao cultivo daqueles gêneros; o mesmo açúcar, se bem que já explorado por toda a parte, não oferecia as mesmas vantagens pecuniárias.

Ao agricultor, portanto, faltava o conforto indispensável e os meios necessários para realizar inovações proveitosas. Desta maneira, a exuberância que atualmente se nota por toda a serra da Aratanha não passava de um germe, que só esperava o esforço do homem para desenvolvê-lo, principalmente no Pitaguari, em cujos esconderijos a indústria, pelo tétrico aspecto do lugar, receava encontrar a realização das lendas populares.

Só anos depois foi que alguns inteligentes agricultores, reconhecendo a fertilidade do local, pretenderam formar ali um núcleo agrícola de importância.

Um rio que corria, estreitado entre dois montes, foi repentinamente reprimido em seu curso; uma obra colossal ergueu-se em pouco tempo, obstruindo a garganta, por onde se precipitavam as águas, e um mar artificial estendeu-se pujante a perder de vista, premunindo todo o país adjacente do terrível flagelo das secas.

Isto não obstante, os herdeiros dos antigos possuidores dessas terras, a quem o governo português as concedera em tempos remotíssimos, e que depois foram respeitadas com o nome de *sesmarias dos índios,* olharam espantados para os progressos da civilização, e agouraram mal da empresa, não se metendo muito tempo sem que os diques se abrissem com a violência das chuvas torrenciais, e a planície fosse inundada com a desolação de uns e o completo aniquilamento de outros.

Sem embargo, porém, a obra reconstruiu-se e a propriedade floresceu.

O Pitaguari era, portanto, de todos estes sítios, o de que mais odiosamente falava o povo.

Uma história hedionda ligava-se a este covil de feras, onde ninguém ousava penetrar sem encomendar-se com fervorosas orações ao orago da capelinha, que, à distância, suspendia-se sobre o monte como o farol dos transviados. Contavam que um dia, desaparecendo o santo do altar da ermida, um piedoso homem, conhecido em toda a redondeza pelo mais fervoroso dos corações, inspirado ou não pelo céu, pretendeu restituí-lo ao sacrário a despeito de

[21] Escrevíamos estas palavras em 1873, bem longe de pensar nas calamidades que teriam de assolar essas mesmas regiões. (Nota do Autor)

infrutíferas tentativas feitas no intuito de descobri-lo. Sonhara ele que desgostoso o santo pela frieza da fé, desertara para uma gruta, onde os peixinhos, que outrora ouviam a sua palavra desprezada pelos ímpios, o adoravam agora para ensino e vergonha dos homens. Dando crédito, pois, a este sonho, armou-se de cilícios, disciplinas e rosários, e, resolvido a suportar todas as provas a fim de resolvê-lo e voltar à sua habitação, internou-se pelo mato em cata da caverna desconhecida.

Era também crença geral que o milagroso santo, nem tivera vindo de Portugal, nem fora fabricado no país; que fora descoberto pela primeira vez em um buraco praticado pela natureza cm uma pedra, cuja situação todos então ignoravam.

Valha a verdade; o fato não era desconhecido do velho Tatu, que de tudo andava avisado, nunca deixando de arrematar quanta superstição aparecia entre os vizinhos.

Passados alguns dias, sem que do homem houvesse notícia, viram os habitantes das circunvizinhanças uma nuvem de abutres descer sobre a fralda da montanha. Alguns mais temerários reuniram-se e dirigiram-se ao sítio para onde se aglomeravam as aves carniceiras; e com grande espanto encontraram sobre um extenso lajedo um cadáver putrefato, já em parte devorado pelos corvos. Em frente havia um despenhadeiro diante do qual ninguém ousou avançar; perto, ouvia-se o murmúrio de um regato!

Inclinando-se um mais curioso para ver de onde partia o ruído das águas, descobriu um orifício sobre a laje, apenas porém enfiou a vista por ali, deu um grito chamando os outros, que, pasmos, descobriram uma cabeça como de uma criança que os espreitava.

Um vago receio de todos se apoderou. A presença do cadáver, avisava-os de um sem-número de desgraças. O mais corajoso estendeu o braço e retirando-o do buraco trouxe uma pequena imagem. Apenas desobstruiu-se o orifício, reboou uma voz cavernosa saindo de sob a terra.

Atemorizados, e deixando o santo que lhes queimava as mãos, os curiosos fugiram em completa debandada.

O fato logo vulgarizou-se, e o orifício do lajeado, que misteriosamente falava, foi objeto de um milhão de comentários. Diversas versões apareceram acerca do fenômeno; os mais crédulos apregoaram que o santo por este modo revelava o seu desgosto pela corrupção dos povos, e castigara mui justamente o temerário que ousara lançar a mão sobre a imagem que se ocultava das vistas profanas; outros, porém, lançaram o fato à conta das abusões do povo, havendo até quem falasse vagamente na intervenção do velho feiticeiro.

O caso foi que passados alguns dias, entrando o povo para ouvir missa na capelinha, ali encontrou a imagem no mesmo lugar que

antes ocupava. Quem a trouxera? Ninguém sabia dizer; vozes misteriosas espalharam que dias antes tinha sido visto o próprio santo de matulão às costas atravessando a floresta.

Verdade ou mentira, desde então transportou-se a verdadeira devoção para o sítio onde aparecera o cadáver. Toda a casta de peregrinações aí se fez para aplacar a indignação celeste que — coisa célebre! — reaparecia todas as vezes que as esmolas não choviam sobre o orifício do rochedo, por onde ouvimos falar o espírito divino. De tempos em tempos essa voz terrível se erguia para proferir alguma sentença tremenda. Novo oráculo de Delfos, não houve quem para ali não corresse a fim de consultá-lo sobre seus destinos; os criminosos tremeram, e não se deu segredo que não fosse revelado.

Assim corriam as coisas quando, com geral surpresa, descobriu-se que a nada disto era estranho o velho Tatu. Descendo o despenhadeiro encontrava-se uma caverna. Houve quem ali visse por vezes o feiticeiro.

Se era por seu prestígio que esses milagres se realizavam, como explicar a conivência do patriarca?! A generalidade dos habitantes olhava para o caboclo como para um bruxo pactuado com o demônio; mas, perplexos, não trepidaram em aceitar o fato sem explicação, e o prestígio continuou.

Desde esse tempo o Tatu nunca mais deixou a gruta.

Longínqua caricatura dos pajés seus antepassados, nada poupou à boçal curiosidade. As moedas depositadas pelos peregrinos na pedra perfurada onde se reuniam as águas da chuva produziam excelente sulfato de cobre, colírio a que as moléstias de olhos, por mais rebeldes que fossem, raramente resistiam, e o mistificador soube tirar todo o proveito possível do fanatismo dessa pobre gente.

Muito simples era o artifício de que usava para chegar a este resultado. Servindo-se de um furo adjacente ao primeiro, que ia pelos interstícios do rochedo findar-se na caverna, engendrou o embusteiro uma comunicação com o mundo invisível, e, fazendo com que os consultantes esperassem sobre a laje pela resposta sibilina, descia para preparar-lhes o terrível efeito. Aí chegando aplicava a boca à fresta do rochedo, e de repente a voz do agoureiro retumbava do lado de fora, enchendo de susto os pobres idiotas, que caíam e conservavam-se prostrados, até que os viesse levantar o bonzo pálido e trêmulo como se acabasse verdadeiramente de falar com as potestades infernais.

Calcule-se, pois, a impressão que deveria ter causado a Alfredo aquele antro tenebroso. Apinhada de objetos grotescos, cujo uso não lhe era posível adivinhar, trazia-lhe esta gruta à idéia uma dassas medonhas oficinas em que os alquimistas da média-idade procuravam a pedra filosofal. Esqueletos de animais, caveiras humanas, répteis empalhados, tudo enfim quanto pode trazer-nos o pavor,

o feiticeiro aí amontoara. No centro via-se um engenho de uma natureza estranha, composto de várias rodas dentadas, cujo fim seria talvez esmagar as vítimas que ali fossem arrojadas. Vasos de todas as qualidades enfileiravam-se no fundo como uma coorte de malfeitores, seguramente pejados de sutis venenos, à espera dos infelizes a quem tinham de dar a morte.

Para tudo isto o filho de D. Genoveva olhava com as carnes a arrepiarem-se, esperando a cada momento que soasse a sua hora.

Fez-se a inal a luz, e o vulto repelente do velho feiticeiro apareceu.

— O filho fique em paz — murmurou ele. — A loca do caboclo será neste momento o seu melhor abrigo. Enquanto seu pé pisar a terra onde dormem os ossos dos seus antepassados, sobre sua cabeça não esvoaçará a desgraça.

Atordoado, Alfredo mal percebeu o sentido daquelas palavras. Uma sede abrasadora o devorava. Quis falar, mas esforço inútil!... A garganta ressequida não lhe obedecia à vontade; buscou com os olhos o ancião, para invocar auxílio, mas este tinha tornado a desaparecer. Ao acaso procurou onde saciasse aquela sede imensa; tentou sair ouvindo o ruído produzido pelas águas do regato; promoveu o passo trôpego para a entrada, e qual não é o seu horror ao ver o imundo réptil com as fauces escancaradas a ameaçá-lo.

Recuou aterrado indo cair de encontro a um vaso de barro que se descobriu e deixou correr um líquido cuja natureza não pôde conhecer. Sem reflexionar, desesperado, apoderou-se do vaso; e, de um trago, esvaziou quase todo o seu conteúdo.

Um travo inexprimível encheu-lhe imediatamente a boca; as pernas flácidas curvaram-se, e os sentidos se lhe apagaram.

XVII / SONHO E REALIDADE

SOBREVEIO-LHE um sonho cheio de delícias, em que via-se transportado à época em que, ainda criança, entregava-se aos folguedos próprios dessa idade.

Oh! com que satisfação não corria Alfredo em busca de ninhos de corrupiões! Com que curiosidade, repassada de sustos indizíveis não se metia ele a atravessar as margens da lagoa, que a seus olhos de menino parecia um mar infindo! E todos os sítios pitorescos, que cercavam a lagoa de Jassanaú, desenrolavam-se diante de seus olhos tão cheios de atrativos, como se realmente tivesse ele volvido

aos seus risonhos sete anos, e seus pais ainda habitassem com a primitiva pobreza nesse sítio de tão saudosas recordações.

Quem não terá em sonhos feito idênticas digressões ao seu passado? Como verdadeira compensação às agruras do presente, parece que Deus de propósito nos concede esses momentos de inefáveis alegrias; somos felizes pelo menos enquanto sonhamos, e, desentranhando da memória muitas vezes as nossas antigas relações, realizamos esperanças que afagávamos então, construímos brilhantes castelos, que o futuro se incumbe sempre de desmoronar!

Percorrendo todas as cenas que se ligavam àqueles lugares, não escapou a Alfredo a flor dos campos mais viçosa, enlevo de sua primeira idade, a companheira predileta dos seus inocentes folgares — aquela ingênua companheira e confidente de que ninguém se esquece nessa época em que se ensaiam os primeiros arrulhos amorosos. O coração do rapaz mesmo em sonho palpitou, e deixou-se tomar por uma alacridade intensa. O rostinho angélico da menina mostrando-se por entre as moitas de murici, a fugir-lhe, escondendo-se por trás dos arbustos perfumosos, fazia-lhe estremecer o coração até a última fibra, ao passo que do fundo d'alma se desprendia uma saudade imensa.

Tudo isto ia-se-lhe fundindo n'alma de um modo caprichoso, quando nova direção tomou a imaginação; tumultuaram-lhe no cérebro as cenas do lúgubre albergue, a figura do curiboca, as feições repugnantes do feiticeiro, a conversa que ele surpreendera entre os dois celerados, e o nome de Luizinha retumbou-lhe aos ouvidos proferido pelos lábios do facínora.

Nesta situação Alfredo abriu os olhos. Um corpo estranho envolvia-lhe os membros quase insensíveis; quis levantar-se e não pôde: estendeu as mãos e sentiu o contato de uma pele escorregadia. A serpente da véspera se enroscara em torno dele impelida naturalmente pelo frio da manhã. O animal inofensivo desenrolou-se então e, afastando-se, sumiu-se pelas anfractuosidades do rochedo.

O dia ia raiando quando o rapaz, livre do susto e recordando-se do que se passara na noite antecedente, conseguiu erguer-se e saiu para orientar-se. O feiticeiro já o esperava junto da palmeira.

— O filho — disse ele em tom paternal, se bem que sempre cobrindo a voz com o regougar que lhe era habitual; — o filho foi encostar os lábios ao vinho dos bons e maus agouros!

— A sede me devorava, respondeu o moço; busquei as águas da fonte, mas a saída me foi vedada. Eis por que traguei essa bebida.

— Foste feliz — tornou o velho — porque os sonhos não te desampararam. As charnecas se não abriram debaixo de teus pés.

— Sonhos risonhos, é verdade; mas por último não há palavras com que os descreva. Sempre a figura sinistra a perseguir-me, a querer assassinar-me!

— Espera filho, refletiu o Tatu depois de um certo recolhimento que não lhe passou despercebido; — espera, e tem coragem, porque a estrela fatídica ainda corre muito longe.

— Terá porventura o curiboca de dar-me a morte um dia?

— Só o futuro pode-o dizer. A gruta do velho caboclo serviu-te hoje de abrigo; mas quem dirá que amanhã possa proteger-te contra a sanha do abutre? Já o céu clareia e é tempo de voltar aos braços da serrana.

— Minha mãe!... Oh! bem ela mo dizia!

E saíram ambos pelo mesmo caminho em busca da região que servia de pedestal ao ninho da gaivota, que D. Genoveva transformara em retiro.

Neste mesmo dia boatos singulares se espalharam pelas circunvizinhanças acerca do misterioso assassinato. Desconhecidos os autores do atentado, revoltando-se a opinião pública contra a barbaridade do ato que revelava a existência de ódios concentradíssimos, puseram-no logo à conta da polícia matuta. É o que sempre acontece nesses lugarejos, onde a intriga e as desinteligências pessoais arvoram-se em princípios.

As investigações da polícia estacaram logo ante essas malévolas sugestões, e a trica eleitoral, se bem que ainda em embrião na então vila de Maranguape, que por esse tempo não passava de um simples tutelado da Capital, sem autonomia política, a trica eleitoral, dizíamos, tomou asas e sem rebuços assestou os canhões da calúnia e falsas imputações contra os adversários do partido dominante. Acontecia, por infelicidade da influência da localidade, que a vítima fosse justamente um dos mais respeitáveis capangas do partido decaído. O infeliz Urucará não se celebrizara somente em seus descantes ao pé da viola pelas noites de luar e nos sambas do Papara. Em duas ou três eleições anteriores, pondo seu braço valente ao serviço da parcialidade antigovernista, dera que fazer aos guardas do voto livre, levando a cacete e a pedrada para fora da igreja juiz de paz, mesários, e *tutti-quanti*, fato este que fez muito falar a gregos e troianos. Diziam até que a sua ousadia não chegara somente a cumprir aquilo que seus chefes lhe haviam recomendado expelindo os alquimistas do laboratório improvisado, senão também que a mão leve e ligeira afagara gostosamente o feitiço de alguns engravatados, em cujo número se achava o mandão, o juiz de paz, último termo da hierarquia social nestes lugares.

O fato tornava-se grave e não podia ficar impune. O certo é que ameaçado com designações da guarda nacional a cada momento, daí em diante o pobre sambista via-se em uma roda viva. Afinal um dia foi recrutado. Mil empenhos porém choveram por intermédio do repreensível compadresco que reina entre aqueles mesmos que se costumam esmurrar à porta da igreja por causa de um fósforo, e, o bicho foi posto na rua em pouco tempo.

Ora, todos estes fatos foram desenterrados de repente, e as conjecturas concretizaram-se pouco a pouco. Vingança! Tudo fora por vingança!

E o que se tornara mais admirável era que os inimigos do governo já saboreavam a represália futura, e *in mente* forjicavam o processo com que, mais adiante, logo que a outra política subisse, haviam de fazer reviver estas coisas para soterrar o responsável de todas as calamidades públicas. Pobres mandões de aldeia! Quanto não lhes custa sustentar esse prestígio de meia tigela, com que supõem forçar o acatamento público?!

Entretanto, sacrificando o sossego para obter um comando superior, ou uma presidência de câmara, com o fim somente de calcar o adversário, o inimigo pessoal, mal sabem que grande superioridade não dão a este tornando-se o alvo de todas as injúrias e o autor obrigado de todos os malefícios! Se a polícia, por mais vigilante que se torne, não os pode pôr a salvo das contumélias da canalha, sempre pronta a transformar o grande em pasquim, onde todos pregam o seu papel sujo! Não se lembram, coitados, em sua cegueira, de que o governo, embora lhes encha os alforjes de concessões, levando-os até as trincheiras do inimigo que desejam ferir, nunca deixa de acabar premiando-os como premiou o homem do cavalo da fábula.

A morte portanto de Urucará, não podia, segundo esta versão, provir de outra fonte.

Calcule-se qual não foi a indignação de Alfredo, quando soube de tudo isto.

Chegando em casa, e, aplacadas as aflições da velha que se achava verdadeiramente inconsolável, apressaram-se logo em vir-lhe denunciar o fato; mas nem uma só palavra lhe escapou dos lábios, nem a sua mãe ousou revelar o segredo que surpreendera. Não conhecia ele esse juiz de paz, necessariamente pessoa muito respeitável, a quem tão infamemente caluniavam, mas fosse quem fosse, a injustiça bradava aos céus.

Uns ímpetos lhe vieram de imediatamente descer à vila e denunciar o criminoso à polícia; contudo, profundamente impressionado com o que lhe acontecera na noite anterior, achou que seria temeridade sua, e adiou isto para mais tarde.

XVIII / CARÍCIAS MATERNAS

A NOITE seguinte rolou para Alfredo tempestuosa e cheia de sobressaltos.

D. Genoveva não deixou de notar o tom de melancolia com que lhe falara o filho. Constrangida com a sua atitude pensativa, não descansou enquanto não conseguia deste uma evasiva qualquer, uma destas razões de cabo de esquadra, com que tantas vezes são iludidos os solícitos carinhos de uma mãe.

— Amores velhos, pensou ela, saudades de alguma moçoila deixada inconsolável e para quem revoa agora seu coração juvenil!

Mil distrações foram inventadas para arrancar o moço a tão singular pesadume. Passearam pelo sítio; foram ambos percorrer o serviço, e, entre mil ditos espirituosos relembrou-se o passado, mas tudo embalde; o rapaz não deu uma risada, não proferiu uma só palavra expansiva. Tudo lhe era indiferente; só uma idéia o preocupava.

Ao anoitecer foram inúteis as trovas ao som da viola que antes tanto o deliciavam. Aborrecido, despediu o tocador da banza, e pediu-lhe que nunca mais o enfadasse com as suas gaitadas insuportáveis. Convidado pela mãe, ainda acedeu a jogar ao clarão de uma triste candeia algumas mãos de bisca, jogo tão ao sabor dos nossos antepassados. Por muito porém não durou esse passatempo, em que contudo Alfredo conseguiu dispensar à viúva três ou quatro frases carinhosas.

— Bem se me opunha o coração, dizia a velha em cujo espírito não poucas entradas tinha a superstição, a que saísses de casa para lugares tão esconjurados como estas bibocas, que aí se encontram serra abaixo. Quem me dirá que não ande por estes biocos algum feitiço escondido? Não tenhas tu te encontrado com aquele velho pestilento que tantas maldades tem feito por este mundo de meu Deus?

O rapaz estremeceu involuntariamente e volvendo-se para a mãe perguntou:

— De que velho fala?

— Do Tatu, respondeu a viúva, pois não te lembras do bruxo?

— E será exato que este caboclo asqueroso tenha o poder que se lhe atribui?

— Não sei, o que é certo é que a pedra tem falado. A um vai ele curando com as suas ervas milagrosas e a outros impondo a morte quando quer e como quem adivinha; em suma, (e Nossa Senhora de nós o afaste), desune os amigos, descasa os bem casados, e não há facada em samba por aí abaixo, em que o dedo do

excomungado não se encontre. Ora dize-me, meu anjo, será certo que tu não o viste?

— Por que, minha mãe? tornou o moço inquieto. E, e o houvesse encontrado, o que havia de mais nesse fato?

— Ainda me perguntas? disse a velha passando a mão por sobre a cabeça do filho e fazendo-lhe um amuo de criança. Pensas então que os teus bons olhos hão de afastar de ti as diabruras do bicho?

Alfredo sorriu-se, e, encolhendo os ombros, dirigiu-se para o quarto. Encontrou-o nesta noite preparado e disposto como até então nunca acontecera. O zelo materno excedera-se; flores por toda parte: até na própria rede de franjas bordadas tinha D. Genoveva espalhado pétalas de rosas.

— É para que não te queixes de abandono, proferiu a viúva que o tinha acompanhado. Pensei, Alfredo, que já te aborrecias deste rancho por te faltarem os luxos dos lugares por onde andaste.

— Oh! minha mãe! exclamou o rapaz abraçando-a em um movimento de efusão. — Que de delicadezas se encontra nos carinhos de uma mãe desvelada!

A solicitude com que D. Genoveva predispunha as coisas para que nada pudesse faltar ao filho, não há frases com que se possa pintar. Ora eram os lençóis que não se achavam bem alvos e cheirosos, ora o punho da tipóia que enfadada reconhecia ter sido pela escrava mal colocada e que ela destorcia; era a falta de uma esteira para privar o trânsito de umidade: isto, aquilo, e mil outras coisas que só uma mãe sabe descobrir em tais ocasiões.

Alfredo mal podia conter-se que não brigasse com a mãe por empregar seu precioso tempo com uma *coisa ruim* e tão avessa a tais mimos, como devia ser um rapaz acostumado à vida relaxada das repúblicas escolásticas.

Só quem o tiver experimentado poderá saber que paciência não se faz mister em certos momentos para suportar essas *impertinentes* carícias, de que são tão pródigas as velhas extremosas.

Com grande custo conseguiu retirá-la da inútil inspeção, obrigando-a a ir buscar também repouso, e então sozinho mergulhou-se em profundo cismar com aquela volúpia dolorosa que encontram nisso todos os corações impressionáveis.

Uma melancolia, que não estava em seu natural, o assoberbava de uma maneira inexplicável.

Fora rugia o vento desencadeado nas alturas, comunicando-lhe à alma as mesmas sensações, que se experimenta quando se está no alto-mar cercado pela vastidão das águas; isto ainda mais concorria para agravar-lhe o mal-estar.

Tentou conciliar o sono e banir as idéias sem nexo que se fixavam no cérebro, porém baldado esforço. Contrariado, levantou-se

da rede em que se deitara inutilmente, e sentou-se junto à luz com o primeiro livro que achou à mão a fim de ver se torcia o curso de seus pensamentos. Infelizmente quis a sorte que fosse a *Solidão* de Zimmermann; leu algumas páginas, mas, longe esta leitura de aplacar o estado de seu espírito, não fez mais do que exacerbá-lo.

O filósofo nas poucas palavras percorridas a esmo confirmava pela descrição dos efeitos da solidão o que se passava no delicado organismo do leitor — organismo só talhado para a vida de comoções vivas e ininterruptas. Cansado afinal deste repetido circunvagar sobre as mesmas idéias, já sentindo que o cérebro lhe ardia, abriu a janela para o lado da planície e hauriu a longos sorvos a brisa que soprava daquele lado.

O espetáculo que se estampava diante de seus olhos era o mais arrebatador que é possível imaginar. A lua nesta noite erguia-se mais tarde, e, suspensa no horizonte como um escudo de prata, lançava a grandes jorros pela planície uma luz argentina, dando a todos os objetos um aspecto cismador. O vale assemelhava-se a uma dessas regiões fantásticas de que em suas poesias falam os poetas orientais; ao mesmo tempo que tudo parecia repousar como que através de um véu de gaze, o vento, rumorejando e fazendo ondular o vértice das palmeiras e a copa do arvoredo, arrancava do silêncio da noite alaridos misteriosos que faziam eriçar os cabelos.

Divagando com a vista por toda a extensão do cenário, ora percorrendo a encosta da montanha, ora os fios prateados dos ribeiros onde se refletiam os topes dos coqueiros, pousaram seus olhos sobre um ponto reluzente que, à distância, se via como uma chapa prateada.

Era a lagoa de Jassanaú.

O coração do moço vibrou com violência e o sonho da noite anterior se reproduziu estando ele acordado. Que capricho singular o atraía para aquele ponto, tomando as proporções de uma impressão imperiosa!?

XIX / O CURIBOCA

AMANHECENDO o dia, João do Camocim, livre da embriaguez, atirou-se como uma besta-fera através do mato. Reunindo as idéias confusas que lhe tinham sido deixadas pelas cenas anteriores, o curiboca lembrou-se do Zé Magro e saíra para encontrá-lo.

Quando de volta entrou no albergue, encontrou a mãe sobressaltada. Reparando esta no seu estado de exaltação, deu-lhe uma cuia com uma beberagem alcoólica para acalmá-lo.

— Bebe, João, que te pode isto fazer bem à reima.

O facínora esvaziou-a de um trago.

Seus olhos não tardaram em ceder ao poder do álcool; fecharam-se e sonhos hediondos povoaram-lhe o cérebro incandescido.

O resto do dia passou-o ele em completo torpor. Só à tardinha se atreveu a velha a ir acordá-lo. O curiboca despertou com a vista desvairada, como se acabasse de uma luta; copioso suor escorria-lhe dos membros extenuados.

— Ai! filho de minha alma! murmurou a mulher. Queira Deus não sejam sezões!

— Velha! bradou o facínora com os olhos cheios de uma raiva convulsiva. Por todos os santos do céu arrede-se de mim! O demônio subiu-me hoje à cabeça e agora só vejo sangue! Quero bebê-lo... e não se me dá neste instante de liquidar um diabo... corra para longe, que, neste desespero não enxergo mãe, não enxergo nada, não enxergo mesmo nem Deus!

A pobre mulher recuou espavorida, e a voz se lhe embargou na garganta; nem uma palavra se escapou de seus lábios; tal era o medo que lhe incutira a sinistra figura do filho!

Os olhos do faquista volviam-se a este tempo para o lado do Pitaguari.

— Tatu! balbuciou ele, velho esganiçado! Quem sabe se não és tu mesmo com os teus feitiços que estás fazendo a minha desgraça!

E como um tapir perseguido por audaz caçador arremessou-se outra vez através do mato. Pouco e pouco foi-se-lhe acalmando o furor, até que afinal, caindo em si, deixou-se abater sobre uma pedra, onde por muito tempo permaneceu quase sem sentidos. Pela primeira vez em sua vida, fosse pelo cansaço produzido pelo contínuo volver do cérebro sobre a mesma idéia, fosse por qualquer outro motivo, João experimentou um desfalecimento semelhante. Teve vontade de morrer. Esta idéia impelindo-o como uma mola, fê-lo erguer-se repentinamente.

Aos ouvidos soara-lhe um como chocalhar de guizos. Tinha ele parado justamente ao pé de um tronco carcomido que jazia por terra, vítima de remota tempestade; instintivamente pôs o ouvido à escuta, e os olhos acostumados à penumbra do bosque, procuraram a causa do rumor. As pupilas rutilaram-lhe; uma cabeça chata e luzidia emergia de uma das cavidades da madeira e dois pontos luminosos fixavam-se sobre ele. O curiboca estremeceu todo, e, excitado pelo demônio, deu um salto, e prendeu vertiginosamente entre as mãos calosas, à feição de gargalheira, esse objeto repugnante. Um silvo agudo fendeu os ares, e o chocalho troou de novo; no mesmo instante pela fenda do tronco saiu o corpo inteiro de uma asquerosa cascavel. Apenas o réptil apanhou-se fora, mas

com a cabeça sempre comprimida entre as mãos possantes do faquista, retorcendo-se e retraindo-se desesperadamente, enrolou-se em torno do corpo de seu agressor.

Provavelmente a idéia do suicídio levara João do Camocim a este ato de loucura; mas os instintos falaram mais alto, de sorte que, apenas viu-se o mísero a braços com a morte, sentiu renovarem-se os desejos de viver, e tratou de aniquilar o terrível animal. Não obstante seu esforço, o réptil resistia com vigor, e os pulsos, embora fortes, acaso não dispuseram no momento de energia bastante para esmagar o duro e escorregadio crânio. Convolvendo-se em roda do corpo do curiboca, a cascavel fazia diligência para desprender-se de entre os dedos que a apertavam. A luta era tremenda; a serpente a pouco e pouco conseguia desenvencilhar-se, e João por momentos viu a morte pender ali dos dedos, já quase enfraquecidos. Logo pois que se escapasse de suas mãos a medonha cabeça, a desgraça estaria consumada.

Horrorizado, procurou concentrar todos os seus alentos vitais; e recostando-se sobre o tronco, calcou com todo o seu peso as voltas do réptil. Tudo era baldado; o animal protegido pela natureza levava-o de vencida. Desesperado então o assassino empregou o último esforço que lhe restava; enfincou os pés contra o solo, e enterrou os dedos no crânio insensível. A nada entretanto cedia a serpente; um minuto mais e o mal seria irremediável. Nestas conjunturas João soltou um berro que atroou por toda a extensão da mata.

Pedia socorro.

Por dois minutos angustiosos balançou-se ele entre a vida e a morte. Se a seu grito ninguém respondesse, estava morto. Afinal ouviu ao longe como que o eco repetir suas palavras. De novo soltou o brado; mas desta vez o eco respondeu mais perto. Tornou a gritar e esperou. A cascavel era apenas contida pelas pontas dos dedos ensangüentados que a comprimiam de encontro ao corpo. Já enxergava-lhes as fauces escancaradas, e sentia as aguçadas presas cravarem-se-lhe nas carnes, quando inesperadamente abriu-se a folhagem, e mostrou-se o Tatu.

O feiticeiro trazia uma foice. Mal divisou-o, contemplando a angústia que traduziam os olhos do curiboca, aproximou-se do tronco e tocou de leve no réptil que imeditamente tornou-se imóvel.

— Contém-te, animal peçonhento, balbuciou ele, enquanto eu contenho a suçuarana feroz!

O faquista não acreditava no que via; temeu soltar a cascavel, e olhou espantado para o Tatu. Como nem um músculo de sua face se movia, erguendo-se, largou o corpo inerte do animal, e afastou-se sem dar uma palavra.

— Espera! — bradou o velho.

João do Camocim estacou horrivelmente torturado pela presença do feiticeiro.

Singular fascinação se operava naquele desgraçado!

O velho fez-lhe um aceno e meteu-se no mato; o curiboca, impelido pela mesma força que o detivera, acompanhou-o rugindo, e em breve se acharam ambos ao pé da gruta nossa conhecida. João volveu um olhar espantadiço e atirou-se para um canto. Um gemido pungente ecoou no antro escuro.

— O veneno... a cascavel... murmurou o noivo de Luizinha com a voz quase a extinguir-se.

— Levanta-te! disse o velho. Estás curado! Agora não te saia mais da cabeça que o Tatu é um grande senhor da vida.

— Se isto é verdade, por que não me dás ela de uma vez? Queres me perder, morcego peçonhento!

— Não blasfemes. A tua estrela não descambou...

— Quero a Luíza! Bem sei que tens de dá-la a outro! Os teus esconjuros só fazem amargurar-me...

— Por que tens um coração de mulher...

— Ah! então entende que é preciso que a gente cada vez mais se vá entranhando na desgraça! A tantos tenho enfiado, e ainda vens dizer-me que sou cobarde!

— O que te direi, meu filho, quando não há muito desanimavas de viver?

— Mentira! Este que está aqui, se desesperou foi por não achar um meio de dar cabo de tua pele.

— Guarda este furor para os feitiços que acompanham-te o fado. O que esperava de ti era coragem!

— Mostra-me pedra mais dura do que este peito. Rompo faca, velho bruxo! Mostra-me quem já alguma vez me viu de leve tremer! Sei lá neste mundo o que são ternuras?... Mas o andar também a gente a assassinar assim quem muitas vezes não fez coisa alguma... não há sina mais triste do que esta. Isto também cansa...

— Vai-te desgraçado, exclamou o Tatu, que para cobardes não há remédio!

Como um cão, a quem acabasse de castigar o látego do senhor, o curiboca, completamente transtornado, rojou-se aos pés do feiticeiro.

— Ai! dá-me a Luíza... dá-me Luíza..., ou deixo esta vida de cão danado. É preciso matar? Matarei. Nunca a faca falseou em minhas mãos! Só uma vez... só uma vez... quando quiseste que o inimigo fugisse-me das garras.

— Bem deves compreender, filho, que se tu o matasses naquela ocasião, a menina morreria às tuas mãos.

— Mas podias com teus feitiços acabá-lo de uma feita. Por que o não fizeste? Queres mesmo que ele rasgue este coração infeliz!

— Sabes se o filho da serrana não será necessário para tornares a ver o amor de Luíza?

— Sinto aqui um palpite que me diz outra coisa. Tu me trais. Se tens tanto poder como dizes, por que não me curas para sempre?

O caboclo olhou fito para ele.

— Queres a cura, do fundo d'alma?

— Tão certo como ser eu João do Camocim!

— Sujeitas-te a todas as provas do feitiço?

O faquista vacilou. A superstição e o terror do desconhecido faziam-no hesitar; mas, turbado pelos abalos anteriores, fez um esforço supremo e precipitou-se no abismo.

— Aqui estou, disse afinal: aqui estou; faze de mim o que quiseres.

— Pois bebe e descansa! — tornou o caboclo chegando-lhe à boca uma cuia repleta de um líquido esverdeado.

Não tinha a última gota resvalado pelos lábios do facínora, e já suas pernas cambaleavam e as pálpebras caíram sob um peso imenso. Seu cérebro turvou-se e a caverna pareceu-lhe girar como sobre um eixo. Um ribombo ensurdecedor rompera do seio da terra, e ao mesmo tempo uma nuvem de espesso fumo invadiu o antro. Súbito um raio de luz rasgou estas trevas medonhas, e iluminou o vulto sombrio do feiticeiro, que salmodiava uma monótona toada, recordação talvez dos ritos semibárbaros dos primitivos piagas. De seu semblante despediam-se chispas de um fogo azulado, que lhe davam aparência de um habitante das regiões infernais. Por todos os lados chocalhavam guizos de cascavéis; por suas pernas entremearam-se asquerosos répteis, e uma aluvião de morcegos espalhou-se pela caverna, fustigando-lhe a face de vez em quando com suas asas sutis. João estremeceu de terror e julgou-se transportado ao império de Satanás.

Nisto, como por encanto, apareceu diante de seus olhos esse mesmo aparelho que já dera tanto que pensar ao filho da serrana.

O Tatu fez emergir das sombras o seu busto raquítico, distendeu um pouco o pescoço, e soltou um silvo agudíssimo, que se foi perder ao longe na encosta da montanha.

XX / UMA HISTÓRIA DE MIL E UMA NOITES

A LUZ QUE SE DIFUNDIRA pelo antro foi pouco e pouco amortecendo. A este tempo, das entranhas da terra um vulto irrompeu, rasteiro e sarapintado, que aos saltos e urrando chegou-se para a almanjara misteriosa, à qual o jungiu o feiticeiro. O curiboca ouviu um estalido,

e imediatamente, arrastada com violência, a máquina, rangendo, girou sobre os gonzos com inaudita velocidade. Ilusão ou realidade, no meio do torvelinho e entre o pó que se erguia tudo isso desapareceu. João recuou transido, e, buscando amparar-se a uma escarpa do rochedo, sentiu duas mãos possantes arrebatarem-no para dentro da voragem, onde seus olhos puderam apenas distinguir um ralo cilíndrico que volvia-se sobre si com a maior rapidez imaginável. O que depois se passou foi um verdadeiro conto de *Mil e uma noites*. Arrastado pela força desconhecida que o subjugava, pareceu-lhe que a máquina aos poucos o ia devorando. Suas carnes esfaceladas, seus ossos escarnados, quebrados e reduzidos a uma massa informe, todo o seu corpo enfim foi consumido em poucos minutos pelo terrível aparelho. Nada podia comparar-se a essa tortura que nem terminava, nem dava a morte ao mísero, que naquele instante a preferia a tudo. De todo lhe fugira o ânimo para suportar o sacrifício; implorou socorro, pediu misericórdia ao feiticeiro; mas inúteis eram seus gritos: o Tatu não tinha ouvidos.

A máquina prosseguiu em sua hedionda tarefa; os membros desapareceram na voragem, e já os ossos da coluna vertebral, desfeitos e corroídos pelo ralo imenso, de envolta com os fragmentos dos músculos esmagados, corriam a juntar-se à massa ensangüentada que embaixo se ia acumulando, João, louco de dor, entregou-se à vertigem, e esperou a morte.

Mas, oh! coisa estranha! Os lumes não lhe fugiram, os tormentos redobraram-se, o crânio despedaçado resvalou pelos dentes da máquina infernal, e, com o maior espanto de um homem que se devia julgar transportado à região dos mortos, sentiu-se vivo, nesse montão de destroços humanos.

A risada sarcástica do Tatu atroou na abóbada; umas mãos enormes ergueram esse corpo desfeito, e depositando-o em uma grande prensa fizeram-no passar aí por novas e mais duras provas. Comprimido entre aquelas tábuas, João acreditou que se lhe esvaía a última gota de sangue.

Será dele talvez, — pensou o desgraçado, — que o feiticeiro vai tirar a beberagem, que me há de curar para sempre.

Quando o Tatu retirou-o da prensa, as carnes e os ossos não formavam mais do que uma massa compacta que, sacudida por uma fenda do rochedo, rolando, foi perder-se no abismo. Instintivamente o faquista buscou evitar a queda, prendendo-se ao rochedo; mas oh! decepção! seus membros não existiam, e tiveram de ceder como todos os corpos à força de gravitação.

João do Camocim tinha chegado ao fundo do sepulcro. Aí pôde considerar na assombrosa situação que as artimanhas do velho lhe haviam criado. Um fenômeno singular entretanto se passava. O curiboca, procurando-se com os sentidos, não encontrava a si mes-

mo; ouvia, via, apalpava e sentia, e não descobria onde estavam seus órgãos sensitivos; ergueu-se, moveu-se, andou, encostou-se, bracejou, assentou-se, mas tudo isto se realizava por efeito de uma magia que ele não sabia explicar-se.

Espírito bronco e inculto não duvidou que estivesse já convertido em alma penada. Não obstante, como sempre sói acontecer em sonhos, ainda os mais disparatados, em que nunca perdemos a individualidade entre as multiformes transformações por que passamos, não se esqueceu de examinar o lugar onde estava.

Fosse com os olhos do corpo ou com os do espírito, o caso foi que distinguia ao longe uma claridade intensa, que, rompendo do lado exterior, penetrava ali em feixes infinitos. Não pensou mal o curiboca julgando-se em uma gruta; por ali devia naturalmente ser a saída e para lá se dirigiu. Ora agachando-se ora arrastando-se, ora saltando, avizinhou-se desse sítio, de onde ouviu o rumor produzido por uma torrente e com pouco descobriu uma formosa cascata, que gorgotando por uma espécie de tubo praticado na rocha, despenhava-se com grande fragor, refletindo mil prismas da luz que vinha de cima. Fora esse reflexo que o atraíra. A abertura porém achava-se alguns pés acima, e para vencer esta dificuldade seria mister pelo menos criar asas.

Por uma vez ainda pensou ele na sinceridade das palavras do feiticeiro.

Uma sede devoradora o assaltava. A água corria a seus pés; por que não a beberia? Curvou-se; os lábios ressequidos, e que não existiam para o seu tato, encostaram-se ao líquido vivificante, e um alívio indizível comunicou-se às entranhas abrasadas.

— Luíza! murmurou o infeliz. — Tudo por ti... vamos...

Um calafrio percorreu-lhe o corpo todo.

Tatu podia tudo. Por que não lhe restituiria o sonho dos seus amores?

A este tempo estrondaram umas pisadas atrás de si; volveu-se: era o velho bruxo.

— Não tens fé! disse-lhe este, lançando-lhe um olhar sinistro.

— Mata-me! refletiu João.

— É cedo ainda. Cumpre o resto do fadário.

— Tira-me do inferno...

— Espera...

Mal eram proferidas estas palavras, as águas da cascata de alvas tornaram-se de uma cor verde-negra; o líquido fez-se opaco: deixou de correr para colear, e o corpo imenso de uma serpente avultou, açoutando os ares com a cauda e escancarando uma boca enorme. O faquista recuou espavorido diante do monstro, que enfurecido ameaçava-o com as presas agudíssimas. Quis socorrer-se do velho,

mas este tinha outra vez desaparecido. A língua bífida do animal envolveu-o, e num momento o arrastou ao bojo. Quando o curiboca deu acordo de si estava em uma planície a perder de vista.

O réptil, tendo-o arrojado fora das fauces, arrastava-se lentamente para o covil.

O pasmo redobrava-se. O que tinha ele a fazer no meio de um deserto semelhante? Dirigia-se ao acaso, e alongando-se pela planície sentia-se oprimido por seus horizontes sem fim. Só pela tarde foi que a natureza transformou-se, aparecendo-lhe uma torrente impetuosa. A fresca brisa que reinava nesse sítio convidou-o ao repouso; não se passaram também muitos minutos sem que viesse interrompê-lo um ruído semelhante ao rosnar de uma fera. Era com efeito uma suçuarana, que, de cima de uma pedra, já formava o salto. Mais ligeiro do que o relâmpago, João, transpondo um valado formado pelas águas torrenciais, galgou um combro imediato, e pôs-se em guarda. O tigre rugia, e, abanando o chão com a cauda, passeava de um lado para outro, ameaçador e enfurecido. O curiboca não tirou mais dele os olhos. O quadrúpede por seu turno fixava os seus no homem com excepcional expressão; desta vez contudo foi o homem o dominado.

João a pouco e pouco ia experimentando os efeitos de uma obsessão horrível: uma convulsão correu-lhe pelo corpo e um grito rouco estertorou-lhe na garganta. Ele entrevira no focinho do animal uma fatal semelhança.

Perseguido pela fera, arremessou-se como um louco pela planície e investiu contra a violenta correnteza; as ondas o envolveram, e, arrebatando-o com furor, levaram-no rio abaixo. Inutilmente bracejava o mísero para retomar a ribanceira; seus braços não tinham mais forças para resistir ao elemento invencível. Pela última vez lançou o infeliz um olhar súplice para a terra, e de todo já submergia-se, quando uma mão prendendo-o pelos cabelos, suspendeu-o fora d'água. Sem saber como, viu-se depois estendido no fundo de uma canoa, que resvalava vertiginosamente pela face tempestuosa da torrente. Ergueu-se, olhou para trás de si, e distinguiu um corpo negro que, ofegante, acompanhava a piroga. Era a suçuarana.

— Não temas, disse uma voz sepulcral, que o seu sangue nos pertence!

João virou-se, e deparou com o Tatu, que impassível dirigia a pequena embarcação.

As águas em turbilhão, cada vez mais velozes, levavam-na em uma carreira medonha. Tudo anunciava a aproximação de um perigo. O rio convolvia-se arrojando-se de encontro aos rochedos, as espumas orvalhavam as faces dos tripulantes, e os pássaros,

aproximando-se, fugiam depois espavoridos. Ao longe retumbavam os ecos com o fragor de uma cascata.

O curiboca não tinha mais coração para sentir. Conservava-se calado e esperava. Depois de tantas maravilhas não lhe era lícito mais duvidar do feiticeiro!

Entregues assim à correnteza, não tardou em verificar-se o que seus ouvidos já há segundos anunciavam. O rumor crescia como uma tempestade que se avizinhava nas ligeiras asas dos ventos, e o rio, estreitando-se mais e mais, atropelava-se entre os inúmeros parcéis, que obstruíam o leito. De repente tudo escureceu e os argonautas aperceberam-se de que eram arrastados para um tenebroso sumidouro.

Se há uma imagem do trânsito desta para a outra vida, João teve-a a mais completa nessa horrível passagem. Daí em diante o mais foi uma vertigem. De novo abriu-se o sol; perderam-se depois em um nevoeiro espessíssimo, até que encalharam em uma praia alvejante, onde se encontravam os vestígios de uma aldeia abandonada. O velho, apenas encostou a embarcação, saltou em terra; o curiboca seguiu-lhe as pegadas. Não tinham dado cem passos, quando se lhes apresentou o corpo arquejante do tigre, que as águas haviam também arrojado para ali. O feiticeiro soltou um grito e imediatamente acudiram três megeras de raça índia, que em nada cederiam às feias bruxas de *Macbeth*. Uma delas, atirando-se como uma harpia sobre o quadrúpede exangue, arrastou-o para o meio do castro derrocado; as outras acompanhando-a afiavam os terríveis cutelos que traziam; em um segundo estes demônios de forma humana, caindo sobre a presa, dilaceraram-lhe as entranhas, e espremendo o sangue até a última gota recolheram-no em um vaso de barro de forma estranha. Isto feito cercaram o facínora, e, enquanto a mais horrenda lhe salpicava o rosto com o sangue da vítima, as outras duas, fazendo mil esconjuros sobre a urna, em que haviam depositado os restos, imprecavam as potestades infernais.

Uma fumaça rubra ergueu-se sutilmente tingindo todos os objetos em torno, de uma cor sangüínea. João viu então desenrolar-se diante de seus olhos uma cena, que o gelou até a medula dos ossos.

Luizinha lhe aparecia entre os braços de um mancebo, seus olhos falavam-lhe amor; e o amante cobrindo-a de beijos rutilava de prazer. Se a dor por si só causasse a morte, o desgraçado ter-se-ia ali mesmo aniquilado; mas, para maior castigo, sua vida era inextinguível. Possesso, avançou para o rival; mas, quando julgava já tocá-lo com as mãos, tudo se esvaía como um pesadelo, e uma voz atroou-lhe nos ouvidos:

— Se queres felicidade igual àquela, faze-a nascer do sangue do inimigo.

O curiboca caiu fulminado. Quando voltou outra vez a si não encontrou mais nem o sítio em que presenciara o desagradável espetáculo, nem o velho que o acompanhava. Uma toalha d'água se estendia a alguma distância. João reconhecera a lagoa de Jassanaú.

Ao longe ardiam uns fogos; e um burburinho de vozes descompassadas fez-lhe crer que não distante havia gente. Ao mesmo tempo os sons de uma viola romperam o espaço, e uma toada sertaneja encheu a solidão.

O curiboca escutou. A toada dizia assim:

— Meu coração é o tigre
Esfaimado e aterrador! . . .
És a juriti mimosa
Presa às garras do condor.
Dá-me um sorriso se queres
Transformá-las em amor!

O sangue ferveu-lhe nas veias. Lembrou-se de que naquela noite devia ter lugar um samba em casa do Papara. Viu ao seu lado uma rede, lembrou-se das cenas da gruta do Tatu, das suas feitiçarias e promessas; tudo isto trouxe-lhe ao espírito uma agitação extraordinária.

XXI / O SAMBA

ESTAMOS em casa do Papara.

A noite tinha caído, havia pouco, e os convidados chegavam.

Germana, menos birrenta que do costume, preparava o aluá, arrumava os bancos para os tocadores e cantadeiras, varria o terreiro, desarmava as redes que obstruíam a casa, não poupando esforços nestes preparos a fim de que a sua festa, na qual o noivo da filha teria de aparecer em semelhante caráter pela primeira vez, não servisse de assunto aos ditérios das maldizentes comadres.

Francisco, de cachimbo ao queixo em um canto, apreciava o incomparável açodamento da mulher. Luizinha, com toda resignação de que era capaz sua branda índole, ajudava a velha no afanoso trabalho, silenciosa e triste; sua imaginação preocupada com a lembrança de Alfredo, não lhe permitia prestar séria atenção a coisa alguma. Não a deixava a idéia de que sendo o dia seguinte o da prometida festa em Maranguape, aí iria de novo encontrar o objeto de seus pensamentos.

O que se passava nesta ingênua menina, com relação ao filho de D. Genoveva, era o que costuma acontecer com todas as organi-

zações sensíveis, impressionáveis, apaixonadas, ou precocemente desenvolvidas, toda a vez que no limiar da vida encontram algum degrau, que as faça cair e resvalar pelo plano escorregadio do amor. Nesta situação estremecem, como avisadas por instintivo receio, e hesitam a princípio; mas logo a vertigem do abismo as domina, vacilam, e, atraídas uma vez, não há evitar que se precipitem na voragem sedutora. Desde então toda a consciência do que se passa ao redor de si desaparece; perdem os escrúpulos, e esta ingenuidade, que as torna tão interessantes, transforma-se na mais petulante das cegueiras. Absorvidas por um único sentimento, todo o universo se resume na impressão que as subjuga.

Luizinha tinha-se esquecido da distância imensa que a separava do amante. As longínquas reminiscências de amizade que ia-lhe inspirando com os seus cantos o infeliz Manuel, de todo se apagavam, e a sombra sinistra de João desvanecia-se para só reger-lhe o tenro espírito a simpática figura do mancebo.

Tal era o seu atordoamento que nem as recordações do modo sinistro por que lhe aparecera o facínora, nem a previsão do mal que lhe poderia resultar daí, nada absolutamente embargava o curso de suas aspirações.

O terreiro encheu-se em pouco. As mulatinhas chegavam e iam-se requebrando em busca dos namorados; os tafuis de topete crespo, impacientes, ensaiavam o baião.

Temperaram-se as violas, gemeram as rançosas rabecas, experimentaram-se as gargantas; já um puxava uma fieira, outro reclamava a loação.

— Quero isto com toda a bizarria! gritou insôfrego o Papara.

— Sim! vivam o Francisco e a Germana! bradou um dos tocadores. Saltem, gentes! Pulem, gritem!... Nada de mangação...

— Apre! — acrescentou outro dali. A folia parece hoje de feição. Corra *a branca*...

— Ora que viva compadre! disse entretanto um rapaz de porte marcial que ia entrando.

— Arreda! que aí vem o fama! Olé! o Neco Cara Preta.

— Salve toda a companhia! Mas... pelo que vejo só estavam à minha espera!...

— Vejam lá a presunção.

— Presunção, não! este cá não conta histórias. Que é do curiboca?

— João do Camocim?

— Sim: o topetudo?

— Faz-se de rogado. Bem vê: são coisas de noivados...

Pelo rompante é fácil reconhecer que o recém-chegado não era nenhum *sum es fui* de reputação ainda por fazer. Senhor de si, prazenteiro, patusco, dançador, não havia quem o excedesse em um baião gemedor; no sapateado arrastado dava regras ao mais

pintado. Querido das caboclas faceiras, suspirado pelas belas, não erraríamos se lhe déssemos o nome de *Leão*, entre os sambistas.

Apenas chegou, o moço depôs sobre um banco a viola que trazia a tiracolo, e, dirigindo-se a Luizinha, foi sem mais rebuços atirando uns olhos capadócios, lá de um certo modo particular, que a fez corar até a raiz do cabelo.

A menina amuou-se, e a rapaziada disparou na gargalhada.

— Ginga assim, cabra danado! disse de fora Zé Magro que neste instante surgia do mato como um fantasma. Vai-te arrumando para aí, que o campeão cá te espera no terreiro!

Neco volveu-se com um gesto de pouco caso e, acenando com a cabeça, fechou o olho à moçoila.

— Venha daí uma pinga, e queira-me bem, menina, que eu já vou dar uma lição ao taful.

- Fecha o olho... bate a pedra, refletiu maliciosamente o outro, e não vai cuidando de livrar o lombo do piqui, que te prepara o curiboca.

Sem se importar com a bravata, o rapaz empinou o copázio, que lhe ofereciam; deu um estalo com a língua, deixou escapar um suspiro do peito que só respirava felicidade.

Neco não ficou sem imitadores; com pouco os copos e as cuias circulavam, o aluá entornou-se à farta, e o acanhamento dos convivas foi-se transformando gradualmente no ruidoso festival. Os olhos rutilaram; e a satisfação estampou-se nos semblantes de todos, os tafuis começaram a desenvolver a sua loquacidade; e as meninas a exibir os dengues e requebros.

A cachaça, elemento indispensável a estes festejos, origem de tantos desacatos e dissabores, não tardou em produzir os seus efeitos. As violas temperaram-se; os cantores entoaram a louvação do costume ao dono e à dona da casa, e das unhas dos tocadores rompeu um baiano[22] rasgado, capaz de fazer estremecer ao mais bisonho filósofo.

É indescritível a influência que esse ritmo original sói produzir sobre o organismo humano, por mais insensível que seja o indivíduo. Os membros se agitam, o sangue ferve nas veias, os nervos se contorcem; não há corda enfim, por mais íntima, que se não deixe vibrar, e o corpo, passando por uma eletrização singular, parece dominado por uma força verdadeiramente infernal. Impotentes diante das notas saltitantes, todos sentem-se arrebatados; um demônio logo deles se apodera, e o mágico instrumento, operando

---

22 Forma primitiva do que hoje se grafa e se pronuncia *baião*, dança muito antiga e popular nos sertões nordestinos. *Baiano* registrou F. A. Pereira da Costa em seu *Vocabulário Pernambucano*.

prodígios, faz saltar os próprios paralíticos; tal é o poder dessa música misteriosa que o gênio talvez de algum sertanejo, em horas de tristeza, inventara para abafar as mágoas do coração ulcerado!

Doidas pela dança, as meninas saracoteavam com as anquinhas, e, entre mil momos provocadores, com os seios a pularem, mal contidos nos cabeções rendados, incitavam os namorados ao original bailado.

— Abram campo, minhas gentes! berrou um rapaz esforçado, que até então conservava-se calado, saltando de repente no meio da roda com toda a galhardia:

Bate, rufa na viola,
Deixa a mão cair da junta
Quem quiser que dê resposta
Faça lá sua pergunta.
Tá-tá-tá-ta-ra-tá-tá
Zú-zú-zú-tá-rá-lá-tá.

— Bravo! exclamaram todos, olhem o Sambista como se sai!
— Bem começado!
— Tome tento! Não vá agora queimar-me a cacada...
— Assim, cabra jubilado.
— Vejam o amarelo como ginga!

A última reflexão não partia de outro senão de um mulato conhecido por Zuza Camiranga, bicho destabocado, ralhador, pimpão dos terreiros e um dos mais intrépidos sambistas, sem ofensa à reconhecida fama de Neco Cara Preta.

O Sambista voltou-se, depois de dar duas rasteiras erguendo o pó e batendo com as mãos, e parou defronte do camarada.

— Se o negócio é mangação,
Salta fora, boi bargado!
Nada val seres barbado
Pois sisudo vais ao chão!

Não se pôde conter Cara Preta. Entregou a viola a um dos companheiros, e, tomando para si o desafio campou no meio da roda, quebrando o coco com um chiste sem igual.

— Já sisudo iria ao chão!
Mas o boi é catingueiro.
Vejam vocês que vaqueiro!
Nem tanger sabe o ferrão!
Tá-rá-tá-tá-ra-tá-tá.
Zú-ru-tú-rá-lá-tá-tá.

Os aplausos cobriram a voz do dançador.

A folgança chegava quase ao seu auge, reinando em todos a animação. Tudo era começar!

Travada a luta, não foi fácil abrir o campo aos demais sambistas. Os improvisadores entusiasmaram-se, e, renovando as libações, ora cantando as graças das morenas, ora variando do passo da ema até o sapateado e o miudinho, foram destarte enchendo a melhor parte do serão.

Não se fez esperar, porém, por muito tempo que as cabeças, esquentadas pelo álcool, dessem à função novo caráter; e dos jocosos desafios e variados bailados, passassem ao desenfreado batuque, sem ordem, nem harmonia, no meio de grosseiras chufas, descompostas posições, chegando ao mais subido grau de excitação sensual imaginável.

É nestas ocasiões que todo o respeito ao pudor desaparece, e as próprias donzelas, perturbadas pela garapa avinhada ou pelo licor preparado com o mel de abelha, frementes se atiram no torvelinho perigoso, e, recebendo sem cautela as embigadas que lhes arrumam os mais audazes, dando aos quadris uma agitação voluptuosa, concedem certos conchegos, que são o desespero dos sambistas.

Não empreenderemos descrever todas as cenas, que se costumam passar nestes momentos, bastando-nos dizer que algumas vezes chega esse delírio a tal ponto, que mais fácil seria fazer estacar o sol em sua carreira, do que arrancar ou acordar um destes bailarinos do supremo gozo em que se acham engolfados.

Luizinha, por mais de uma vez, apesar da melancolia que a devorava, fora arrastada ao redemoinho. Como era digno de se ver a gentil morena constrangida repinicar o chão com os pezinhos, remexendo as anquinhas sem cessar!

Os moços estremeciam, e os mais galhardos diziam cheios de inveja:

— Que sujeito feliz é o João!

— Eu cá, ponderou Zé Magro, se fosse a Germana... um ano que fosse... havia de trazer o bicho enchiqueirado. Que diz a isto, compadre? Parece que o *coquinho* não está maduro!

Todos riram-se da pilhéria, entretanto Zuza, cansado dos excessos, aproximara-se do grupo.

— Não me dirão, vocês, inquiriu ele, o que tem a velha do Papara? Tão alegre que estava!...

— É verdade! volveu Zé Magro com malícia querendo ocultar o pensamento. Já há bem tempo cismo que por aqui anda coisa.

— Digam lá o que disserem: aquele pau tem formiga! Por que não veio o Camocim?... O cabra sei eu que é desabusado, e quando ele mete os pés é porque o barulho é feio. Ainda que mal lhes pergunte: não ouviram vocês falar na história de um mocinho lá das grotas da Aratanha?

— A não ser a morte do Manuel, tudo é velho.

— Pois olhem: quem pode desmanivar toda esta pendanga é ali o Neco. Ainda agora puxou ele a menina a terreiro nesse tanto...
— É dos meus! cabra de lenha!
— E que fez ela?
— Ficou mais fechada do que uma pitanga.
— Ora... balda certa, vermelho na catinga.
— Cá para mim, esta história não acaba bem.
— Quem sabe se o João já não anda na batida do meco.
— Lá isto é o que eu não duvido. Certo é o ditado: dois tatus não fazem casa em um só buraco.

Do outro lado do terreiro partia a este tempo um rumor estranho. Uma cena desagradável se passava entre os donos da casa.

XXII / A TARASCA

ZÉ MAGRO mostrara desde que tinha chegado uma crescente impaciência. Como se estivesse ali a esperar alguma coisa, não obstante tomar parte de vez em quando no pagode, saía, entrava, tornava a sair, nunca deixando de espreitar o que por fora se passava.

Em uma destas saídas dirigiu-se ele para o lado mais deserto da lagoa. Logo adiante estava um corpo estendido sobre a relva como subitamente surpreendido pela morte; o mulato aproximou-se cauteloso e sem que o fato lhe causasse a menor surpresa pôs-se a observá-lo.

— Todos diriam que está bêbado, murmurou ele. Mas... qual! Eu já descubro quem lhe arranje melhor cama.

E retrocedeu com um sorriso terrível nos lábios, que denunciava quanto aquela alma era vingativa. Volvendo então para a casinha lançou para a estrada um olhar investigador.

— Os diabos demoram-se... Que caipora se desta vez perder o salto!

A altercação dos esposos tinha chegado a seu auge. O motivo era o de costume. Germana tinha recomendado à filha que se abstivesse de requebros, e, metendo-se para um canto, contrariada pela ausência do futuro genro, por mais de uma vez se havia levantado para passar um repelão no Francisco ou dar um beliscão na menina que com os olhos rasos d'água fugia do terreiro. A despeito porém de tudo, a rapariga não se pudera conter com as provocações do Neco, que não a deixava parar e aproveitando-se de um momento de distração, resvalara para a roda e caíra vertiginosa no baião.

Era uma natureza exuberante demais a natureza de Luizinha. Ser provocada em tal situação e não aceitar o desafio seria o mesmo

que asfixiar-se. Influenciada pela vertigem que de todos se havia apoderado por um instante se lhe apagou da lembrança a imagem de Alfredo e entregou-se à força irresistível que a chamava.

No dançado nenhuma outra lhe levava a primazia. Sapateando com um desgarre inexcedível comunicando ao talhe gentil esses estremecimentos voluptuosos que são as delícias dos apreciadores, o demoniozinho, ora fazendo menção de atirar em um, ora arremetendo em uma negaça para outro, fazia com que todas as cabeças andassem numa completa dobadoura.

O tocador de violas por pouco não enlouqueceu.

Dando por falta da pequena, a velha não poupou-se aos costumados destemperos. Viu o modo desenvolto por que suas ordens eram desobedecidas, e mergulhando a mão por entre os circunstantes, pregou na filha um desses beliscões a que de ordinário se dá o nome de tirar pele e cabelo.

— Estás te disfarçando!? resmungou ela de maneira que só pudesse ser ouvida pela vítima.

Luizinha, soltando um grito pungente, encontrou-se com o rosto da mãe, que ato contínuo, sem atenção a ninguém, levou-a aos empurrões para encafuá-la na camarinha.

Por cúmulo de pecados nesse instante apareceu Francisco. Até aquela hora só tendo dado atenção à garrafa de cachaça e já aos tombos, alegre e divertido como um Sileno e aos beijos com a botija amada, presenciando aquele ato de selvageria, adiantou-se para a mulher e quis meter o caso a bulha. Encostou-se pois ao portal, e, lançando uns olhos lânguidos para Germana que o olhava furiosa, atirou-lhe à queima-roupa esta grotesca quadrinha:

— Lá no sertão da Bahia
Vivia um sapo casado:
Na seca de vinte e cinco
Quase que morre torrado.

— Olhem que miséria, rugiu Germana, fazendo um gesto de escárnio. Vejam se isto são modos de gente!

— O que... que... é... que... está dizendo? tornou o velho inquizilado. — Ora... escutem... Modos... de... de... gente... Ande... diga?...

— Cala esta boca, Francisco... Depois... depois...

— Qual depois... Não... não... me venha... com cantigas...

Os efeitos do álcool produziam-se violentos no Papara e transtornavam-lhe completamente o caráter. Se porém este avançava, Germana não o fazia menos, e não tardou muito que ela levasse as mãos à goela do marido e arrojasse-o sem mais preâmbulos de encontro à parede.

— Ah! velho desabusado! gritou espumando. Estás enganado; comigo não entrosas de valentão!

— Hoje... saio... fora de sério! bradou Francisco com voz trêmula e gutural. Arreda, — continuava ele, arrancando-se das garras da mulher; — arreda!... velha jubilada... e... e... e... não me... me... toque... porque ... quem marcha para cima de mim... marcha... para cima da desgraça!

A cólera de Germana tinha subido consideravelmente no seu termômetro; segundo o louvável costume jurava, batendo com os punhos em tudo que encontrava, e teria levado o velho maricas aos trambolhões mesmo diante dos convidados, se Neco Cara Preta não buscasse separá-los.

Com este acontecimento, embora os espíritos estivessem um tanto alterados, a festa por alguns instantes esfriou. Os instrumentos emudeceram, e a efervescência da loação repentinamente cessou.

O destampatório de Germana corara a todos de vergonha. Em uma folgança como aquela semelhante procedimento não podia passar sem reparo, e assim aconteceu. Os matutos têm também seus pontos de honra. Muitas vezes por uma ninharia julgam-se gravemente ofendidos, e não há tirá-los de uma malquerença, de um azedume qualquer, quando porventura não acaba o negócio em grossa pancadaria.

Zuza Camiranga foi quem apanhou a garça no ar. Não sabemos que expressões ambíguas tinha empregado a velha de envolta com as chufas atiradas ao marido.

Aborrecida com a ausência do curiboca, não escolhia mais em quem fizesse recair seu mau humor, de modo que arrefestelando-se contra o mulato, que tomara as dores pelo velho, sacudiu-lhe uma léria[23] que estourou como um bofetão.

— Ora você, não passa de um mulato do pé-rachado.

— Não venha assim — respondeu-lhe o rapaz formalizado —, que comigo isto cá fia-se mais fino!... Pensa então que por ser a gente mais pobre há de agüentar tudo calado! Vá falar desta maneira aos cabras que lhe trabalham de empreitada.

— Não lhe pedi que viesse cá!

— É bem arrependido que estou. Mas os arrependidos são os que se salvam. Para beber um pouco de aluá de milho podre não precisava sair do meu roçado...

— Milho podre!... volveu a velha, fula de raiva. Ora vá você para a casa do diabo... Não dar-me o Pai-Eterno as piaçavas que Francisco tem na cara! Se eu mesmo sendo homem deixava alguém

[23] Léria significa *indireta*, frase insultuosa.

tossir para meu lado!... Sim... porque isso não é coisa que se ature!... Ah! cabra!

— Sei que sou cabra, tornou ainda o mulato ressentido. Mas nem por ser cabra deixou João de servir a sua princesa, mesmo branquinha como é.

Com esta, Germana pareceu por um instante embuchada: porém logo, voltando-lhe a presença de espírito, fechou uma das mãos e com a outra segurando o braço:

— Ora tome lá esta!... disse; que eu não faço caso de catitas! O João é um homem de papouco; e não é para comparar-se com uma súcia que vive nas palavras da Salve Rainha.

Francisco não dava o menor sinal de vida. Adernara para um lado e fazia-se com terra de ali mesmo cozinhar a bebedeira. Que felicidade não fora a sua em achar quem lhe comprasse tão porfiada demanda.

Outro tanto não dizia a velha rusguenta, que buscava a todo transe interessar o marido naquela dança. Mas este já estava bem longe de importar-se com coisas mundanas.

— Não se pode viver nesta terra! dizia a velha como que pondo assim remate ao furibundo arrazoado. — Mas, deixe estar que atrás de mim virá quem me vingará. João há de saber disto!

— Qual João, nem Mané João! retrucou o moço. Quem é que faz conta de curibocas. Vá se fiando nele e não trate de pôr o olho na cerca do quintal. Chame outro se quer briga, que este já há muito se pôs no bredo!

— Deixa de histórias: passa para cá! refletiu Zé Magro, procurando tirá-los da roda.

Germana afastou-se então, trombuda, e Camiranga foi sentar-se no terreiro.

O desaguisado levara o desconsolo a todos os semblantes. Uma função tão bem começada acabar tão mal, e tudo por causa da esquivança de João do Camocim!

As caboclinhas tristes escoravam-se nos cantos, os rapazes desapontados se encolhiam todos; e já alguns buscavam retirar-se, quando do lado de fora soou a voz enrouquecida e trêmula de Neco, que, abandonando o ritmo do baião, agora entoava uma destas canções apaixonadas, que constituem o característico da música nacional. Monótono era esse canto e repassado de tal sentimento e tanta saudade, que não houve um só dos circunstantes que não soltasse um suspiro prolongado... Seria talvez essa toada produção de algum poeta das brenhas, que, às horas mortas da noite, a teria improvisado ao relento, inspirando-se nos olhos negros de alguma amante bandoleira.

O silêncio era profundo, nem uma palavra mais foi trocada entre as pessoas presentes; todos ouviam comovidos as notas melancólicas do cantor.

Ao mesmo tempo uns soluços entrecortados partiam do interior da camarinha.

XXIII / O DESPERTAR DA FERA

CARA PRETA ESTAVA SÓ; cessara o canto.

Os lábios que há pouco tão poderosamente cativavam os corações das morenas, agora, mudos, só se abriam para soltar as acres baforadas, que arrancava de um péssimo cigarro.

Zé Magro aproximou-se de mansinho; e, notando em seu semblante uma estranha alteração, murmurou-lhe ao ouvido:

— Estás doente, filho? Conta-me as tuas penas, que eu talvez possa achar algum remédio.

— Não, José, não estou doente; mas sinto que saio hoje daqui infeliz... muito infeliz...

— Admira! Tão alegre que eras!...

— O mal tomou-me de repente.

— É a Luíza; já sei! Tão valente que te fazias! Como é que o fama se deixa assim agarrar?! Pois olha; cá este que estás vendo não é homem para cair em arapucas.

— Não fales assim que é pecado. Foi mau-olhado: acredita.

— Qual mau-olhado! Queres brincar...

— Estou falando sério! Penso que botaram-me feitiço.

— Deveras!? Ah! ah! ah! ah! Grande birra que é esta da Luíza!

— Juro pelos peitos que me deram de mamar.

— Consola-te então...

— Para isto não há consolo.

— E se houvesse por aí quem te pudesse dar uma esperança?

— Oh! A este iria até servir por duas safras.

— Bota bem sentido no que dizes, camarada!

— Digo e direi toda a vida. Não vejo tanto assim o que admirar, quando andamos por ali todos os dias a passar piores inclemências, e muitas vezes para quê?... Para que o amo nos ponha fora do recrutamento!

— Sustentas a palavra?

— Darei tudo pela Luíza.

— Por que não lhe vais perguntar se quer fugir contigo? Vamos ver que tens medo do curiboca...

— Não estremeço diante de homem!

— Então o que é que te embaraça?

— José, ela já pendeu para o branco. Nossa cor hoje lhe faz nojo.

— Ora que tolo! isto para mim era poeira. Esperava-o um dia pelo caminho e mostrava-lhe, assim como quem não quer nada, a tua língua de tatu.

— Mas o coração da Luizinha?! Hei de chamá-lo com ponta de faca?

— Deixa-te lá dessas idéias; que, logo que a moça desimaginar-se do tal branquinho, bota-se a ti de rijo. Não és feio, e não há ninguém mais disfarçado para mulheres.

Um riso perverso esvoaçou pelos lábios de Zé Magro. O miserável compreendera até que ponto chegara a súbita paixão que dominava o infeliz rapaz.

— Queres um conselho? continuou ele com uma satisfação satânica.

— Não sacudo longe de mim o que me dão.

— Olha que eu já vi de longe o que te pode ajudar neste negócio.

— Fala.

— Lança fora da manja o mocinho, e deixa o resto por conta do degas. Sabes que eu...

O mulato estremeceu; um leve rumor se tinha produzido na próxima folhagem. Em um salto se avizinhou do arvoredo e, antes que o camarada pressentisse sua ausência, mergulhou-se no folhiço.

Por entre o mato luziram uns quatro ou cinco canos de espingardas; um vulto o abalroou e dirigiu-lhe esta pergunta:

— Que é da onça, camarada?

— Está na toca; mas nós já vamos fazê-la sair.

— Pois se assim é não perca tempo.

Não se tratava, pelo que se está vendo, nada mais nada menos do que de uma diligência policial.

Por cautela o ilustre representante da lei se fora colocar em distância respeitosa, pois não era homem que descesse a figurar em guardas avançadas.

Zé Magro não hesitou. O momento era difícil, e a ocasião menos própria para ajustes. Passando pois por junto do tristonho trovador, insinuou-lhe nos ouvidos tão pérfidas palavras que o obrigaram a erguer-se, pálido como espectro da morte.

— É possível! exclamou ele.

— Dou-te um juramento, tornou o outro. Improvisa uma louvação e fala nos feitiços da Luíza.

É indescritível o abalo que experimentava o pobre mancebo. Automaticamente tomou a banza, e soltou o canto ainda mais repassado de saudade e ternura.

Que transformação não se operava naquela fraca criatura!
Os últimos versos diziam assim:

Esquece o branco! acredita:
No mundo nada há que valha,
O sossego, o amor, a calma
Da pobre casa de palha,
Bateste as asas; voaste
Como a arisca zabelê.
Luizinha, tirana, fazes
Morrer logo quem te vê!

Mal tinham soado as últimas palavras do improviso, quando um grande ruído quebrou o silêncio que reinava na casinha do Papara. Rolou um corpo pelo chão, e a viola do tocador voou em estilhaços.

João do Camocim erguera-se no meio do terreiro na figura de um possesso. Não é possível representar o pasmo, o terror que se apoderou de todos os circunstantes. Cara Preta fora arrojado ao chão do modo o mais ultrajante; dispondo porém de uma ligeireza pouco vulgar, levantou-se, antes que o curiboca o pudesse subjugar, e, pondo-se em franquia, puxou a faca e armou o cacete com gesto terrível e ameaçador.

Não se poupou ainda desta vez Germana aos gritos e às blasfêmias do estilo. Prevendo a luta saiu da casa como uma tarasca,[24] e, querendo arrastar o futuro genro pelo fraldão da camisa, provocou um escarcéu dos mil diabos.

— Não se gaste assim, compadre, exclamou ela, esganiçando-se, não se gaste com este pobre que de nada tem culpa. Guarde a faca e tome tento, que logo teremos contas que ajustar com certo sabagante.[25]

Inúteis palavras! Surdo a tudo, João ralhava com fúria no terreiro; pelo seu cérebro passava envolvido em sangue o quadro que o feiticeiro lhe havia revelado e seus olhos injetados cravavam-se com uma expressão satânica sobre o mísero tangedor de violas.

Zé Magro, buscando evitar as vistas do curiboca, olhava inquieto para a orla do mato.

Era ao tempo que Neco recobrava o ânimo, e por sua vez brotava em seco, jurando por céus e terra lavar a afronta com o sangue do miserável que o agredira. Ele tinha simpatias e estas simpatias eram gerais. João, odiado por todos, lhes provocava a gana. Passada pois a primeira impressão, um rumor de reprovação

---

24 Palavra hoje inteiramente em desuso: *mulher feia, megera.*

25 A palavra não está registrada em mais de uma dezena de bons dicionários consultados, antigos e contemporâneos.

começou a circular pela boca dos que não se tinham ainda por cautela retirado.

Compreendendo a sua situação, o faquista encostou-se à parede, e, preparando-se para o ataque, fez um gesto de desprezo como que dizendo aos outros:

— Vocês me querem? aqui me têm!

Calculando o resultado desta luta, as mulheres tentaram arrastar seus maridos para longe, e as meninas trêmulas e espavoridas foram se esconder para o interior da casinha.

Com as armas escarnadas os defensores de Cara Preta tomaram campo.

— É muito malfeito, ponderou Zuza Camiranga.[26] O desaforo foi como se fosse a todos nós. Pensa ele que por ser valentão e destemperado não lhe há de chegar o dia?!

— Está comigo! acrescentou o Sambista. Perdoe-me o Papara... Mas por estar na sua casa não se segue que o noivo lá da pequena há de fazer tudo quanto lhe vier às ventas.

O curiboca inchava como um touro prestes a partir. Apoiado por este modo decisivo, o Cara Preta, em quem a cólera fizera seus estragos, saltou de súbito para a frente, e, batendo freneticamente com os pés no solo, bradou:

— Nunca recebi ataque de ninguém, cabra malvado! Pensas que sou o desgraçado Urucará a quem aviaste deste mundo?...

João ficou lívido.

Neste mesmo momento surgiu à porta da casinha o vulto triste de Luizinha.

— Virgem Santíssima! exclamou a menina caindo de joelhos.

A fúria do curiboca recrudesceu. As palavras da menina foram para ele interpretadas como referentes ao Neco. Tanto bastou para fazer regurgitar a bílis já por tanto tempo reprimida.

— Venham!... disse afinal. Se são homens cresçam para mim. Arrede-se, Germana, que eu hoje rompo faca, e piso já em tripa de gente!...

Chegadas as coisas a este ponto, usando da frase sertaneja, não era mais possível pôr mão ao estoiro.

Zé Magro desaparecera. Do lado de fora uns guardas nacionais, receosos de intervirem na luta, ora avançavam, ora recuavam, sem terem coragem de executar as ordens, que um *quidam*[27] de faixa a tiracolo lhes dava, de longe, por meio de acenos.

---

[26] Os indígenas brasileiros assim chamavam ao urubu-de-cabeça-vermelha.

[27] Termo erudito, do latim, significando *pessoa sem importância.*

Ofendido em seus brios, Cara Preta agachou-se, e, projetando de repente um salto como um gato, pôs-se ao alcance de João; a primeira cacetada foi-lhe certeira à cabeça e fez o curiboca vacilar: o segundo golpe alcançou-lhe o braço direito. Mas a faca era empunhada por mão vigorosa, e antes que o agressor pudesse desviar o corpo tinha-se o ferro mergulhado até o cabo.

— Matou-me, gritou Cara Preta, e recuando foi cair no terreiro. — Não lhe perdôo a morte!

Com este choque o alarido cresceu entre as mulheres. Não obstou isto que os homens, embriagados pelo cheiro do sangue, avançassem para o facínora ainda mais cheios de gana.

Devemos notar que entre os homens do povo pôr em dúvida sua coragem é o maior insulto que se lhes pode fazer: não há provocação que exceda a esta, de sorte que basta que escape dos lábios de um audaz a expressão — *você é baixo,* para que os vejamos de um momento para outro estrangularem-se.

Este insulto fora proferido.

— Morra o cabra! morra o cabra! — bradaram furiosos.

Os cacetes relampearam e caíram repetidas vezes sobre o assassino, que se defendia com fúria insana: sua faca, convolvendo-se como uma serpente, ora feria a um ora a outro. De súbito um objeto fendeu os ares; vinha arremessado de fora. João levou as mãos ao rosto que se purpureara de sangue: tinham-no ferido profundamente. Atordoado, o curiboca vacilou, mas antes que caísse, os adversários tinham-se arrojado contra ele, e, jungindo-o, o levavam de encontro à parede.

— Rende-te, homem! Rende-te!

Foi então que os guardas, os excelentes cumpridores da lei naqueles tristes lugares, invadiram o terreiro, e, levando tudo a coice da arma, cercaram o desgraçado que estrebuchava quase asfixiado.

Não há comentário possível para o cômico resultante de semelhante cena. Vendo que o homem estava completamente desarmado o incomparabilíssimo inspetor de quarteirão com a enorme espada a bater-lhe entre as pernas, avançou com o aspecto marcial de um D. Quixote e desembainhando a ferrumpea em nome da lei em geral e em particular do mui respeitável senhor subdelegado a cujas ordens estava, gritou:

— Está preso! Conheça que há homem neste mundo!

E que homem em verdade não era o tal agente de polícia!

Os soldados sorriram, não sabemos se por conhecerem melhor do que a si a bisca que os conduzia. O que é certo é que o irrisório Jakal volveu-se desdenhoso e fulminou-os com um gesto imperativo.

— O que fazem, cavalos, que não quebram logo este bicho destemperado? Estão com medo?

Entusiasmado então com o reconhecimento da própria autonomia, o homem da faixa não finalizou sem soltar um viva a S. M. o Imperador. Os quatro gatos pingados que o acompanhavam responderam com um grito oco e descompassado, e, como complemento à saudação, depois de amarrado o curiboca, aplicaram-lhe uma tremenda roda de pau.

— Estou preso, camaradas, rosnou João, não dêem em homem morto.

— Oh! oh! tornou o ilustre policial. — Pelo que vejo quer que se lhe ofereça uma redezinha, não é? Vejam o coitado!... Ora marche, senão mando já quebrar o resto destes ossos. Toca para diante, rapaziada!

Ao passo que estas cenas se davam, Neco gemia com a dor do ferimento, cujo sangue muito a custo conseguiram as mulheres estancar. Cessara todo o rumor e tratava-se de conduzir o ferido, quando Germana, saltando e investindo de nariz arrebitado contra o inspetor que rompia a marcha com o libambo,[28] gritou:

— Vejam só isto! Diga-me, meu cara de inhame insuado, por que é que maltrata assim quem nunca lhe fez mal?

— Salta, bruxa de uma figa, retorquiu o sujeito, todo empertigado. Se não respeitas a minha autoridade vou mostrar-te para quanto presta este meu braço!

— Careca!

— Saracura!

— Patife!

À última palavra o fracalhão ruborizou-se, e, como tratava-se de uma mulher de cujo marido pouco ou nada teria que recear, afastou o pé, e atirou-lhe um bofetão que a fez rolar três vezes pelo chão.

Francisco neste momento se levantava um pouco desanuviado do álcool. Ignorando tudo quanto se passara, e, vendo assim um sujeito, sem que nem mais, a pôr a mão em sua cara-metade, ficou verdadeiramente surpreendido. A princípio, lembrando-se das turras, quis-lhe parecer que aquilo estava bem-feito; mas, logo refletindo e chegando-lhe uns assomos de pundonor, pensou que o negócio seria em realidade um grandíssimo desaforo, e conseguintemente adiantou-se para o lado do inspetor. Embora velho, se bem que de uma pusilanimidade inqualificável diante dos olhos rábidos de Germana, insultado o *patureba* soube fazer valer um pouco dos seus brios.

— Desavergonhado! exclamou ele, erguendo-se sobre as pontas dos pés.

---

[28] Cadeia com que se prendiam pelo pescoço os condenados. Brasileirismo do antigo norte-nordeste, de origem africana.

E fez menção de sacudir as barbas do representante da lei.

O inspetor sabia com quem lidava; vendo-se atacado, bradou às armas. O velho ficou fulminado.

Bem certo é o provérbio francês — *Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.*

— Soldado! agarra o meco!...[29] E agora vá ajustar suas contas com o homem das botas!... Marcha!...

E assim findou-se esta noite tempestuosa com a notável exibição do mais importante dos nossos tipos eleitorais.

XXIV / EXPLICAÇÕES

ZÉ MAGRO não tinha podido tragar o ultraje com que o ferira o curiboca, e, jurando vingar-se de qualquer modo que fosse, pôs-se a ruminar no que devia fazer. Por fim, tomando uma resolução, encaminhou-se para Maranguape. Aí chegando, não lhe foi difícil entender-se com a autoridade competente e contar-lhe uma história a seu jeito, em que de um modo manhoso insinuava o nome de João do Camocim, sem que positivamente o indigitasse como autor do assassinato.

Como tinha de haver um samba em casa do Papara, combinou-se que para aí convergiria uma força de cinco praças, as quais, atentas ao primeiro sinal que por ele fosse dado, cairiam sobre o criminoso.

Zé Magro contava com a presença do curiboca nessa função e dispondo de um gênio perverso e inventivo, pensava no melhor meio de provocar uma assuada no momento oportuno, que desse em resultado a prisão do malvado sem comprometimento seu. Certo, portanto, de que a força estaria à hora aprazada em Jassanaú, satisfeito de sua obra voltou em demanda do seu tugúrio, que também ficava para as bandas de Sto. Antônio. Na altura do Pitaguari, encontrou o velho Tatu.

— Foi uma felicidade vires por aqui, disse-lhe o feiticeiro. Preciso que me ajudes.

— Tal seja o serviço, respondeu o mulato encolhendo os ombros, vamos ver...

— Pois acompanha-me.

O antro do bruxo não estava longe; andaram alguns minutos, e imenso foi o pasmo de Zé Magro ao encontrar o corpo do curiboca estendido no solo como morto.

---

[29] Palavra popular antiga: sujeito, indivíduo desclassificado.

— Perdi todos os meus passos, pensou ele.

— Está com o mal! proferiu o velho, tirando-o daquela perplexidade. Chamei-te, filho, para ajudares a levá-lo até a casa da Maria, que só ela sabe mezinhas para este achaque do filho.

O bruxo por este modo queria persuadi-lo de que o curiboca era vítima de algum ataque: o mulato porém, que perscrutava mais do que talvez pensava o velho, tinha corrido com os olhos todo o aposento do feiticeiro e lobrigara ao lado os vestígios de vômitos esverdeados.

— Já sei! murmurou então acedendo à solicitação.

Ajudou-o a meter o corpo em uma rede, e ambos, pondo-a ao ombro, tomaram a vereda que ia ter ao albergue de Camocim.

A idade do Tatu não permitia mais desses esforços; assim pois, transposto um terço do caminho, o velho, trôpego, convidou o companheiro para arriar a rede, impossibilitado de continuar. Por felicidade, nesta ocasião ia-se recolhendo do roçado em que trabalhava um caboclo conhecido.

— Vai morto ou vivo? perguntou o transeunte persignando-se.

— Morto! respondeu Zé Magro. Agora, se o camarada quisesse livrar o pobre velho de ir-se arrastando por aqui, quando mal pode consigo, seria uma coisa pela qual as almas lhe dariam graças.

O Tatu, que provavelmente tinha embriagado o facínora para algum fim que não revelava, quis protestar; mas tarde disto se lembrou. O mulato, mais sagaz, antepôs-se, e, primeiro que ele se erguesse, ajudado pelo caboclo tomou de novo a rede aos ombros e afastou-se entoando um lúgubre bendito.

Uma idéia feliz, embora arrojada, se havia sugerido à imaginação de Zé Magro. Era possível que ele se enganasse, e aquilo não passasse de um delíquio; se assim fosse o curiboca não tardaria a despertar, e então ai dele se o assassino penetrasse no pensamento que o guiava. Com esse receio o mulato teve o cuidado de examinar o estado de João, e, encostando o rosto aos lábios não só verificou o cheiro da misteriosa beberagem, como notou-lhe na boca os vestígios de uma espuma denegrida. A idéia era aproveitar-se do letargo de Camocim e entregá-lo de pés e mãos atados à força que o devia esperar em Jassanaú.

Entretanto sobreviera a noite e ambos haviam chegado a um ponto em que a estrada bifurcava-se, indo um dos caminhos ter à vila e outro à lagoa.

— Dir-se-á que estás cansado? perguntou Zé Magro propositalmente, notando o suor que gotejava da fronte do camarada.

— É verdade, amigo, respondeu o outro, e quer me parecer que hoje não chegamos a Maranguape.

Não veio fora de propósito o incidente, porque o mulato, que já buscava um meio para descartar-se do caboclo, aproveitando o ensejo, tornou-lhe:

— Um pouco de ânimo. Daqui a Jassanaú não vai senão um pulo. Chegamos até lá, voltas, e então eu verei quem conduza o corpo à vila.

Satisfeito com a notícia, apressou o passo e daí a momentos viram-se as luzes da casa do Papara.

— Não precisa ir adiante. Aqui mesmo podemos arriar o defunto.

Livre da tarefa, o caboclo saudou Zé Magro e desapareceu.

Ficando só com João do Camocim, o mulato pensou em ajoujá-lo; olhando porém para o lado da casinha de palha, quis-lhe parecer que os guardas já bombeavam os sambistas. Esta circunstância fê-lo abandonar o curiboca e correr até ali.

Vimos por que modo ele se apresentou na casa do Papara e que ardil empregou para levar o faquista à esparrela.

Vingado contudo, Zé Magro não sossegou. Começaram a incomodá-lo receios de que o inimigo não se evadisse da prisão, e, que, descobrindo a causa de sua desgraça, não o procurasse para matá-lo. Julgou pois necessário a todo o transe interessar na reclusão do assassino alguma pessoa poderosa. Lembrou-se então de Alfredo. Firme nesse pensamento, Zé Magro não esperou que o dia amanhecesse; correu imediatamente para a Aratanha, e, introduzindo-se no sítio da serra, desenvolveu todas as suas traças para apanhar de jeito o rapaz. O filho de D. Genoveva tinha acordado havia pouco, e, na ignorância de tudo, conservava no semblante uns tênues raios de saudade. O mulato relatou-lhe cheio de mistério todas as desgraças que se tinham dado, e pintou-lhe com as cores mais negras os perigos que se preparavam para ele, principalmente para a desventurada rapariga, que, enfeitiçada pelos filtros do Tatu, estava votada à perdição.

Deixada a seta ervada na ferida, Zé Magro retirou-se certo do efeito de suas palavras; e de fato foi tal a impressão que causaram no moço as pérfidas insinuações, que se deixou prostrar em um acesso de hipocondria.

— Ocultas-me ainda algum segredo, disse D. Genoveva, apenas percebeu que novos terrores ou pesares o oprimiam.

— Talvez remorso, ponderou ele com a voz trêmula. Para que falar em desventuras de que talvez seja eu o único responsável?

— Dize. Sabes que uma mãe tem sempre uma palavra de consolação para um filho amoroso.

— Acusa-me a consciência de haver desassossegado uma infeliz menina, com a qual nem sequer lícito é animar um sentimento de amor.

A velha ruborizou-se e olhou, com um leve despeito nos lábios, para o filho.

— Sei quanto isto vai confranger-lhe o coração, mas já que o quis, permita agora que diga-lhe tudo. Não soube ser generoso, como foram meus pais, continuando com a proteção que sempre dispensaram à família do Papara. Hoje aquela infeliz menina, que tanta amizade incutia-lhe n'alma, corre os maiores riscos e por minha causa. Como agora evitar que se despenhe sobre ela os efeitos da fúria de um noivo assassino, desprezado ou despeitado? Sinto-me impotente! Pudesse eu abrigá-la dentro das paredes de uma fortaleza para tranqüilidade da mísera e da minha consciência!

Em poucas palavras, instruída D. Genoveva da situação angustiosa da família do Papara, procurou um conselho ou uma palavra de consolação para Alfredo, mas sua cabeça atordoada não lhe advertia de um alvitre a tomar. Tudo eram receios e repugnâncias combatidas pela mais bem-entendida compaixão.

— Enfim, meu filho, disse ela, nada terias perdido se não houvesses abandonado o remanso de tua casa. Há um mau fado que persegue aquelas cercanias em que te foste meter, despertando porventura a perversidade e a vingança de um demônio que infelicita esta pobre gente. Não sejas tu vítima dos seus esconjuros e malefícios!

— Seja ou não verdade, o que é certo é que os fatos todos os dias se reproduzem, e eu em tudo o que me contas não vejo mais do que a influência perniciosa do velho bruxo. Este feiticeiro nutre contra a memória de teu pai o maior rancor, e não é para admirar que hoje queira vingar-se na pessoa de um filho.

— Isto só não justifica tão negro atentado!

— Talvez não te recordes de que teu pai era de uma inimizade irreconciliável para com toda essa raça de caboclos, e, não tolerando sortilégios um dia expeliu de nossas terras o feiticeiro, que fiado não sei em que direitos voltou à sua antiga locanda, ameaçando fulminar quem o tocasse.

— Na verdade! Não se podia dar maior ousadia!

— Indignado, teu pai mandou trazê-lo à sua presença, e nessa ocasião, tais injúrias vomitou o celerado que ele não se pôde mais conter, e tomado de cólera deu ordem aos escravos que ali mesmo ajoujassem-no à rodeira de um carro e o castigassem sem piedade.

— Tenho agora uma ligeira idéia desse fato.

— Foi um ato de imprudência, concluiu D. Genoveva, do qual resultaram-lhe bem sérios desgostos, porque daí em diante não houve malefício que o caboclo não lhe atraísse, e acredito que não pouco concorreu isto para apressar-lhe a morte.

XXV / A NOVENA

A FLORESCENTE VILA de Maranguape regurgitava com a multidão que vinha assistir à última noite da novena do milagroso São Sebastião.

Os sinos da acanhada igreja, que serve de matriz, anunciavam alegremente o começo da devoção; e o mulherio começava a afluir para o patamar de um modo tempestuoso, porque não há coisa que mais assuste do que o furor beatífico com que certa classe de mulheres investe contra esses lugares santos, quando se trata de rezar ou de ouvir um *lazaroni* arvorado em pregador.

O pátio estava coberto de fogos de artifício; as casas em roda enchiam-se de caprichosas luminárias; em frente destas, arcos de catolés e ramos de árvores, de onde pendiam milhares de lanternas elásticas, variadíssimas nas cores, davam à festa um verdadeiro caráter campesino. No centro crepitavam as indefectíveis fogueiras, de onde uma vez por outra irrompia um busca-pé ou qualquer outra travessura, que transformava o sussurro que pejava a praça em verdadeiro alarido. As bandeiras dos anteriores noitários, cada qual mais caprichosa, pendiam dos mastros sopradas pelo terral vindo da serra, que não distante parecia ameaçar o povoado com a sua negra catadura.

A alegria era geral.

A igrejinha não tardou em ficar completamente apinhada. Os velhos, como mais prudentes, deixando as famílias no interior do templo, conservavam-se do lado de fora a tomar fresco, uma vez por outra lançando os olhos para os moços impressionáveis que furavam o povo e iam-se colocar na exígua nave defronte de suas amadas. A outro tanto não se abalançavam os capadócios, que não gostam de ver as namoradas recatadas elevando suas orações ao Altíssimo; estes matavam o tempo devorando as gulodices, que encontravam nos tabuleiros, entornando de vez em quando o seu copo da *branca,* que é ordinariamente em que se costuma afogar as penas de amor.

No meio de tudo isto a plebe esperava ansiosa pelo fogo de artifício; saltava, pulava, oscilava para um e outro lado, fazendo erguer-se de vez em quando um murmúrio bem semelhante ao rugir de mar ao longe.

A desafinada música de barbeiros rompeu então a monótona toada; o padre subiu ao altar em que o festejado santo se ostentava adornado de inúmeras fitas e donativos: e com boas ou más vozes a ladainha tomou caminho.

Dentro do acanhado templo por pouco não asfixiava a todos o calor cada vez mais crescente pelas luzes e exalações dos corpos

aglomerados, que se inundavam com a transpiração. Neste momento quem quer que lançasse os olhos ao beatério não deixaria de reconhecer quanto pode a devoção nessas velhas alquebradas, que, não se animando de ordinário a dar duas passadas em roda de casa, sujeitam-se entretanto a tantos e quantos incômodos como vertigens e apertos, verdadeiros suplícios, contanto que possam dizer depois ao senhor vigário que foram correntes à sua devoção. Em uma menina, nesse resto de povo feminino, que travesso, cheio de atavios, e de olhos acesos procura os lugares mais expostos e visíveis, estes sacrifícios teriam a mais fácil explicação. A mais, são elas capazes de sujeitarem-se: o objeto de suas devoções é muito diferente. Para elas a novena não passa do prelúdio das comoções e alegrias que esperam mais tarde experimentar nos bailes e dançados, prendas e anéis, que se hão de seguir ao ato religioso. Que lhes importam as constantes recomendações do padre-cura, quanto ao que diz respeito às rezas e ao catecismo? Os seus missionários não são outros senão os farçolas que não se fartam em *bater-lhes a pedrinha.*

É justamente para um grupo de mocinhas desenvoltas, que se apinha em cochichos no centro da igreja, que volvemos nossas vistas.

Aí iremos encontrar conhecimentos nossos.

Quantos corações apaixonados não palpitam dentro daquele interessante entrincheiramento? Que de tresloucadas cabecinhas não estão talvez ali premeditando uma fugida para iludirem a embirrante solicitude de velhos carunchosos!

Compunha-se o grupo de cinco ou seis moças que trocavam-se olhares significativos, apertavam-se, suspiravam, coravam de repente olhando para as portas, curvavam-se sobre o colo para ocultar um sorriso, lançando depois uma olhadela a furto e a cochicharem como passarinhos, estremecendo só com a lembrança dos prazeres que as esperavam.

Notável constraste havia entre estas doidejantes criaturas e outra que, ao lado delas, de olhos baixos, rúbida e murmurando as suas preces, conservava-se alheia a todos os requebros e disfarces, que constituíam o prazer principal daquela gente sem miolo. Cingia-lhe o esbelto talhe um simples vestido de cassa; aos cabelos que se deixavam prender por uma rede de retrós vermelho adornavam dois topes de fitas variegadas de um lado e outro, que lhe davam ao rosto moreno uma graça imensa. Em sua simplicidade esta menina sobressaía de um modo singular a todas as cachopas que a cercavam. De quando em quando, seus olhos tristes e chorosos erguiam-se um pouco, pregavam-se no altar e circunvagavam logo depois como que procurando um objeto.

Já terão as leitoras conhecido Luizinha.

Observava-se em sua fisionomia uma mudança completa; grandes olheiras indicavam que o resto da noite antecedente fora para ela cheia de indizíveis sofrimentos.

Realmente os distúrbios com que finalizara a festa, os destemperos de Germana, o esfaqueamento de Cara Preta, e afinal as prisões do curiboca e do Velho Francisco tinham-lhe produzido um tal abalo que a prostrara de todo. Não tinha dormido, seu espírito, vacilando entre mil conjecturas, entregava-se ao desespero, no fim do que lhe aparecia Alfredo como a única solução às suas mortificações.

A paixão reduplicava, e a absorção era tão grande que a levava quase a esquecer-se dos sofrimentos por que passava a velha com a reclusão do marido. Como poderia ela recordar-se de que seu pai experimentava as maiores provações, se o coração em constante agitação e sobressaltos não lhe dava tempo a refletir sobre a gravidade dos fatos, que se desenrolavam diante de si!?

Não fora sem surpresa que ela vira sua mãe aproximar-se de si, logo ao alvorecer, dizendo-lhe que aprontasse a roupinha porque iam seguir para a vila.

Depois de tantos acontecimentos irem à festa! considerava ela pasmada, sem compreender o desespero que lavrava pelo coração de Germana.

— Teu pai!... murmurou a velha. Se nós não formos punir por ele,[30] é capaz o tolo de ficar toda a vida na cadeia. Bem conheço estes sujeitos!...

Ouvindo falar no pai, Luizinha estremeceu; a menina remordia-se da anterior insensibilidade. Duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

— Vamos, minha mãe, proferiu ela. Os homens não hão de ser tão maus.

Suas esperanças repousavam todas em Alfredo.

Reconciliadas pelo sofrimento comum, mãe e filha puseram-se a caminho. Penosa viagem! Não descreveremos esse itinerário cheio de emoções, e baste-nos dizer que pouco habituada a essas marchas forçadas, Luizinha quase julgou-se morrer. Foi-lhe também uma imensa compensação às fadigas o espetáculo para ela tão surpreendente que lhe apresentaram as primeiras casas da vila.

Calcule-se o que não lhe ia pelo espírito, as sensações que não experimentou ao ver pela primeira vez um montão de construções. Que de curiosidades excitadas! que de anseios sufocados! Tudo era

---

[30] Ainda é comum, no sertão do Ceará, bem assim no de outros Estados nordestinos, o uso da expressão *punir por isto*, ou *punir por Fulano*. É substrato do arcaico lusitano *punar*, do latim *pugnare*, defender. Nada tem com *punir* = *castigar*, como parece, à primeira vista.

novidade para a ingênua criança, tudo objeto de espanto, tudo admiração! Seus olhos corriam ávidos em todas as direções sem que pudessem se fartar, e, incertos, sem saberem o que deveriam escolher, em nada podiam pousar. Sua mente engolfava-se, sua imaginação confundia-se: rodopiavam-lhe todas aquelas coisas no espírito, e como não lhe fosse possível compreender a razão de tantas agregações, ela, que só estava acostumada ao simples, ao contemplativo, sentia diante do complexo um desfalecimento, uma agastura que facilmente a conduziu da sensação da surpresa ao estado de atordoamento, de estupefação.

No meio disto vinha de vez em quando interrompê-la a lembrança do dever sagrado que ali a trazia.

Chegaram enfim ao centro da vila.

Durante o dia não poupou Germana esforços para conseguir a libertação do esposo. De Herodes para Pilatos, do juiz de paz para o subdelegado, do subdelegado para o vigário, correu toda a hierarquia judiciária e eclesiástica sem que achasse quem lhe prestasse ouvidos.

Reinava grande faina; todos se mostravam hóspedes ao negócio,[81] e tudo se lhe mostrava, menos o suspirado alvará de soltura.

Assim chegara a noite, e nada de solução!

A velha angustiada, ora ia até as grades da cadeia, onde o Papara, sucumbindo, dizia-se — pobre homem! — preso para recruta; ora corria ao padre-cura, que, muito assaralhopado com os preparativos da festa, mandava-a queixar-se ao bispo, e nestas circunstâncias, já a bílis começava a exacerbar-se, pedindo-lhe o gênio que enviasse toda aquela gente à casa do diabo, quando ao abrir-se a igreja, despertou-se-lhe o zelo religioso.

— Desde que os homens não querem valer-nos, pensou ela, recorramos àquele que não falta a ninguém.

Eis o motivo que levara também Luizinha ao *fervet opus* em que a vimos. Germana, providente como era, fizera-a sentar-se logo junto a si para evitar qualquer catástrofe; mas como se tudo se conspirasse para contrariá-la, interpôs-se e arredou-a da pequena um troço de raparigas. A velha não se pôde conter com esta falta de atenção e em represália soltou duas juras que se perderam no ruído que fazia o mulherio.

— Catingosas! disse ela, referindo-se ao perfume que das meninas se exalava em profusão. Ora vejam que nicas! É assim que se vem adorar a Deus?

---

81 Hoje desusada, a forma erudita *hóspede a*, no sentido de *alheio a*, *ignorante*, foi empregada por clássicos luso-brasileiros, incluído Machado de Assis.

Luizinha encolheu-se para seu lado como uma sensitiva; Germana ficou resmungando e a olhar de soslaio para o bando de moças que sufocava o riso e fazia-lhe gaifonas.

— Deixem a jararaca, e rezem, que é o melhor! — refletiu do grupo a menos risonha.

— Olhem a sonsa! disse outra. Quem era que, há pouco se retorcia toda na porta da igreja, por causa de certo mocinho?

— Xi! olhem a mentirosa!

— Mentira, não! Você não viu, Chiquinha?

— Ora? Gosto de ver os dengues desta dona. Só ela é que não namora e vem à igreja para rezar!

— Virgem Nossa Senhora! como é que se inventa assim!

— Pois olhe, meu bem, eu cá não escondo. Gosto de um moço, e só estou boa e alegre quando o vejo na novena. É um rostinho de menino Jesus...

— E agora o meu tem cara de S. Jorge, prorrompeu com vivacidade uma das que se tinham conservado caladas.

— E o teu, minha sonsa?

— Vejam que estão olhando.

— Quiá! qui! qui! qui! qui!... Reparem como está danada a velha cascavel!

— E o mais é que agora o negócio não é conosco.

— E com quem há de ser?

— Vejam a filha da *cocó de cordão,* vejam a candonga[32] de rodelas vermelhas no cabelo como está atrapalhada! Coitadinha! Que olhos do diabo lhe bota a velha!

De fato Germana, não perdendo de vista Luizinha, que timidamente erguera os olhos e fixara-os em uma das portas laterais, compunha gestos furibundos.

— Não querem ver, interrompeu a mais velha das raparigas, não querem ver o desaforo da matutinha? Está a olhar para o filho de D. Genoveva!

— Guarda-te tola... Só porque viu hoje o moço em casa do vigário já supõe que ele está morrendo de amores. Aquilo não é para beiços de matuta. As da cidade já hão de tê-lo bem trancado no fundo do coração.

— Ora!... Eu lhes mostro se o santinho há de ser meu ou não.

Mais ou menos afinadas entoavam-se as litanias, quando um grito rompeu do meio do mulherio. Um rebuliço imenso produziu-se entre o povo escanzinado.

---

[32] *Candonga,* segundo refere F. A. Pereira da Costa, em seu *Vocabulário pernambucano,* significa *feitiço, encanto, paixão, pessoa estimada.* Mas há para a palavra, segundo Sílvio Romero, a acepção de *mentira.*

— Abram! Abram! tragam alguma coisa, que uma mulher desfaleceu, gritavam os serviçais.

Foi apenas o que se pôde ouvir no tumulto.

Não é possível descrever a confusão que reinou na igreja, enquanto não se conheceu o motivo que dera lugar àquele movimento. A causa de tudo não fora outra senão a infeliz Luizinha.

Sem costume nenhum desses apertos, educada ao ar livre das lagoas, deslumbrada, aturdida pelo espetáculo para ela completamente novo de uma festividade religiosa, além de enfraquecida pela anterior vigília, não pôde a pobre menina resistir por muito tempo. Seus olhos nestas circunstâncias ofuscados pelas luzes, seu tenro corpinho extenuado pelo calor, anunciavam-lhe desde que penetrara no templo um vágado.[33] An ustiada, a princípio não poupou sinais à velha, fazendo ver o seu estado; mas esta não a quis ou não a soube entender. Depois retraiu-se e procurou conter as palpitações do coração que a perturbavam. Baldado esforço! Ergueu então a vista e seus olhos encontraram os de um mancebo, que nela se fixaram com singular expressão. Era Alfredo. Quase o não conheceu pela transformação dos vestuários.

O moço, logo que os olhares se encontraram, demudou-se sensivelmente. A Luizinha não passou isto despercebido, e o seu abalo foi tão violento, que a obrigou a reclinar-se sobre uma vizinha.

Dava-se isto ao tempo que uma das meninas do grupo reparava no rapaz e proferia as palavras que ouvimos.

Luizinha soltou um grito e caiu.

Alfredo, assistindo a este desastre, não trepidou. Galgando por cima das mulheres, em um momento achou-se ao lado da menina para ampará-la e ajudou a transportá-la para fora da igreja.

Na balbúrdia que houve em torno de si, a Germana que fora forçada a buscar lugar um pouco mais adiante não conseguiu saber logo do que tão perto se passava. Desta maneira, só quando cessou o rumor, e ansiosa procurou a filha, pôde dar por sua falta. Como é muito natural afligiu-se, querendo supor que a rapariga tivesse mudado de assento apenas; porém as beatas vizinhas tiveram o cuidado de tirá-la do engano, comunicando-lhe que uma moça tinha sido carregada para fora com uma vertigem. A velha deu um gemido e levada pelo primeiro ímpeto forcejou por sair. Não conseguiu-o, tal era o aperto!

O grupo de meninas travessas não poupou-a, e a tarasca deixou-se cair no mesmo lugar, mastigando as suas rezas e debulhando o rosário num desespero de condenado.

---

[33] Com relação à palavra vágado, Frei Domingos Vieira a registra como sinônimo de vertigem, angústia.

O remédio seria esperar. Felizmente a novena estava a findar-se. Com pouco a música de barbeiros tocou o final; os sinos repicaram, as girândolas troaram no ar, as portas desentulharam-se para vomitar o povo sobre o pátio iluminado, e um surdo rumor percorreu a multidão.

Os busca-pés, foguetes de corda e outros artefatos pirotécnicos invadiram a praça.

Germana, livre do atropelo, atravessou o patamar como uma louca, entre os assovios da molecada, e chegando do outro lado da igreja olhou para ver se descobria a filha. Nada de Luizinha! Duas elegantes máquinas, lardeadas do versos em louvor ao santo, faziam no meio de um alarido infernal sua portentosa ascensão.

XXVI / *INTER AMICOS*

No PATAMAR da igreja tinha-se formado um grupo de palradores populares, que comentavam em sua linguagem rústica os sucessos do dia. Entre eles divisava-se Zuza Camiranga considerado geralmente como um *rapaz de memória*, e mais alguns dos personagens que vimos em casa do Papara. O intrépido mulato perorava como melhor não o fazia o mais grulhento orador de nossas ruas.

— Ora, dizia ele, vá lá se fiar a gente no que espalha esta escanzinada canalha! Vejam só vocês!... Gritavam que era um deus-nos-acuda: — *foi o juiz de paz! foi o juiz de paz!*...

— E quem duvida disto? exclamou um alvarinto disfarçado, que pelos modos se propunha na discussão a seu competidor.

— O que é que você sabe neste mundo?... Estes chimangos[34] só levados a cacete! E queixam-se... Ai... porque o subdelegado só quer viver à custa dos pobres miseráveis que não seguem seu partido e vai metendo-os no xilindró! Que querem que lhes façam? João do Camocim é um santinho...

— Não é santinho; mas sabe ser homem; e é por isto que lá os amos de você têm-lhe tanta sede, e vivem a botar-lhe o cavalo em riba. Para o lado dele caranguejo não tosse! Querem saber por que chamam-no o matador?... Diga-me agora *vossa senhoria* por que motivo o subdelegado deixa que andem por aí com lodaças de cangaceiros o Xexéu e mais o Guedes Tangueira?

---

[34] *Chimango* foi chamado popularmente, em todo o Brasil, o partido organizado para defender a causa da maioridade do futuro D. Pedro II. Por extensão, o substantivo passou a adjetivo, para qualificar os partidários do movimento.

— São falsos, meu amigo.
— Falsos!... hem? Também é falso o que se fez nas eleições? os pobres cabras não tiveram descanso com o *pega!* As mulheres e os filhos que digam se é verdade.
— Cabra não tem que carregar opinião em negócios de branco! Não viram as baionetas na porta da igreja? Que tinham de lá ir... Foram... e atacaram o pau na gente do governo... Pois bem, agora metam-se em lenha. Toma lá, dá cá!
— Infelizmente somos nós quem sempre fica na maca. É bem-feito! Para que ainda caímos em acreditar nas cantigas destes senhores, que, no fim de contas, depois de atirarem-nos no salseiro, põem-se ao fresco? Logo que o negócio fede a sangue lá vão todos anchos para suas casas, e muito enxutos mandam que os bestalhões agüentem no costado o *ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Ora, muito obrigado!
— Sai-te daí, chimango, tornou Zuza, vendo-se atacado em terreno onde a verdade era irrecusável. Paguem a farinha e o bacalhau que tomaram ao amo fiado e venham então falar. Quem é que os livra da cadeia e do recrutamento? Como o mocinho se faz moderno!... Esta não é má! Agüentem! e não venham contar estória de onça.
— Sabença por sabença, não troco a minha pela sua. Não venha para cá com babados de caça, que comigo não arranja nada. Lá porque o patrão mandou botar fora do roçado os caboclos... temos conversado... Isto não é razão para que o camarada fale assim contra os parceiros.
— Contra os parceiros, não. Veja como fala, meu amigo! Não pense que eu ando como muita gente o adular quem pode dar. Enganou-se: não foi o patrão quem fez sacudir a canalha das terras de meu tio; foram as justiças. Está ouvindo? O direito era nosso e, se duvida, já lhe mostro de quem recebemos a posse. Os caboclos, estes desgraçados, sim, foram que à fiúza das sesmarias dos índios quiseram se meter a fina força no que não era deles.
— Mas por que não diz isto o advogado?
— Ora vá com o advogado para... Que se não fossem estes demônios não havíamos de ser perseguidos. O meu gosto porém foi que vencemos a questão. E agora que o tal senhor doutor tome tenência[35]. Depois não se queixe quando encontrar aí pelo caminho com alguma unha do Padre Eterno. Não é mais nem menos se não aconselhar aos tapuias que nos empurrem os cacetes quando muito bem quiserem plantar em nossas terras. Se era por desabafo, por não ter eu nem os outros votado com ele, mandasse dar um

[35] Expressão antiga, no sentido de *tomar precaução.*

tiro. Mas bulir com a cerca do pobre lavrador, que mal sabe como vai vivendo do arroz e da mandioca que planta, isto é, para desesperar o homem mais santo deste mundo!

— E a medição feita pelo juiz?

— Qual medição... isto lá são invenções. Fique certo seu amo de que ele não há de largar mais o espojeiro[36] a nossa custa. Grande por grande, meu tio também tem quem puna por seu retalho. Mercê de Deus, enquanto os caranguejos[37] estiverem de cima ninguém há de meter o gadanho na cuia. Não somos defuntos sem choro. Desimaginem-se disto...

— A dúvida só está em subirem os outros.

— Ah! ah! ah! até lá, muita farinha temos que comer.

— Vá se fiando na viagem... Olhem vocês: João do Camocim será solto e feito até inspetor de quarteirão. Diz o patrão que há de mostrar se o dunga da travessa não tem também lombo para cacete, e se a cadeia não pode servir de rancho ao juiz de paz.

Uns gritos e assovios vieram interromper a conversação, e do outro lado do pátio começou a formar-se um ruge-ruge.

— Temos brincadeira com a guarda nacional, resmoneou Zuza Camiranga. Querem ver que ainda hoje há trovoada!?

Estas palavras não agradaram ao outro interlocutor.

— O camarada a modos que está com medo? insistiu aquele, conhecendo-lhe a fraqueza.

— Não é medo, camarada... Quem tem mulher e filhos não aveza brigas. Ora espie... que graça... Como arranca o cabroeiro!

O povo tinha-se com efeito aberto em círculo, e de um lado para outro, ao som dos apitos da polícia, corria uma meia dúzia de guardas atrás de alguém que procurava escapar-lhes. Um destes guardas, não sabemos como atropelado por um busca-pé, ou porque lhe conviesse mais abandonar o posto, destacou-se dos súcios e veio cair justamente no meio da roda dos palestradores.

A primeira impressão que causou esta repentina errupção foi a do susto. Recuaram todos e uma voz imprudente soou.

— Haja!

Imediatamente ergueram-se os cacetes.

— Vocês estão doidos! — gritou Zuza, interpondo-se. — Não dêem no sambista!

---

[36] A palavra caiu em desuso. *Espojeiro* era denominação dada a pequeno cercado em roda da casa, ou então *roçado*.

[37] Eram os integrantes do partido que se mantinha fiel a Pedro I e, por conseqüência, a vínculos com Portugal, mesmo após a formalização da independência.

O chimango palavreador escamara-se como uma piaba.

— Com os seiscentos! bradou o recém-chegado, levantando-se e sacudindo a poeira que lhe cobria o fato. Safa! A rapaziada queria dar-me cabo da pele.

— Mas por que diabo meteram-te hoje nestes coiros?

— Ora, por quê?... O comandante embirrou com o degas e mandou-me notificar. Diabos o carreguem e mais quem o ature, que isto não é vida! Quando os liberais estiverem de cima, talvez soframos menos. Que me importa que soltem quantos foguetes quiserem nas barbas do subdelegado? Se as suas barbas não fazem medo a ninguém, o melhor é cortá-las. E agora se há de prender por força o homem da capa preta... Está bem-aviado! Com guarda nacional esta gente não arranja nada.

Nisto deu o sambista com os olhos em Germana que furiosa avançava para cima dele, ameaçando-o com o punho cerrado. Desenganada de encontrar a filha, a pobre velha ensandecia.

Os rapazes não puderam eximir-se a uma explosão de riso, e Germana, desapontada com a hilaridade que provocava, parou de súbito, e, pondo as mãos nos quadris como era de seu costume nos momentos críticos, vociferou:

— Riam-se, desalmados de uma figa, que o demônio um dia também há de rir-se de vocês!

— Ó bruxa! exclamou Zuza Camiranga, lembrando-se da altercação que tivera em sua casa. Que culpa tenho eu, feiticeira desavergonhada, que a *nhã* Luíza te sacudisse poeira nos olhos? Não te dizia que tomasses cuidado com a cerquinha do quintal? Vamos ver que já anda com o taful do tal mocinho da serra. Se a rapariga é tão encapetada!

— Encapetada! hem, sô grandessíssimo.. não sei que diga!... Encapetada quem estava era eu na maldita hora em que me lembrei de fazer funções. Bem me diz o senhor vigário que boa romaria faz quem em sua casa fica em paz. Não fosse isto e estaria bem longe destas quizílias.

— Ora cala-te, que mais sofreu o tio Judas.

— Cruzes! Tarrenego!

As últimas interjeições referiam-se a um busca-pé que um garoto mui propositalmente soltara em cima da velha rabugenta. Perseguida pelo foguete sem cauda, a mulher do Papara deitou a correr; e caindo aqui, levantando-se acolá, erguendo as saias, torcendo-se como possessa, desapareceu no meio da multidão que apupava-a e aplaudia as variadas evoluções do artefato pirotécnico.

Novo alarido encheu o pátio.

XXVII / O BUMBA-MEU-BOI

A ARRAIA MIÚDA agitou-se, elevando aos ares vivas ensurdecedores, e ao longe ecoou um som triste e prolongado imitando o grito do vaqueiro.

— É o bumba-meu-boi, refletiu um dos circunstantes.

Por este tempo Luizinha, já restabelecida do desmaio, atravessava ligeiramente o largo, seguida em respeitosa distância por Alfredo, como procurando afastar-se da multidão.

A rapariga, como que a fugir e inquieta, buscava a mãe.

Duas palavras explicarão esta esquivança. O moço inteirara-a dos perigos que a ameaçavam e, fazendo-a compreender que só na serra poderia ela encontrar abrigo, instou para que o acompanhasse, certo de que ele arranjaria a soltura do velho e anteporia às raivas de Germana a influência de D. Genoveva. Mas Luizinha, atordoada, hesitava em obedecê-lo, e achando em tudo aquilo um quer que seja de extraordinário, já vendo a cada canto a face rábida da mãe a fulminá-la com seus furores, desprendeu-se de Alfredo, e sem saber o que fizesse afastou-se dizendo:

— Não... não me queira mal... Minha mãe... ouvirá... Vamos... Fale a ela.

Do dúbio procedimento da rapariga se podia concluir que ela oscilava em um caos horrível, de onde só a poderia tirar uma disposição enérgica.

Alfredo reconhecia que, entregue à Germana que talvez tudo ignorava, a menina ficaria aquela noite à mercê de quantas desforras fosse possível ao curiboca tomar por intermédio, quem sabe, de seus companheiros de alcatéia. Fazia-se portanto mister a todo o transe, fosse embora contra sua vontade, arrebatá-la dentre a gente que a expunha a tantos riscos.

Resignou-se a saltar por sobre todos as considerações e, sem pensar senão em sanar o mal que causara, levianamente, à pobrezinha, dispôs-se a fazer tudo que estivesse a seu alcance para colocá-la sob a guarda da serrana. Assoberbado por este violento sentimento, ia ele nas pegadas da rapariga, quando lhe pareceu avistar do outro lado Zé Magro, e para ali correu.

Entretanto a tarasca lobrigara a filha. Dar um salto e buscar aproximar-se da esquiva foi para Germana um negócio de segundo. A infelicidade porém continuava a persegui-la, e ainda por uma vez houve quem a embaraçasse, fazendo-a perder de vista Luizinha.

Uma imensa turba-multa avançava para o pátio da igreja ao som de surriadas, gritos, exclamações, de uma celeuma enfim capaz de ensurdecer aos próprios habitantes das regiões inferiores.

Levada de roldão por essa gente desenfreada, quando a esposa do Papara deu acordo de si, viu que estava sitiada pelos rapazes que havia pouco a tinham enraivecido tanto.

— Ó mosca tonta, zumbiu-lhe Zuza Camiranga, dando-lhe um grito no ouvido e rindo a bandeiras despregadas, hoje pareces um gambá fora da toca.

Germana enfurecida tomou outra direção e o rapaz começou a observar o que ia pela mó do povo que se aglomerava.

— Queres que te diga uma coisa? murmurou ele ao ouvido do sambista. Estou aqui a cismar que esta noite temos trovoada.

— Inzonias. . .[38] Qual nada!

— Inzonias! É porque não sabes de que é capaz o Camocim. O Tatu teve a habilidade de meter-lhe com os seus feitiços o diabo no coiro.

— Pobre do Neco, que já deu a alma a Deus!. . .

— O pior é que, se o demônio foge, estamos aviados. João está sofrendo do juízo. Ouve mais uma coisa, continuou Camiranga, abaixando a voz, o curiboca já tem certeza de que foi Zé Magro quem veio denunciá-lo ao subdelegado.

— Pois agora digo-te eu: será mais fácil não amanhecer o dia do que o curiboca deixar de tirar desforra.

O sambista involuntariamente estremecera. Por junto dele passava um maltrapilho, em que reconhecera o Tatu. Os dois rapazes afastaram-se, seriamente impressionados com a inopinada aparição.

O brinquedo começava.

Não é possível calcular a influência que esse grosseiro divertimento, tão antigo, exerce sobre o povo.

Nenhum espetáculo existe que o agite mais facilmente do que essa farsa mal alinhavada, do que esse auto ao relento a que dão o nome de *bumba-meu-boi,* cujo verdadeiro assunto ainda estamos por descobrir.

Seja como for, constitui o *bumba* o pratinho predileto da canalha.

Provavelmente esta popularíssima patacoada, que data para muito além de 1809, não teve outra origem senão na legenda do toiro misterioso, vulgarizada pelas cantigas ou rapsódias do *Boi Surubim* e *Rabicho da Geralda,* poemas estes que, transformados na comédia, pouco a pouco foram degenerando da primitiva concepção.

O que nos faz acreditar nessa hipótese é a presença no folguedo de um personagem conhecido por *Caipora,* a que dão também o nome de *José do Abismo*; e embora hoje esta figura não passe de um irmão, boas razões há para que se creia ter sido outrora a repre-

[38] Intrigas, mexericos, manhas.

sentação do espírito que presidia aos bosques e às caças. Os selvagens acreditavam existir nessa espécie de divindade um poder irresistível, e os nossos homens do campo, herdando grande parte das tradições indígenas, atribuíam-lhe todas as infelicidades e descaminhos de que eram vítimas os vaqueiros, quando embrenhavam-se pelas catingas e serrotes abruptos em cata da rês arisca. O Caipora era o companheiro inseparável do toiro misterioso e invencível, duende de todo o sertanejo.

Para aqueles que não conhecem a *pochade* não seria talvez ociosa a descrição das grotescas figuras que compõem ordinariamente essa *troupe* original.

Em duas palavras fá-lo-emos.

O primeiro e o mais acatado dos personagens é conhecido pela designação de *burrinho*. Não é mais nem menos do que um pascácio de farda agaloada, chapéu armado e barbas de Herodes, a cavalo num cabo de vassoura em cuja extremidade voluma-se uma cabeça eqüina arranjada em papelão, fingindo o corpo do bucéfalo um rodapé de armação sobre o qual bamboleiam-se umas pernas postiças. Meio homem, meio judas, esse patife traz nas costas ou na garupa uma bruxa de trapos a que a súcia trata por sua filha ou Sra. D. Catarina.

Logo atrás desta figura mostra-se outra que não lhe cede a palma no ridículo. É o *Caipora,* fantasma arranjado com o auxílio de uma comprida camisola de algodão, dentro da qual vem enfardelado o *artista* que tem, nas ocasiões oportunas, de fazê-la estirar-se ou encolher-se para fazer medo aos espectadores.

A este personagem, que não fala, segue-se o *Mateus,* vaqueiro arruás, negro atrevido, que aparece de vara em punho, competentemente encoirado, a dar saltos e berros enormes, enquanto a burrinha, tangendo os guizos que lhe ornam o rodapé, avança aos pulinhos para um lado e para outro. É este o papel mais difícil da peça e por isso o alvo de todas as vistas. Quase sempre é desempenhado por graciosos que nem sempre são encontrados em abundância no lugar. Traz a boca cheia de pulhas e uma bexigas sopradas servem-lhe de distintivo. Este gaiatão capitaneia então uma troça de vários bichos problemáticos, a que vai batizando em desprezo de Buffon com as denominações de emas, urubus, tamanduás e toda a trabuzana da arca de Noé.

No coice dessa procissão zoológica ostentam-se, severos e graves, dois latagões envolvidos um numa batina outro em uma velha casaca, os quais não sabemos com que fim são aí colocados pelos ensaiadores da comédia.

No fim de tudo isto, surge uma carcaça, ornada de bambinelas, bojuda, rotunda e armada de costelas enormes e visíveis como o

cavername de um navio no estaleiro. É o boi: é a mola essencial da tragicomédia. Este exótico maquinismo, que sem a caveira enfeitada, e os galhos sem iguais, poderia passar por um casco de pipa velha ou pelo cavalo de Tróia, que fazemos idéia do que não seria, oculta em seu seio um possante indivíduo que é o hércules da função. Ele faz girar toda a traquitanda como a uma pena e incumbe-lhe a parte do terror.

Fecha por último o curioso cortejo a orquestra ao som da qual devem mover-se todos os calungas. Compõe-se esta de quatro cantadeiras, outros tantos tocadores de violas, duas rabecas fanhosas, maracás, botijas e pandeiros.

Chegada que foi a *troupe* ao centro da praça, tomaram os atores as suas devidas posições, temperavam-se os instrumentos, e o mestre deu sinal de que a brincadeira ia começar.

Um sussurro de júbilo percorreu a roda inteira dos espectadores.

Quatro berros tremendos estrugiram no meio do círculo; Mateus, de aguilhada em punho, avançou três passos em frente acompanhado do sujeito agaloado, e gritou:

— Eeeê... cô... Eeeê... cô.

E atirando-se para o lado dos tocadores começou a sapatear um baiano infernal, entoando esta quadrinha:

— Veja lá, senhor meu amo
Que dançado de feição!
Só queria me dissessem
Onde vais meu coração.

Quando estou no meu destino
Neste meu *ataraú*,[39]
Engulo *brasas de fogo*
Que nem sapo cururu.

— Ó Mateus, exclamou com voz destemperada o semijudas do *burrinho*, tirando ao público o seu enorme chapéu armado.

— Pronto capitão! respondeu o caricato vaqueiro, rodando sobre os pés e se lhe apresentando perfilado.

— Que é do Surubim?

— Saberá *vossuncê* que o bargado anda por montes e vales, grotas e catingas, serras e serrotes, rios e riachos, sem haver quem lhe dê volta ao sedenho.

— Quero já o meu mimoso!

— Virgem Santa, senhor meu amo... O bicho está com o diabo nos coiros!

Grande gargalhada recebeu esta coarctada do truão.

---

[39] Palavra de origem túpica, significando *raiva, fúria, lundu.*

O disparatado diálogo continuou por algum tempo, e findo que foi, o encoirado, fingindo sair em cumprimento às ordens do amo em busca do boi enfeitiçado, que se havia por perdido, voltou daí a poucos minutos a parodiar uma cena da excursão através do mato. Descoberta a rês, que se fora ocultar entre o povo, pelo infatigável campeiro, travou-se uma luta medonha, está bem-entendido que pelo ridículo, que acabou pela vitória de Mateus.

Morto o touro, grande foi o berreiro do improvisado fazendeiro que não se conformava com tão lamentável acontecimento, manifestando o desejo de que todos os meios fossem empregados para que o lindo barbatão fosse-lhe restituído vivo.

Era aí a ocasião oportuna de mostrarem suas habilidades o reverendo e o respeitável Hipócrates. Encetou-se então uma discussão patusca entre os dois ilustres personagens, em que afinal cantou vitória o discípulo de Esculápio, fazendo tornar a si o barbatão com grande desespero do coveiro de samarra e dos urubus que já disputavam a presa.

Devia-se esse resultado à heróica aplicação de um laxativo, com grande escândalo daquele que fora escolhido para representar o desagradável papel de profeta Jonas, invertida a ordem da entrada e da saída.

Salvo o herói da festa, começaram as verdadeiras emoções do folguedo.

Mateus deu um salto, e berrando três vezes, empunhou a aguiada gloriosa. O Surubim tornou a agitar-se, ergueu-se, afastou-se dois passos, sacudindo as fitas que pendiam-lhe dos chifres e precipitou-se sobre o vaqueiro, que já o esperava com toda a galhardia, na ponta do ferrão.

Ouviu-se uma toada sertaneja pouco mais ou menos como esta:

— Venha cá, senhor meu amo,
Escute minha razão;
Caboclo não tem dinheiro,
Caboclo não come, não.

Logo que o brinquedo chegou a este ponto, e o touro, furibundo às vozes de "ora bumba-meu-boi, ora vira-lhe a ponta, ora dá nesta gente" arremessou-se indistintamente sobre o poviléu, o espalhafato foi completo. Uns corriam para longe, outros saltavam pelas janelas das casas, atropelando os que se aproximavam, os mais tímidos deitavam-se no chão, todos em confusão tratavam como podiam de evitar a chifrada levantando uma algazarra dos demônios.

Só uma pessoa estranha à *troupe* ficara sem defesa no terreiro; era uma rapariga, que talvez envergonhada de se achar assim, buscava esconder o rosto.

Olhavam todos curiosos para a moça abandonada, quando um rapaz com o chapéu derreado sobre o rosto chegou-se do sujeito que se disfarçava em Mateus, e falou-lhe ao ouvido.

— Dou-te cem mil réis, Zé Magro, se não desanimares da empresa.

— Deixe tudo por minha conta, respondeu o mulato. É só chegar a ocasião. . .

Alfredo, pois não era outro, separou-se dele e passando por junto da menina disse-lhe baixinho:

— Resolve-te, Luizinha. Olha: se Germana te pega, entrega-te ao curiboca.

Cada vez mais aturdida, a filha do Papara ficou a olhar para toda aquela gente que a envolvia como se não compreendesse nem onde estava, nem o fim que a trouxe ali.

Boiava a coitadinha ao som dos acontecimentos que desencontradamente a afligiam.

— Agora não me escapas! bradou uma voz conhecida.

Luizinha volveu-se e deu com os olhos em Germana *esplêndida* de furor, que já ia lhe pondo os gadanhos em cima. Mas estava escrito que a velha não conseguiria naquela noite prender a fugitiva.

A esquálida figura do Caipora chegara-se para perto atraída pela surriada dos moleques que pateavam a desventurada, e, sungando-se o mais que pôde, dobrou-se pelo meio, e foi bater com a travanca em cheio nos ombros engelhados da velha.

— Fora a guariba! Zu! Zu! Zu! . . .

Germana vociferou, espumou, cuspiu, esmurrou. . . e, querendo cada qual tirar seu eito, houve um tumulto tal que a polícia teve necessidade de intervir.

Aproveitando-se da confusão Mateus ou antes Zé Magro segurou no braço de Luizinha, e puxou-a para fora do círculo.

— Saia daqui, menina, que podem lhe fazer mal. . .

E dizendo isto embarafustou, quase arrastando-a pela rua que enfrentava a matriz. Ficava a cadeia justamente aí.

João do Camocim preso na jaula presenciava esse espetáculo com um desespero indescritível; mostrando-lhe o acaso a noiva perdida na multidão, reconhecendo o seu figadal inimigo a cochichar com o mulato não se pôde mais conter: deu um urro medonho, e, puxando as barras de ferro para si, tentou rebentá-las e sair.

Neste estado de furor lobrigou-o a rapariga: e perturbando-se, quase a desfalecer de medo, procurou quem a amparasse.

Zé Magro que não a largava, disse-lhe entretanto:

— Não receie, menina. Aqui estou eu. . .

A pobrezinha debatia-se entre irresoluções cruéis. Olhou de novo para a grade e viu o malvado a ameacá-la com expressões brutais,

fazendo com o punho cerrado menção de quem brandia um punhal. Um calafrio tomou-lhe o corpo todo e perdendo os sentidos caiu.

Zé Magro aproveitando o ensejo e a confusão levantou-a nos braços e desapareceu.

XXVIII / PRESSENTIMENTOS REALIZADOS

IA ADIANTADA A NOITE, e a casa da serrana jazia mergulhada na mais profunda tristeza.

D. Genoveva, carpindo a ausência do filho, chorosa ajoelhava-se defronte da imagem do santo de sua devoção, e com as velas acesas no seu oratório deixava correr dos olhos lágrimas a fio. Só as mães podem compreender o que há de sublime nesse amor desinteressado, só elas sabem as angústias por que passam ao menor vislumbre de perigo iminente aos entes queridos.

A melancolia de Alfredo não lhe tinha por um momento saído da mente: este estado já lhe parecia extraordinário, chegando a acreditar que não fosse outro senão Tatu o causador de tudo aquilo. Não fora pois sem indizível constrangimento que vira o rapaz partir naquele dia para a vila, e em seu espírito entrou a suspeita de que ele ruminava alguma idéia oculta. Atrozes pressentimentos a assaltaram por fim, e a inquietação reduplicou-se à proporção que viu entrar a noite e entardecer sem seu regresso.

Torturada tomou o expediente de orar a Deus, e ao menor rumor, erguendo-se, abria a janela, olhava para a escura ladeira e cheia de desconsolo recolhia-se depois murmurando:

— Nada! Não verei mais hoje o meu Alfredo!

Chamava então os escravos, e, perguntando-lhes se não tinham visto o filho, desabafava atropelando-os com mil impertinências ociosas que só a aflição desculparia.

Súbito julgou perceber o baque da cancela que abira-se e fechava-se e logo um tropel de cavalos. Desta vez não se enganava. Correu alegre para fora, e ouviu a voz de Alfredo que entrava acompanhado de duas pessoas, que, falando em segredo, resvalaram para o lado de trás da habitação.

— Como és cruel, disse-lhe a velha abraçando-o freneticamente. Por que me fizeste sofrer tanto?

— Oh! minha mãe!... Deixe estar que mais de espaço lhe direi tudo.

A boa senhora chorava de prazer, o rapaz soltava imensos suspiros, e a olharem-se ambos como em reticências levaram os pri-

meiros momentos num enleio inexprimível. Em balde tentou a viúva depois surpreender o que se passava na alma de Alfredo; calado ou a pronunciar vagos monossílabos o apaixonado deixava-se dominar por uma sobrexcitação febril. Ia à janela, descia ao terreiro, mandava espreitar, ou fazia-o ele mesmo, o que havia em torno da vivenda, e tudo isto de um modo tão fora do comum que afinal a pobre velha ficou bem convencida de que algum grande perigo os ameaçava

Em um relógio antigo que existia na sala da frente acabavam de dar três horas, e por momentos reinara um morno silêncio, quando foram todos surpreendidos por uma detonação. Um tiro partira de sobre umas pedras que estavam a cavaleiro do edifício.

Um grito pungente rompeu dos lábios de D. Genoveva que lançou-se para o lado do filho; a senhora percebera o silvo de uma bala, e vira cair o reboco da parede justamente por cima da cabeça do rapaz. De nenhum modo habituado a estas cenas Alfredo, tarde reconhecendo a imprudência dos seus atos anteriores, teve medo, aterrou-se, e, vendo a morte roçar-lhe a negra asa, sentiu vacilar a cabeça. Volvendo porém do atordoamento recebeu a mãe entre os braços e bradou por socorro.

O alarma ergueu-se nas varandas da casa e os negros de foices em punho tomaram todas as saídas. O feitor, homem atlético e corajoso, assumia a defesa de seus amos.

— Quem será este desgraçado? disse ele surpreendido. Vamos já marcar-lhe o couro. Raimundo, Francisco, Pedro, José, ponham-se a postos, e olho firme, que havemos de descobrir o malvado esteja ele onde estiver. Ora isto tem jeito!?

Ditas estas palavras reuniram-se os escravos, e já procuravam escalar o barranco de onde partira o tiro, quando se lhes mostrou um mulato raquítico que até então lhes passara despercebido.

Era Zé Magro; mas não estava mais em sua companhia a pessoa que sem dúvida nenhuma seria a causa de todo aquele estrondo:

— É João do Camocim, Sr. Alfredo, refletiu ele avizinhando-se do moço. E temos o que fazer.

— Mas como pode isto ser, estando preso!? ponderou Alfredo assombrado. Não o vimos à tarde na cadeia? O subdelegado prometera tê-lo bem vigiado...

— Lá isto é verdade! tornou Zé Magro, porém o Tatu é o diabo, e os parceiros do curiboca estavam dispostos a tirá-lo da prisão, houvesse o que houvesse.

Uma gragalhada estridente soou do outro lado, e o mulato trêmulo escutou a voz do noivo de Luizinha.

— Cabra miserável, hoje pagas-me a traição!

— É ele! não tem dúvida... gritou o mulato. Façam fogo antes que um de nós pague com a vida o desaforo!...

As pedras achavam-se dispostas de modo que o facínora, ao tentar fugir, foi forçosamente obrigado a expor o corpo; o feitor tinha carregado uma clavina de caça, e, apontando-lhe o cano, descarregou a arma.

Dali partiu um berro de dor, e João sumiu-se por entre as árvores.

— Morreu o fama! bradaram todos, precipitando-se na direção que tomara o assassino.

Com surpresa geral porém não o encontraram; o curiboca tinha-se miraculosamente escapado. Apenas notaram que vestígios de sangue tinham ficado pelos lajedos, sinal certo de que ele tinha sofrido ferimento.

Recolhidos todos à vivenda, e, voltado Alfredo do terror em que o pusera a inopinada cena, tratou-se de tomar as providências para o caso de novo assalto, e o resto da noite continuou silencioso, só interrompido pelo grito soturno do bacurau e da peitica.

Luizinha entretanto atravessava — pobre criança! — uma fase horrível. Autômato dirigido por uma força invisível, deslumbrada pelo aparatoso de cenas que não lhe eram habituais, julgando-se transportada a um mundo de quimeras, presenciara a luta, do lugar onde a tinha deixado Zé Magro. Quando ouvira falar no nome de João deixou-se apoderar de um medo tal que caiu como fulminada.

Não teve coitadinha, quem a socorresse. Uma crise nervosa se manifestava; bastou porém que o terral bafejasse-lhe a face para restituí-la à vida.

Sem compreender o que sucedia em torno de si, ergueu-se, olhou em roda: e não vendo Alfredo nem o mulato que a conduzira, sofreu um arrependimento indizível.

Estava em completa escuridão o sítio, onde ela se achava. Supondo-se pela primeira vez abandonada, não é possível descrever o que ia por sua alma infantil; o instinto entretanto obrigou-a a procurar livrar-se daquelas trevas medonhas. Tateando, afinal conseguiu atravessar uma porta que dava para o fundo da vivenda.

A habitação continuava silenciosa. Apenas interrompia essa quietação um murmúrio que vinha de fora. Isto despertou a atenção de Luizinha que não tardou em descobrir que os sons partiam de um rochedo que ficava muito em cima, a cavaleiro da casa.

Construído no fim de uma esplanada, grande parte do edifício ocupava o espaço roubado à encosta da montanha, ficando as principais dependências por assim dizer metidas na escavação, de sorte que, mal terminavam as paredes, encontrava-se uma rampa

quase a pique praticada no barro, sobre a qual sentava uma pedra enorme que constituía uma constante ameaça aos moradores do sítio.

Pouca vegetação havia nesse lugar, e este fato por mais de uma vez já chamara a atenção das pèssoas da casa, pois que as águas, não encontrando resistência nem regime, tinham aos poucos minado a base da enorme pedra.

Ao tempo em que se passam as cenas que descrevemos, estes esboroamentos com as águas do último inverno tinham chegado a formar por baixo da pedra uma abertura capaz de dar passagem a um homem. Apenas equilibrada por um ponto, não seria necessário mais do que falseá-la pelo lado de diante para fazer toda aquela mole, acompanhada do resto do barreiro, despejar-se da altura imensa em que se achava, levando de rojo serra abaixo tudo quanto se opusesse à força de gravitação. A questão era de uma força capaz de tombar a pedra.

O rumor prosseguira, e a força de olhar para cima e espreitar viu Luizinha que alguma coisa se agitava nas sombras que dali se projetavam, e pouco a pouco foi-se mostrando um vulto sinistro.

Ainda não acalmada dos terrores por que passara pareceu-lhe enxergar a figura hedionda do Tatu.

Sonharia ela? Ou continuava presa do terrível prestígio[40]? Lembrou-se então das aparições do bruxo na lagoa, e quis-lhe parecer que todas as suas desgraças datavam da intervenção do monstro em seus amores. Uma nuvem escureceu-lhe a vista, e crendo já que o velho a buscava para algum de seus malefícios, horrorizada, recuou despenhando-se pelo lado da esplanada que ia ter à estrada. Confusa, alucinada, acoitou-se em um mucambo que aí havia abandonado

De onde lhe viria auxílio contra a sanha do feiticeiro?

E, a soluçar como uma criança no silêncio e abandono em que a desordem causada pelo súbito assalto à casa a colocara, maldizia a hora em que deixara entrar em seu espírito uma tão fatal afeição.

Levantava-se entretanto na vivenda novo alarido, e escravos armados de archotes começaram a percorrê-la de um lado para outro como se procurassem alguém. Vendo entre eles o vulto de Alfredo a medrosa menina sentiu-se animar, e pensou em correr para ali; não pôde porém dar mais de dois passos... De súbito se inflamara a encosta do barreiro superior, e uma tênue linha luminosa deslizou pela aresta do precipício. Rompeu daquele ponto um grande clarão acompanhado de um estampido, e à Luizinha afigurou-se que o

---

40 A.J. empregou aí a palavra prestígio no seu sentido menos lato, ou seja, de *engano, ilusão, fantasia.*

edifício cambaleava e o ninho de gaivota pendurado no alcantil, desprendendo-se envolvido em uma massa enorme, derruía pela grota abaixo.

Sem compreender o que significava tudo aquilo, supôs chegada a hora derradeira, e assombrada deixou-se cair, perdidos os sentidos.

XXIX / A CATÁSTROFE

A IMPRESSÃO que causara a João do Camocim a presença de Alfredo na folia de Maranguape fora indescritível.

Nunca o curiboca sentira pulsar-lhe o coração com tanta fúria como naquele instante, e, sedento de vingança, arremetera para as grades supondo ter forças talvez para despedaçá-las.

Oh! ele daria então todos os dias de sua vida para estar solto e em posição de poder mergulhar a faca nas entranhas de um por um dos que tanto o obrigavam a padecer. Não lhe escaparia nem a própria Luizinha...

Reduzido porém à impotência pela traição de Zé Magro, em pouco triunfou a reação. Praguejou, blasfemou e afinal caiu extenuado.

O seu único companheiro de reclusão era o seu futuro sogro, o infeliz Francisco do Papara, que sucumbido presenciava de um canto todos estes excessos. O pobre de espírito em sua fraqueza *filosófica* parecia resignado com sua sorte, e, confiando mais no socorro do que o outro, supunha-se deserdado, uma vez por outra dizia-lhe: — Paciência, meu compadre.

Voltara o silêncio por fim ao triste calabouço, e, apenas a festa terminada, o povo retirara-se exausto de prazer para o interior de seus casebres.

Era já tarde e apenas de vez em quando ouvia-se o brado da sentinela que passava de um lado e outro da prisão, que aqui o digamos, mais merecia o nome de choça, do que outra coisa.

João do Camocim velava, recordando-se das cenas do Pitaguari, e, revoltado contra o feiticeiro, queria porventura acreditar que havia em tudo aquilo uma zombaria indigna.

Corriam as horas, quando percebendo ele que a sentinela emudecera, levado por um leve pressentimento, foi espreitar o que se passava fora. A escuridão era quase completa: apenas a luz mortiça de um lampião distante deixava distinguir a forma dos objetos em torno; não obstante, esta tênue claridade foi-lhe bastante para permitir-lhe ver um vulto que se encostava à parede da prisão.

A princípio lhe pareceu que fosse o soldado adormecido; uma voz conhecida veio arrancá-lo a esta dúvida.

— Tatu! exclamou surpreendido o facínora. — Ainda este desgraçado tem o arrojo de vir-me perseguir com as suas feitiçarias? Não bastam as misérias que já tem havido.

— Não fales assim, filho! ponderou o velho, que cheguei em tempo de salvar-te.

Um raio de alegria brilhou no olhar selvagem de João.

— Mas a guarda! a sentinela! tornou ele como duvidando dos meios de que acaso dispunha o velho para soltá-lo. Como poderei sair com estas grades assim fechadas?

— Tudo previ, e aqui está. — A palavra fora acompanhada por um movimento, e as mãos do preso puseram-se em contato com um objeto frio. Era uma alavanca.

Confiado na sua força e coragem, não trepidou um segundo em pôr mãos à obra, e empunhando o poderoso instrumento de destruição, começou a escavar os bordos da parede que suportavam os gonzos. Se estes porém ofereciam rijeza aos braços de um homem possante, não acontecia outro tanto desde que se tratava de uma alavanca manejada por um forte pulso.

Muitos minutos não haviam transcorrido, e, já praticada uma grande fenda na muralha, dava espaço para introduzir o ferro e forcejar. João então meteu o ombro de encontro à alavanca, e, apoiando os pés na soleira da janela, distendeu os membros tão desesperadamente que afinal, desprendendo-se uma das pedras, abriu-se uma passagem para um homem de gatinhas.

Acordar Francisco, que cabeceava para o fundo do aposento, e sair precipitadamente da pocilga foi obra dum instante.

Não se calcula o pasmo do pobre velho ao ver-se por tal modo restituído à liberdade. Como era néscio, não se deu ao trabalho de inquirir do curiboca a razão desse milagre, nem o tempo era para explicações. Tratou logo o facínora de desvencilhar-se do trambolho, fez-lhe ver a necessidade de tratar por sua parte de pôr-se em segurança, e seguiu o seu destino.

Ao esgueirar-se pela calçada, tinha João visto que o guarda estava estendido no chão com a arma ao lado e a roncar como se houvesse sofrido algum ataque ou tomado alguma bebida endiabrada. A alguma distância o relaxado posto da guarda via-se abandonado dos soldados e poucos bêbados pela calçada.

O faquista olhou de revés para o feiticeiro e pensou nas suas beberagens enfeitiçadas. Loucos por cachaça, os miseráveis guardas teriam acaso bebido algum líquido por ele preparado.

Antes de afastar-se, lobrigando a arma que jazia ao lado do corpo inerte, veio-lhe a idéia de que dela poderia precisar ainda; sem

arrecear-se que no ato da espoliação despertasse o soldado, abriu-lhe a patrona, apoderou-se dos cartuchos, e pondo a espingarda no ombro, de parceria com o bruxo, tomou o caminho da Aratanha.

— Já sei, disse ele com um clarão medonho a fuzilar nos olhos, já sei que estava tudo combinado para matarem-me a alma. Mas digo-te eu, agora, velho Tatu, seja ela condenada às penas eternas se o miserável Zé Magro não morrer da morte mais desgraçada que já homem sofreu.

O feiticeiro meditabundo não proferia uma palavra. Regozijando-se intimamente com o resultado de sua obra acompanhava aquele corpo como a alma danada, que misteriosamente o animava.

Não foi difícil encontrar o rasto dos fugitivos, e certo de que Luizinha, raptada como ele vira, pelo mulato, estaria em poder do seu rival no sítio da serra, quase por instinto para lá dirigiu seus passos. Logo que chegaram à vista da vivenda os dois celerados, anteparando-se com as pedras que encobriam-na de quem quer que se aproximasse pelo lado do pomar, esgueiraram-se como dois espectros por entre as árvores e foram colocar-se de onde pudessem espreitar as suas vítimas. Enquanto o curiboca ávido de sangue tomava posição, o velho retirava-se, e pressentindo as imprudências do louco faquista, punha-se cautelosamente a salvo de qualquer agressão por parte como era de supor dos escravos de D. Genoveva. De feito não se fez muito esperar o que o caboclo velho pensava. João do Camocim descobrira, espreitando o interior da habitação, o rosto de Alfredo, e sem pensar em outra coisa naquele momento senão em sua vingança, sem calcular nos efeitos do ato que ia praticar, apontou a arma sobre o infeliz moço e disparou.

Vimos como a ânsia do curiboca, que em tudo era levado por uma fatalidade cega, cujo incongruente representante seria porventura o feiticeiro, fora recebido pelos habitantes do sítio.

Tendo errado a pontaria, o assassino rugiu de despeito e procurou carregar a arma. Era ao tempo que a fábrica animada pelo feitor corria com a intervenção de Zé Magro.

Certo então de que Luizinha não poderia, pela presença do mulato, estar em outra parte, perdeu de todo a razão e soltou uma gargalhada estridente com aquela ameaça terrível que fez tremer a todos.

— Já me esperavam; estavam preparados, murmurou ele. Reconhecendo a imprudência em persistir na situação perigosa que se criara, buscou pôr-se fora do alcance dos que o perseguiam.

Nesta ocasião foi que, descobrindo-se, atingiu-o a bala enviada pelo feitor. De têmpora inquebrantável, embora gravemente ferido, nem sequer cambaleou, e saltando por cima do precipício conseguiu iludir a perspicácia dos seus perseguidores, e escapar-se. Sem haver

perdido o furor que o impelia, procurava uma guarida, quando, dirigindo os olhos para cima, viu o Tatu que gesticulava como chamando-o de cima do alcantil iminente à vivenda. Fazer um esforço supremo, agarrar-se às escarpas e galgar a barranca foi para ele obra de um segundo.

Posto em segurança, pois o feiticeiro descobrira o esconderijo cavado pelas águas, o facínora deixou que a escravatura, desenganada de sua estada ali, voltasse ao repouso, para tentar novo cometimento.

Um sorriso perverso anuviou o semblante do velho, apenas o faquista manifestou esse desejo. Uma idéia pavorosa acabava de sugerir-lhe a imaginação fértil em recursos.

— Em que pensas? perguntou-lhe o curiboca.

— Em que com um pouco de ânimo terias de um golpe esmagado todos os teus inimigos e cumprido a tua sina.

O curiboca olhou espantado para o feiticeiro, como inquirindo a significação de tais palavras.

— Admiras-te? pois olha, disse. Enquanto tu te expunhas, eu ruminava um meio de vingar-te desta gente... E fazendo-o levantar-se mostrou-lhe a situação da rocha e a facilidade com que com um pouco de indústria se poderia fazê-la tombar. Um raio de alegria feroz iluminou-lhe o rosto, vindo-lhe logo a reflexão:

— Mas como rolá-la, sem morrermos debaixo dela?

— Nunca pensei que fosses tão curto de entendimento. Não conduzes contigo porção de pólvora?

— É verdade; tenho os vinte cartuchos que tomei ao soldado que embriagaste.

— Nada mais fácil pois do que desmanchar essa pólvora e fazer com ela o mesmo que se faz quando se quer rebentar a laje que se encontra no fundo da cacimba.

— Mas a mina? mas a mina?

— Não é preciso. Fê-la a natureza. Descobri aqui coisa que tanto monta e no lugar o mais conveniente.

Com efeito, da parte posterior da imensa pedra, em sua conjunção com outra soterrada, da qual parecia ter sido separada pela ação das alternativas atmosféricas, havia uma pequena fenda em certo ponto abrindo para um vácuo bem capaz de caber uma libra de pólvora.

O velho caboclo, mostrando ao alucinado João essa falha no rochedo acrescentou que, não estando ali a penedia presa senão por pequenas aderências, logo que por qualquer força o lascão se abrisse, tudo aquilo iria abaixo, e com o impulso, desprendendo outras pedras mais abaixo, aluiria infalivelmente o barranco superior que, despejando-se sobre a casa, faria um medonho estrago.

Acreditou o mísero na idéia do malvado velho que por mais de uma vez provocara-o contra os seus inimigos pessoais, e acedendo às malditas sugestões do caboclo pôs mãos à obra.

Toda a pólvora existente foi derramada e introduzida na broca natural, e um rastilho traçado até conveniente distância, de onde a salvo os dois malvados pudessem comunicar-lhe fogo. Não havia nada mais do que fazer saltar a mina.

Neste instante supremo, em que infalivelmente mais de uma vítima inocente ia cair ao ódio do selvagem, ao pegar no isqueiro para tirar a centelha que em um momento teria de fazer tudo aquilo derruir-se, o curiboca vacilou.

É que o coração, o mais empedernido sempre conserva na última de suas dobras um resto de humanidade. Além disto lembrava-se ele de que na catástrofe seria envolvida Luizinha, e, embora, depois das cenas de Maranguape, a odiasse de morte e sua presença na terra constituísse outros tantos motivos de desespero, ele a amava, e este sentimento por segundos suspendeu-lhe a alma sobre o abismo.

O Tatu pressentiu o que se passava no espírito do assassino e veio em seu auxílio.

— Não és digno da sorte que te preparo.

— E pensas tu, velho bruxo, que nesta ocasião não se me desperta a lembrança que o traído sou eu e o traidor és tu? De que me servirá acabar com as peiticas se por uma vez me foge Luizinha, de nada me valendo as tuas bruxarias!

— Espera, filho, que pela falta de fé é que vais-te perder. Tê-la-ás, com coragem, e não afastes o desígnio do destino com a idéia de vingar-te nela. Recorda-te do que mostrei-te em sonhos e cumpre o teu fadário.

Havia minutos que Tatu, desperto por alguma coisa que chamava-lhe a atenção para o fundo da casa, se debruçara sobre a aresta da barranca, examinando com os olhos felinos o que se movia embaixo.

Nisto ergueu-se e disse:

— Sem susto acaba com todos os teus inimigos. Ela está salva...

O tom profético com que foram proferidas estas palavras infundiu a João uma segurança tal que o fez esquecer tudo e só atender à felicidade que no fim de contas lhe prometiam. Dir-se-ia que no meio das sublevações de seu ânimo rebelde contra o prestígio sobrenatural do velho sua influência o subjugava por fim. Além das perdas que sofrera, a febre já o devorava, e uma espécie de delírio tomava-lhe o espírito, de sorte que ele, com os olhos amortecidos, quase nada via, só escutando a voz do Tatu que o fascinava:

Chegado a este estado, dirigiu-se ao feiticeiro:

— Dizes-me velho bruxo que ela está salva: e ela me terá amor? — exclamou o faquista, encostando fogo ao rastilho.

Ouviu-se um pequeno estampido. A pedra oscilou por um pouco e, perdendo o centro de gravidade, precipitou-se com grande estrondo, levando após si toda a parte da montanha que ficava a cavaleiro do edifício.

Uma grande nuvem de pó desprendeu-se do montão de ruínas, e por alguns segundos os ventos conduziram os sons produzidos pelo estalar das árvores, que eram arrancadas no vertiginoso esboroamento. Depois voltou tudo ao antigo silêncio, sem que um só gemido, um só soluço soltassem os míseros surpreendidos em sua imprevidência pelo gênio do mal.

XXX / CONCLUSÃO

TINHA RAIADO O DIA, e o sol mais brilhante do que nunca viera iluminar uma cena de desolação.

Alguns escravos, na ignorância do que ocasionara tão grande desgraça, e por um milagre escapos à morte, tinham corrido horrorizados à várzea, a referir o acontecido, de sorte que ainda bem não havia amanhecido, imensidade de curiosos já se reuniam em torno dos destroços do que outrora chamava-se o sítio da serra, buscando cada qual mais atilado explicar a causa do sinistro.

Essa terrível notícia não se demorou muito em chegar aos ouvidos de Francisco, que a este tempo, refugiado na lagoa, carpia a sua desgraça em companhia da cara-metade. Esta, acabrunhada, pouco falava agora, suspeitando vagamente, pelas histórias que lhe referira o marido, que, raptada, a filha não tinha sido conduzida a outra parte. Sopitados os impulsos que de alguma sorte a obrigavam a maldizer a rapariga, sentiu de súbito crescer-lhe a ternura maternal, e estremeceu só com a idéia de que a mísera tivesse sido uma das vítimas.

Enérgica e ativa, embora vergada ao peso da desventura, Germana não trepidou em arrancar o Francisco à prostração em que se achava, e, uma hora depois, chegava ofegante ao lugar da catástrofe.

No momento em que o par de galhetas, mais digno então de compaixão do que de riso, achegava-se do mocambo em que se escondera a filha aterrada pela figura do Tatu, por acaso algum dentre os curiosos a tinha encontrado inanimada, e a princípio

julgando-a uma das vítimas do esboroamento, procurava restituí-la à vida, dando-lhe a respirar um pouco de aguardente. Não levara a menina muito tempo, com esse elixir improvisado, a voltar a si.

Logo que abriu os olhos esgazeados, lançou-os tristemente em torno de si; ergueu-se de um salto, fixou a vista no montão de ruínas e soltou uma gargalhada alvar.

— Zinha! — gritou em soluços e banhada em lágrimas Germana, buscando ampará-la, em seus braços. Zinha!. . .

Mas embalde falou à desventurada e chamou por seu nome; a moça não a conhecia: tinha perdido a luz da razão.

Deixaremos de reproduzir as lamentações dos dois velhos em face do triste espetáculo da loucura da filha. Eram de compungir o coração mais insensível os brados de Germana inconsolável, que, no seu desespero, só a si, às suas agruras, queria atribuir os passos infelizes que tinham levado a filha àquele extremo.

— Tão criança, tão linda, e tão malfadada! murmuravam os circunstantes.

Socorridos por essa gente caridosa, puseram-se logo os nossos dois velhos a caminho, conduzindo a rapariga, que, regressando ao ninho em que feliz vivera tanto tempo em Jassanaú, e em tão má hora deixara pela vila, foi cercada de todos os recursos de que podia dispor a pobre família para salvá-la. Falou-se em solicitar as mandingas do Tatu. Mas, quando esse nome terrível foi pronunciado, deixou-se a menina agitar por tão feias convulsões que não mais pensaram nisso. Então cuidaram em empregar as orações e arrancar um milagre das potestades celestes, com o prestígio de umas relíquias que a velha há muitos anos guardava com o maior cuidado.

Reconciliados na desgraça, estavam no alpendre da casinha, outrora tão alegre e agora tão triste, Francisco e Germana a conjecturar assim nos funestos sucedimentos que dias havia os acompanhavam, bem longe de pensarem no verdadeiro autor de suas desventuras, quando viram por entre as árvores vir se arrastando a figura do João do Camocim, pálido e desfeito como a morte. Atrás dele esgueirava-se o vulto do feiticeiro.

Ambos sobressaltaram-se e instintivamente levantando-se recolheram-se para o interior da casinha. Era que, depois da assuada e do assassinato perpetrado na lagoa, o curiboca tornara-se para o casal, agora mais circunspecto, um objeto de execração.

Ao ver o movimento dos dois, João do Camocim compreendeu que sua presença ali ia dar causa a uma nova crise. Sustentado porém pelos sortilégios do Tatu, que continuava a sugerir-lhe audácia, animou-se a aproximar-se. Dominado por uma febre intensa, apesar dos medicamentos que lhe havia o velho aplicado, o facínora

mal podia suster-se sobre os pés. Só uma coisa o alimentava: a esperança de que agora a Luíza se lhe entregaria, e, sendo assim, não havia mais para ele do que tomá-la nos braços e foragir-se para onde as justiças não mais soubessem notícias suas.

Como o desgraçado se iludia! A terra não estava longe de ver-se livre de tal monstro; o veneno que lentamente o corroía já se derramava em borbotões pelas veias, e os sintomas de uma morte próxima manifestavam-se soberanos. Chegando defronte do alpendre de onde tantas vezes lobrigara a mimosa náiade de Jassanaú, parou, e, apoiando-se para não cair em uma estaca a que se prendia a pequena cancela, lançou um olhar ávido para o interior da habitação. Francisco e Germana recuaram espavoridos pelo aspecto repulsivo do faquista, cujas pálpebras abriam-se desmesuradamente. Ao mesmo tempo, de dentro de casa, saiu uma risada argentina como de uma pessoa que fora surpreendida por um súbito prazer. Luizinha, soltando frases desconexas, vinha a correr, figurando perseguir alguém que tanto a divertia. A pobre louca sonhava acordada, talvez com o desgraçado e leviano Alfredo. Assim entretida, continuou ela em seu inocente folguedo até a porta, quando, dando de repente com o semblante de João, soltou um grito horroso e, agarrando-se com a mãe, escondeu o rosto no seu colo.

Não se avalia o choque que esta cena produziu no autor de tantos atentados.

Um misto de sentimentos ternos e de cólera acabou de dilacerar-lhe as entranhas.

— Enganado ainda uma vez! — bradou João nos paroxismos do desespero. — Morro, mas quem me deu a morte não se rirá de minha desgraça!

Volveu-se para o lado onde devia estar o feiticeiro e fez um esforço para aproximar-se dele; as forças não o ajudaram. O aparelho[41] mal colocado desprendeu-se da ferida e um sangue negro golfou da infecta abertura.

João do Camocim soltou um urro e caiu vomitando em uma blasfêmia a alma que só ao mal fora votada.

Estáticos, Germana e Francisco e mais alguns vizinhos que tinham acudido ao grito da menina, presenciaram esse trágico passamento, sem articular uma palavra.

Entretanto o Tatu, de longe salmodiava não sei que orações misteriosas em atenção ao defunto. Havia sinceridade neste ponto.

---

41 Forma antiga por que se denominavam as ligaduras, os pensos.

Esse índio velho, gênio da superstição daqueles sítios, conquanto muitas vezes exercesse vinganças pessoais e não poupasse vítimas à sua negregada indústria, acreditava no seu prestígio e com a maior convicção praticava essa infame profissão.

João havia sido um seu adepto; trabalhara por sua felicidade, e abismou-o.

Satanás admirava-se de que sua obra não surtisse o desejado efeito.

NOTAS AOS CAPÍTULOS

ADVERTÊNCIA

NÃO QUEREMOS *tomar a responsabilidade desta publicação. Maus fados perseguiram* Luizinha, *desde o nascedouro. Escrito este livro em 1873 nas horas que nos sobravam nos encargos de juiz municipal, quando tal cargo exercíamos em Maranguape, por duas vezes começamos a publicá-lo em folhetins, sem que, por causas independentes de vontade, aparecesse a conclusão.*

Acreditando que a imprensa o repelia, tínhamos entendido devê-lo condenar à gaveta dos papéis velhos com a competente declaração de óbito sobre a sepultura: inviável.

Houve porém uma alma caridosa que entendeu ser obrigação minha entregar-lhe o manuscrito, como pagamento de uma dívida que dizia antiga; e, como esse fato importe para nós uma fineza sem limites, consinta esse amigo que aqui dediquemos-lhe o nosso trabalho, e mandando Luizinha *expor-se aos motejos de um público rigoroso, o tornemos responsável por todo e qualquer desastre que venha a sofrer a pobrezinha.*

Apadrinhe-a a carta que abaixo transcrevemos:

"Caro Araripe. — Ainda éramos meninos quando pedi-te um romance de cunho cearense. Vejo agora que realizaste a promessa, mas não a queres completar. Recusas que por minha parte cumpra o empenho que tomei de publicá-lo. Não consinto nisto: tenho direitos sobre ele e exijo satisfação. Deixa-me os remorsos da perda de Luizinha. *Tudo quanto de mal vier-te por este pecado lança em minha conta, e basta. — Teu amigo afetuoso T. Franklin de A. Lima. Riachuelo, 10 de Março de 1878."*

*

Usamos no texto deste trabalho algumas expressões e frases acaso desconhecidas a pessoas que nunca estiveram em províncias do norte, e que são peculiares à linguagem empregada pelo povo que habita aquelas regiões. Para melhor inteligência dos diálogos, registramos aqui as mais notáveis com a respectiva significação.

CAPÍTULO I

PRECAPARA.- Nome indígena. Narceja ou pato pequeno que abunda nas lagoas. É muito sagaz e com imensa dificuldade conseguem os caçadores feri-lo quando n'água.

CAPÍTULO II

CHOÇA DO CAITETU.- Casinhola onde os agricultores pobres manipulam a farinha. Caitetu — chamam assim ao rodete de desmanchar a mandioca em razão da roncaria que produz semelhando à que faz o animal conhecido por este nome, desde que o enfurecem.

COPIAR (ou melhor COPIARA).- Voz indígena, que significa varanda, alpendre.

CAFIROTO ACESO.- O mesmo que se dissesse — *de candeias às avessas.*

CAPÍTULO III

PANEMA.- Poltrão, podre, sem espírito.

XINGAR.- Invetivar.

CAPÍTULO V

PADRE-NOSSO ÀS AVESSAS.- Crê a gente do povo, e dizem os feiticeiros, que rezada a oração dominical por este modo tem uma força extraordinária. De sorte que, segundo eles, mais ouve Deus por palavras truncadas do que por certas, talvez por escrever direito por linhas tortas.

Há neste gênero milhares de abusões que seria enfadonho enumerar. Por exemplo: O *credo em cruz* é uma oração que desata as maiores dificuldades, e a *oração de S. Marcos* abate o novilho mais enfurecido ou o assassino mais sanhudo.

PATUÁ (PATAUÁ ou PATIGUÁ).- Caixa, arca, canastrinha quase da feitura de um baú (Dias), mas em sentido comum indica uma camândula, ou oração escrita enrolada em pano com alguma verônica de latão, presa a um cordão para pendurar ao pescoço. Há infelizes que acreditam tão sinceramente na influência dos tais *patuás mandingas* que, uma vez de posse deles, supõem-se invulneráveis, assassinos muitas vezes que se tornam perigosíssimos por viverem persuadidos de que não há mal que possa entrar-lhes no couro. Foi socorrendo-se dessa crença estúpida que um padre, conhecido na província do Ceará pela alcunha expressiva de *benze cacete*, conseguiu arregimentar um batalhão de cabras fanáticos e oferecer resistência séria em 1832 às forças constitucionais.[42]

CAPÍTULO VI

CURIBOCA.- Casta muito comum no norte do império. Produto do concurso dos sangues branco, africano e indígena. De ordinário, os indivíduos desta espécie têm pele avermelhada escura, cabelos lustrosos e anelados.

LÍNGUA DE TATU.- Faca de ponta.

AJUSTA COMO BOCA DE BODE.- Frase equivalente a esta outra — *lé com lé, cré com cré.*

FAMANAZ.- Célebre, falado, conhecido.

DESABUSADO.- Sem escrúpulos, destemido.

---

[42] Alude Araripe Júnior a uma das mais curiosas e famosas figuras do clero e da vida pública no Ceará de entre fins de Brasil-Colônia e princípios de Brasil-Império, ainda hoje não devidamente estudada no contexto social de sua época, o Padre Verdexa, de quem faz breve biografia o Barão de Studart, em seu precioso *Dicionário biobibliográfico cearense.*

CAPÍTULO XII

GINETO.- Sela rústica fabricada no país, semelhante aos lombilhos que usam no Rio Grande do Sul: *Ginete*.

CAPÍTULO XIII

BROCAR E ENCOIVARAR ROÇADOS.- Um dos trabalhos mais árduos no amanho do campo para o plantio: consiste em desbastar à foice o mato rasteiro (*broca*), deitar abaixo a machado o arvoredo, cortá-lo, queimá-lo e, depois de tudo seco, reunir as coivaras ou os gravetos que restarem para reduzi-los de todo a cinzas.

ESPIGAR.- Termo de gíria sertaneja, quer dizer matar.

O FAMA.- O herói.

A CAIPORA.- O mesmo que *guignon* em francês. Ando encaiporado, tudo anda-me às avessas.

ANDAR NA BATIDA.- Seguir os rastos, ir nas mesmas águas, perseguir.

CAPÍTULO XIV

ESPINHO.- Vocábulo familiar para significar o instrumento homicida.

SAMBA.- Palavra não sabemos se de origem indígena ou africana que traduz quanto há de mais agradável ao habitante da casa de palha.

O samba é a *soirée* do povo baixo. Os dançados que caracterizam esse divertimento são muito diferentes do *batuca* ou *cateretê* dos africanos. Longe de darem ao tronco e braços o movimento violento de que tanto gostam estes, fazem os sambistas convergir toda a perícia para a agilidade das pernas, realizando verdadeiros prodígios coreográficos.

A muito sambistas vimos nós vencer dificuldades incríveis variando de figuras ao infinito. Os bailados mais conhecidos são o *sapateado*, o *revira*, a *bênção de Deus*, a *farinha queimada*, o *choradinho* e o *coco*.

BAIÃO (ou BAIANO).- É o termo genérico com que exprimem toda a dança que tem conhecido o ritmo em três batidas num compasso.

CABRA TOPETUDO.- Homem valente, audaz e altivo, talvez pelo topete que usavam os famigerados mestiços que, durante a reação de 1825, espalharam-se pelo sertão do norte a afrontar os homens brancos patriotas.

MATOLÃO.- Surrão, alforge de couro em que os sertanejos conduzem a roupa e os utensílios de viagem às costas.

CAPÍTULO XVII

CORRUPIÃO.- Pássaro cantador conhecido no sul pelo nome de sofrer.

MURICI.- Fruta aromática, cresce nos tabuleiros ou terrenos arenosos da costa, em moitas. É muito saborosa e apetecida: dela prepara-se a *cambica*, que é uma espécie de creme deliciosíssimo.

CAPÍTULO XVIII

RANCHO.- Pouso. O meu rancho: a minha casa.

CAPÍTULO XIX

SUÇUARANA.- Onça pequena.

PEITICA.- Ave cujo canto querem que se assemelhe ao nome. Termo familiar com que designam a pessoa impertinente. Também chamam assim ao duende que nos persegue dia e noite.

REIMA.- Mau humor.

CAPÍTULO XX

FEITIÇO.- Misto de abusões africanas e indígenas. O feiticeiro é o *pajé* mais civilizado. Anda o sertão cheio destes curandeiros, que chegam às vezes a ser até chamados por pessoas discretas, de quem se deveria esperar menos simplicidade. Armados de drogas colhidas na rica flora brasileira, têm eles uma terapêutica misteriosa com que pretendem fazer

milagres: acreditam porém que o poder que exercem não reside tanto no medicamento como nas palavras cabalísticas proferidas no ato de aplicá-los e na imposição das mãos.

É assim que curam o mau-olhado, o quebranto, moléstias seguramente de origem nervosa atribuídas a causas sobrenaturais: tomam o *sangue de palavra*, isto é, estancam as mais violentas hemorragias com o olhar; curam de cobra, tornando por meio de esconjuros o sujeito invulnerável a esta casta de animais; dão *mandingas* (força e coragem sobre-humanas) a quem não a tem: levantam o gado doente no mato pela simples inspeção e benzedura do rasto; fazem desaparecer a bicheira por oração; magnetizam serpentes com que andam, e deixam-se morder por elas para mostrarem que o veneno nada consegue sobre si; aniquilam formigueiros só com a simples colocação de seus chapéus de couro na entrada da cova; e mil outras coisas que de pronto não nos ocorrem.

CAPÍTULO XXI

MANGAÇÃO.- Caçoada, pilhéria, debique.

A FESTA PARECE HOJE DE FEIÇÃO.- Isto é: corre prazenteira, alegre, promete ser agradável. Também se diz uma *moça de feição* — para significar que é bonita.

A BRANCA.- Cachaça, que se traduz aliás pelos nomes *pilóia, mandureba* e *sinhá aninha.*

CABRA DANADO.- Expressão encomiástica. Homem simpático, valente, e de bom parecer.

BATER A PEDRA.- Fechar o olho, namorar.

CAMPEÃO.- O herói da festa, aquele que sai vitorioso de um desafio.

DESMANIVAR.- Decidir uma questão.

PENDANGA.- Baboseira, dificuldade.

CARRA DE LENHA.- Homem já provado em negócio grave.

MAIS FECHADA QUE PITANGA.- Vermelha, ruborizada.

BALDA CERTA, VERMELHO NA CATINGA.- O mesmo que se dissesse: — que pelas faces se conhece quem tem culpa no cartório.

DOIS TATUS NÃO FAZEM CASA EM UM SÓ BURACO.- Provérbio sertanejo. Não cabem dois proveitos em um só saco. Logo que dois homens pretendem a mesma mulher, brigam.

MULATO DO PÉ RACHADO.- Expressão injuriosa.

HOMEM DE PAPOCO.- Completo, de qualidades eminentes.

VIVER NAS PALAVRAS DA SALVE-RAINHA.- Alusão àqueles que só vivem a gemer e a chorar.

CAPÍTULO XXIII

O DEGAS.- Eu infalível. Termo enfático.

ZABELÊ.- Rolinha bravia.

ARISCA.- Fugitiva, erradia.

RODA-DE-PAU.- No tempo da revolução de 1824 era o suplício que costumavam infligir aos inimigos da Liberdade.

Metia-se a vítima no meio de um círculo de indivíduos armados de cacetes, e ali tangia-se o rufo como na pele flexível de um tambor.

CAPÍTULO XXV

COCÓ DE CORDÃO.- Nome injurioso que atiram às velhas em razão do modo por que amarram o cabelo.

CANDONGA.- Rapariguinha gorda, e embiocada.

CAPÍTULO XXVI

RAPAZ DE MEMÓRIA.- Moço inteligente, pernóstico. Memória é sinônimo de talento.

CHIMANGO OU CARRAPATO.- Denominação por que é conhecido no Ceará o partido liberal.

CARANGUEJO.- Partido conservador.

XILINDRÓ.- Cadeia.
CANGACEIROS.- Valentões que andam cobertos de armas.
PEGA.- Recrutamento.
CARREGAR OPINIÃO.- Sustentar capricho.
PINGA.- Aguardente.
ALUÁ.- Bebida tirada do milho fermentado. Recolhem-na em grandes potes e, durante os sambas, por ser barata, é o que se derrama mais à farta.
LOUVAÇÃO E DESAFIO.- Consiste a primeira no intróito ao samba em que se exaltam as boas qualidades do dono da festa. Desafio — é a luta entre os improvisadores, e há os tão férteis e originais que levam noites e dias a fio sem esgotarem a musa.
CABEÇÃO.- Parte da camisa da mulher que cobre os seios e cinge os ombros. É de ordinário aberto em crivo ou grade de rendas e constitui objeto de vaidades para as caboclas, que usam-no livres da opressão de um corpo de vestido.
QUEIMAR A CACADA.- Errar o passo na dança, fazer uma coisa malfeita, fiasco.
GINGAR.- Afetar de grande coisa.
DESTABOCADO.- Sujeito sem contemplações, doido, pancada.
RALHADOR.- Aquele que desafia, que mete em brios o outro, chama-o a terreiro.
BARGADO.- Boi matreiro, que ilude a vigilância do vaqueiro, não se deixando pegar. Bargado é o homem de espírito e tratante.
BOI CATINGUEIRO.- É o fujão que vive embrenhado nas caatingas, que são matos baixos mas difíceis de romper.
LICOR PREPARADO COM O MEL DE ABELHAS.- É uma mistura de aguardente com o mel de pau.
Embriaga subitamente.
TRAZER O BICHO ENCHIQUEIRADO.- Isto é: cortar-lhe a vasa, prendê-lo para que não se aproxime do objeto desejado.
Como estas, há muitas outras frases expressivas, por exemplo — *acei-rar os quindins da menina*, frase de namorados que diz o mesmo que — cercar a rapariga de atenções de modo a não deixar que se aproximem dela os rivais. Aceiro é a brecha ou limpa que fazem em torno dos roçados para não se propagar o fogo, e daí provavelmente tiram os matutos o símile.
O COQUINHO NÃO ESTÁ MADURO.- Modo de falar correspondente a este: a menina não está ainda em ponto de casar.
METER OS PÉS.- Fazer barulho, romper com um amigo, arrepender-se de um negócio.
SABENÇA.- Conhecimento exato das coisas, ilustração.
ESPOJEIRO.- Pequeno cercado em torno da casa.
PUNIR.- Profligar, defender.
DESIMAGINAR-SE.- Despersuadir-se.
CABROEIRO.- Porção de povo reunido.

CAPÍTULO XXVII

GAMBÁ.- Saroê ou cassaco. Gosta muito de aguardente.
EÊ... Ô... EÊ... Eô... Eoeô... Iô...- Voz de que se servem os vaqueiros quando puxam as boiadas. Fazem-no sempre em um tom saudoso e triste que impressiona a quem os ouve pela primeira vez.
NESTE MEU ATARAÚ.- Isto é: quando estou furioso.
CAPITÃO.- Tratamento que o povo costuma dar indistintamente a todo o homem de gravata lavada. Para essa gente e principalmente para o caboclo, nenhuma raduação superior ao capitão. Tudo que há de grande tem essa distinção. Assim, para ele não há presidentes, não há imperador; aqueles são capitães pequenos e este o capitão grande.
QUADRINHA.- É a forma mais comum da poesia popular. Caracterizam-se as quadras dos improvisadores pela nenhuma relação dos dois primeiros versos que são de ordinário disparatados, com os últimos, onde acha-se o conceito.

A questão principal é rimar, e os seguintes espécimes dão uma idéia exata desse gênero de trovas.

Manjericão miudinho,
Salpicado de abecê...
Meu coração só me diz.
Que eu me caso com você.
Cabeça de bagre.
Rabo de tatu...
Eu vi a meu amo
Na volta do sú (sul).

SEDENHO.- O mesmo que rabo, cauda. Os sertanejos têm também seus estilos de polidez. Deste modo, não há quem consiga que mencionem certas coisas, que reputam nojentas, sem emprego do eufemismo. O porco é o *cabeça baixa*, o rabo é o *sedém*, e sempre acompanhados do indefectível — *com licença de vosmincê.*